



# O MAGO

RAYMOND E. FEIST

*Tradução de Cristina Correia*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

*Este livro é dedicado à memória do meu pai, Félix E. Feist,  
um mago sob todos os aspectos*

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que facultaram uma ajuda incalculável para a concretização desta obra. Gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos a:

Aos *Friday Nighters (Malta das Sextas-Feiras)*: April e Stephen Abrams; Steve Baret; David Brin; Anita e Jon Everson; Dave Guinasso; Conan LaMotte; Tim LeSelle; Ethan Munson; Bob Potter; Rich Spahl; Alan Springer e Lori e Jeff Velten, pelas proveitosas críticas, entusiasmo, apoio, crença, conselhos sábios, ideias maravilhosas e, acima de tudo, pela amizade. Billie e Russ Blake e Lilian e Mike Fessier, pela constante determinação em ajudar.

Harold Matson, o meu agente, por correr o risco comigo.

Adrian Zackheim, o meu editor, por pedir ao invés de exigir e por trabalhar com afinco na criação de um bom livro.

Kate Cronin, assistente editorial, por ter sentido de humor e por aturar com elegância todos os meus disparates.

Elaine Chubb, revisora, pelo seu toque delicado e por revelar um carinho tão grande pelas palavras.

E a Barbara A. Feist, a minha mãe, pelo sobredito e ainda mais.

Raymond E. Feist  
*San Diego, Califórnia*  
*Julho de 1982*



## AGRADECIMENTOS REFERENTES À EDIÇÃO REVISTA

Por ocasião da publicação desta edição preferida do autor, gostaria de acrescentar os nomes seguintes à lista anterior, pessoas que, pese embora ainda não as conhecesse na altura em que escrevi os agradecimentos precedentes, representaram uma ajuda inestimável na divulgação de *O Mago* e contribuíram de modo relevante para o meu sucesso:

Mary Ellen Curley, que assumiu o cargo da Katie e nos manteve na linha.

Peter Schneider, cujo entusiasmo pelo trabalho me proporcionou um aliado valioso na Doubleday e um grande amigo na última década.

Lou Aronica, que o comprou mesmo não tendo interesse em fazer reedições e por me ter dado a oportunidade de regressar à minha primeira obra e “reescrevê-la uma vez mais”.

Pat Lobrutto, que ajudou ainda antes de fazer parte das suas funções e que assumiu a tarefa numa altura difícil, e cuja amizade permanece para lá da nossa relação profissional.

Janna Silverstein, que, apesar do seu breve mandato como minha editora, tem mostrado um sinistro dom de saber quando me deixar em paz e quando me contactar.

Nick Austin, John Booth, Jonathan Lloyd, Malcolm Edwards e toda a gente da Granada, presentemente HarperCollins Books, que tornaram a obra num sucesso de vendas internacional.

Abner Stein, o meu agente britânico, que vendeu a obra ao Nick em primeiro lugar.

Janny Wurts, por ser minha amiga e que, por trabalhar comigo na Trilogia do Império, me proporcionou uma perspectiva completamente diferente dos tsurani; ela ajudou a mudar O Jogo do Conselho que, de um conceito vago, passou para uma verdadeira e cruel arena de conflitos humanos. A invenção de Kelewan e Tsuranuanni cabe-lhe tanto a ela quanto a mim. Eu desenhei os esboços e ela coloriu com pormenores.

E a Jonathan Matson, que recebeu o facho das mãos de um grande homem e prosseguiu sem hesitações, providenciando conselhos sábios e amizade. Quem sai aos seus não degenera.

Acima de tudo, à minha mulher, Kathlyn S. Starbuck, que compreende as minhas aflições e as minhas alegrias neste ofício uma vez

que também ela labuta na mesma vinha, e que está sempre presente, mesmo quando eu não mereço que ela esteja, e que dá sentido a tudo com o seu amor.

Raymond E. Feist  
*San Diego, Califórnia*  
*Abril de 1991*

## PREFACIO À EDIÇÃO REVISTA

É com alguma hesitação e uma grande dose de ansiedade que um autor encara a tarefa de rever a edição anterior de uma obra de ficção. Aplica-se especialmente caso o livro tenha sido a primeira tentativa, considerada bem-sucedida pela maior parte dos critérios e que tem vindo a ser reeditada ao longo de uma década.

*Mago* foi tudo isto e muito mais. No final de 1977, decidi tentar escrever, a tempo parcial, enquanto trabalhava na Universidade da Califórnia, em San Diego. Passaram cerca de quinze anos, e há catorze anos que sou escritor a tempo inteiro, com tal sucesso neste ofício que ultrapassou todos os meus sonhos. *Magician*, o primeiro romance do que viria a ficar conhecido como *The Riftwar Saga*, foi um livro que depressa ganhou vida própria. Hesito em admiti-lo publicamente, mas a verdade é que parte do sucesso do livro deveu-se à minha ignorância quanto ao que torna um romance num sucesso comercial. O meu anseio de mergulhar cegamente numa história que abrange dois mundos diferentes, cobrindo doze anos nas vidas de várias personagens principais e dezenas de secundárias, quebrando diversas regras de enredo pelo caminho, parece ter encontrado almas gêmeas entre os leitores do mundo inteiro. Depois de uma década à venda, estou em crer que o que torna o livro cativante tem a ver com o facto de se basear no que outrora foi conhecido como “narrativa arrebatadora” (“ripping yarn”). Poucas ambições tinha além de criar uma boa história, que satisfizesse o meu sentido de deslumbramento, aventura e fantasia. Ao que parece, milhões de leitores – muitos deles leram traduções em idiomas que não consigo sequer imaginar – também a julgaram como indo de encontro ao seu gosto por tais narrativas.

Apesar de se tratar de uma primeira tentativa, a verdade é que se manifestaram algumas pressões do mercado ao longo da criação da versão final do livro. Independentemente do critério, não há dúvida de que *Magician* é uma obra extensa. Quando a penúltima versão do manuscrito chegou à secretária do meu editor, fui informado de que tinha de cortar cerca de cinquenta mil palavras. E assim fiz. Na sua maioria, linha a linha, embora também tenha eliminado ou extirpado algumas cenas.

Ainda que conseguisse viver a minha vida sabendo que o manuscrito original tal como fora publicado era a única edição que se lera,

sempre senti que parte do material cortado acrescentava uma determinada sonoridade, um contraponto, diria até, a elementos fundamentais da narrativa. As relações entre personagens, os pormenores adicionais de um mundo alienígena, os momentos secundários de reflexão e júbilo que servem para equilibrar a acção mais frenética de conflitos e aventuras, tudo isso estava “lá perto, mas não era o que tinha em mente”.

Seja como for, para celebrar o décimo aniversário da publicação original de *O Mago*, foi-me permitido regressar a esta obra, reconstruí-la e alterá-la, adicionar e cortar como me aprouvesse, para produzir o que é conhecido no mundo editorial como a “Edição Preferida do Autor” da obra. Por conseguinte, com a antiga advertência: “Se não está partido, não consertes”, a soar-me aos ouvidos, regresso à primeira obra a que meti mãos, quando não tinha pretensões de fazer disto profissão, não possuía estatuto de autor de grande sucesso e, basicamente, não fazia ideia do que estava a compor. Tenciono recuperar alguns desses pedaços extirpados, alguns pormenores secundários que me pareciam contribuir para o vigor da narrativa, bem como para o valor do livro. Já outro material estava directamente relacionado com os volumes seguintes, definindo uma parte do ambiente mítico de base à Guerra da Brecha. As discussões ligeiramente demoradas sobre sabedoria popular entre Tully e Kulgan no Terceiro Capítulo, bem como alguns dos pormenores revelados a Pug na Torre de Provas encontram-se manifestamente nesta área. Nessa altura, o meu editor não aprovou a ideia de uma sequência, por isso, algumas destas partes foram eliminadas. O seu regresso poderá visar a satisfação própria, mas como sentia que este material pertencia ao livro original, tive de o recuperar.

Àqueles leitores que já descobriram *O Mago* e que perguntam se será do seu interesse adquirir esta edição, gostaria de os tranquilizar dizendo que as alterações não foram profundas. Nenhuma das personagens que morreu está agora viva, nenhuma batalha perdida foi transformada numa vitória e dois rapazes encontram o mesmo destino. Peço-vos que não se sintam compelidos a ler este novo volume, pois a memória que possuem do trabalho original é válida, talvez ainda mais, do que a minha. Porém, caso desejem regressar ao mundo de Pug e Tomas, voltar a descobrir velhos amigos e aventuras esquecidas, considerem esta edição a vossa oportunidade de ver um pouco além da última leitura. Ao novo leitor, dou as boas-vindas. Creio que esta obra será do seu agrado.

É com profunda gratidão que desejo agradecer-vos a todos, novos leitores e conhecimentos antigos, pois sem o vosso apoio e encorajamento, dez anos de “narrativas arrebatadoras” não teriam sido possí-



veis. Se me é dada a oportunidade de vos proporcionar uma parte do prazer que sinto em poder partilhar as minhas aventuras fantasistas convosco, somos recompensados em igual medida, pois ao receberem as minhas obras permitiram-me conceber muitas mais. Sem vós, *Silverthorn*, *A Darkness at Sethanon*, *Faerie Tale* não teriam existido, tal como não haveria uma *Trilogia do Império* (*Empire Trilogy*). As cartas são lidas, ainda que não responda – mesmo que por vezes demorem meses a chegar às minhas mãos – e os comentários simpáticos, quando me apresento publicamente, enriqueceram-me grandemente. Acima de tudo, proporcionaram-me a liberdade de exercer um ofício que começou por “vamos ver se consigo”, enquanto trabalhava nos Residence Halls do John Muir College na UCSD.

Por isso, obrigado. Parece que “consegui”. Com esta obra, espero que concordem que desta vez consegui fazê-lo com um pouco mais de elegância, com um pouco mais de cor, valor e sonoridade.

Raymond E. Feist  
*San Diego, Califórnia*  
*Agosto de 1991*



Grande Cordilheira Setentrional

TERRAS DO NORTE

Montanha de Pedra  
LAGO DO CÉU

O MUNDO

COSTA EXTREMA

CORACÃO VERDE

O REINO

MAR INTERMINÁVEL

CIDADES LIVRES

BOSQUE

ESTREITOS DAS TREVAS

REINO DE QUEG

Sethanon  
GRANDE VOLT

Montanhas dos Trolls

MAR AMARO

Paul Negro  
Salador

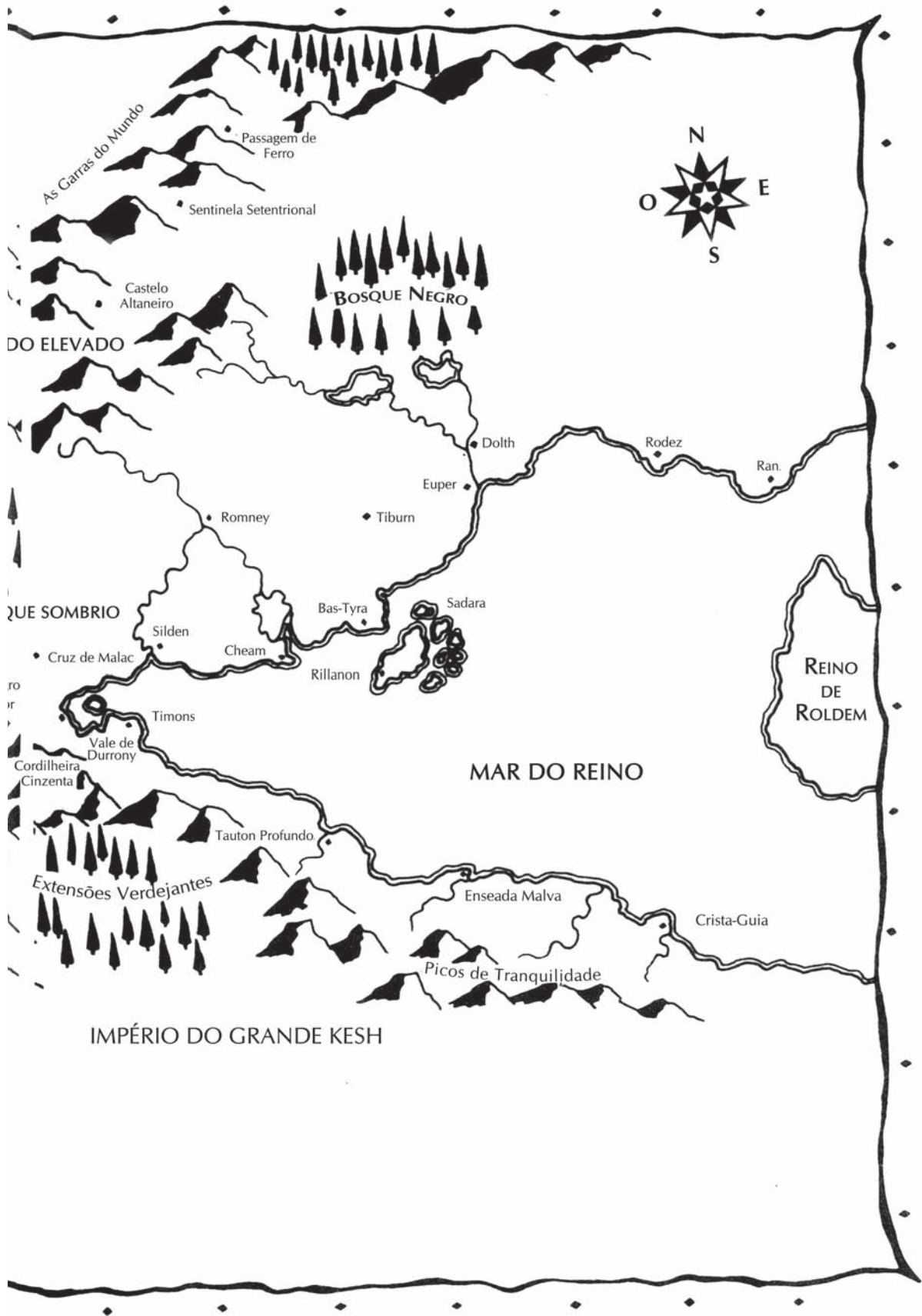
VALE DOS SONHOS

GRANDE LAGO DAS ESTRELAS

DESERTO DE JAL-PUR

Os Pilares das Estrelas

MIDKEMIA



As Garras do Mundo

Passagem de Ferro

Sentinela Setentrional

Castelo Altaneiro

BOSQUE NEGRO

DO ELEVADO

Dolth

Rodez

Ran.

Romney

Tiburn

Euper

QUE SOMBRIO

Bas-Tyra

Sadara

Cruz de Malac

Silden

Cheam

Rillanon

REINO DE ROLDEM

MAR DO REINO

Timons

Vale de Durrony

Cordilheira Cinzenta

Tauton Profundo

Extensões Verdejantes

Enseada Malva

Crista-Guia

Picos de Tranquilidade

IMPÉRIO DO GRANDE KESH



1º VOLUME — APRENDIZ

# PUGETOMAS

*A vontade de um rapaz é a vontade do vento,  
E os pensamentos de juventude são  
pensamentos demorados, muito demorados.*

- LONGFELLOW, *My Lost Youth*



## TORMENTA

**A** tormenta rebentara. Pug bailava à beira das rochas, com os pés a encontrarem pouco apoio no caminho entre as poças deixadas pela maré baixa. Os seus olhos escuros saltitavam de um lado para o outro ao espreitar cada poça de água debaixo da parte externa da falésia, procurando as criaturas espinhosas arrastadas para os baixios pela borrasca que ali acabara de passar. Os músculos de rapaz contraíam-se sob a camisa leve ao deslocar a saca de criaturas como rastejadores da areia, agarra-rochas e caranguejos apanhados naquele jardim marinho.

O sol da tarde produzia lampejos através do borrifo das ondas que rodopiavam à volta dele, ao mesmo tempo que o cabelo com madeixas criadas pelo sol esvoaçava ao vento oeste. Pug pousou a saca, verificou se estava bem fechada e acocorou-se numa parcela de areia límpida. A saca não estava completamente cheia, mas Pug apreciava a hora adicional que lhe permitia descontraír. O cozinheiro Megar não o atormentaria acerca do tempo que demorara desde que a saca chegasse praticamente cheia. Repousando encostado a um enorme rochedo, não demorou muito para que Pug dormitasse sob o calor do sol.

Horas mais tarde, foi acordado por um borrifo fresco e húmido. Abriu os olhos, sobressaltado, ciente de que permanecera demasiado tempo. Para ocidente, sobre o mar, uma enorme trovoada estava a formar-se acima do contorno negro das Seis Irmãs, as ilhotas no horizonte. As sombrias nuvens encapeladas, que arrastavam chuva debaixo delas como uma espécie de véu sujo de fuligem, prenunciavam outra tempestade repentina, como era habitual nesta zona costeira no início do Verão. Mais a sul, as falésias altaneiras da Mágoa dos Marinheiros erguiam-se no céu, enquanto as ondas batiam na base desse pináculo rochoso. Atrás das vagas, viam-se cristas alvas em formação, um sinal indubitável de que a tempestade não demoraria a chegar. Pug sabia que corria perigo, uma vez que as tempestades de Verão podiam afogar quem se encontrasse na praia ou, se mais rigorosas fossem, quem se encontrasse no terreno baixo mais afastado.

Pegou na saca e rumou a norte, em direcção ao castelo. Enquanto passava entre as poças, sentiu o vento fresco a ficar mais frio e húmido. O dia começou a ser interrompido por retalhos de sombras quando

as primeiras nuvens taparam o sol e as cores vivas deram lugar a tons acinzentados. À distância, sobre o mar, os relâmpagos brilhavam na escuridão das nuvens e o ribombar distante dos trovões sobrepôs-se ao som das ondas.

Pug acelerou o passo ao chegar à primeira extensão de praia sem impedimentos. A tempestade aproximava-se a uma velocidade maior do que julgara possível, levando à frente a maré que subia. Quando alcançou a segunda extensão de poças deixadas pela maré, pouco mais de três metros de areia seca dividiam a beira da água da falésia.

Pug avançou pelos rochedos o mais depressa que conseguiu sem se colocar em perigo, por pouco não ficando com os pés presos por duas vezes. Ao chegar à extensão de areia seguinte, calculou mal o salto desde o último rochedo e caiu mal. Tombou na areia, agarrado ao tornozelo. Como se estivesse a aguardar o percalço, a maré precipitou-se, cobrindo-o momentaneamente. Estendeu a mão sem conseguir ver e sentiu a saca a ser levada. Numa grande agitação para a tentar agarrar, Pug atirou-se para a frente e logo o tornozelo cedeu. Afundou-se, engolindo água. Levantou a cabeça, cuspiendo e tossindo. Começou a levantar-se mas uma segunda onda, mais alta que a anterior, atingiu-o no peito, derrubando-o para trás. Pug tinha crescido a brincar nas ondas e era um nadador experiente, mas a dor no tornozelo e a força das sucessivas vagas estavam a levá-lo à beira do pânico. Debateu-se e emergiu para respirar quando a onda recuou. A nadar atabalhoadamente, dirigiu-se à parte exterior da falésia, pois sabia que nesse local a água teria uma profundidade de poucos centímetros.

Quando alcançou a falésia, Pug encostou-se, tentando não colocar o peso do corpo no pé magoado. Avançou devagarinho junto à rocha, enquanto a água subia mais um pouco a cada onda. Quando chegou a um local onde conseguiria, por fim, começar a subir, a água rodopiava-lhe pela cintura. Teve de usar todas as forças para se conseguir içar até ao carreiro. Ofegante, ficou deitado por momento, para depois começar a arrastar-se ao longo do carreiro, sem depositar confiança no obstinado tornozelo para atravessar aquela passagem pedregosa.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair enquanto avançava com dificuldades, ferindo joelhos e canelas nas rochas, até chegar ao topo da falésia, coberto de ervas. Pug caiu para a frente, exausto e arquejando devido ao esforço da escalada. As gotas dispersas deram lugar a uma chuva leve e constante.

Depois de recuperar o fôlego, Pug sentou-se e examinou o tornozelo inchado. Estava sensível ao toque, mas ficou mais descansado quando conseguiu movê-lo: não estava partido. Teria de coxear todo o



caminho de regresso, mas face à ameaça de afogamento na praia que ficara para trás, sentiu-se relativamente otimista.

Pug seria um desgraçado ensopado e enregelado quando chegasse à vila. Aí, teria de encontrar um sítio para pernoitar uma vez que os portões de acesso ao castelo já estariam fechados e com o tornozelo magoado não iria sequer tentar trepar o muro por detrás das cavala-riças.

Além disso, se esperasse e entrasse na fortaleza à socapa no dia seguinte, somente Megar o repreenderia, mas se fosse apanhado a trepar o muro, o Mestre de Armas Fannon ou o Estribeiro-Mor Algon certamente lhe determinariam muito mais do que uma reprimenda.

Enquanto descansava, a chuva ganhou uma qualidade perseverante e o céu escureceu à medida que o sol de final de tarde foi sendo completamente engolido por nuvens de tempestade. O alívio momentâneo deu lugar a uma raiva dirigida a si próprio por ter perdido a saca de criaturas rastejantes da areia. O descontentamento duplicou ao pensar na loucura de ter adormecido. Se tivesse ficado acordado, teria feito a viagem de regresso sem preocupações, não teria torcido o pé e teria tido tempo para explorar o leito do riacho acima da falésia, em busca dos seixos lisos que tanto gostava de lançar. De momento, não tinha seixos e talvez só ali voltasse ao cabo de uma semana. Isto se Megar não enviasse outro rapaz no seu lugar, o que seria provável uma vez que ia regressar de mãos vazias.

A atenção de Pug centrou-se no desconforto de estar sentado à chuva, pelo que decidiu que estava na hora de avançar. Pôs-se em pé e testou o tornozelo que protestou face a tal tratamento, mas Pug julgava ser capaz de tolerar. Coxeou pela erva até ao local onde tinha deixado os seus pertences e pegou na mochila, no bordão e na funda. Deixou escapar um palavrão que ouvira da boca dos soldados do castelo ao descobrir a mochila rasgada, percebendo que o pão e o queijo tinham desaparecido. Guaxinins ou talvez lagartos da areia, pensou. Atirou a mochila inutilizada para o lado e pensou na sua pouca sorte.

Respirando fundo, apoiou-se no bordão e começou a atravessar as baixas colinas ondulantes que dividiam a falésia da estrada. Podiam ver-se arvoredos de árvores baixas espalhados pela paisagem e Pug lamentou a inexistência de melhor abrigo por perto, uma vez que nada havia no cimo da falésia. Não ficaria mais encharcado a arrastar-se até à vila do que se ficasse debaixo de uma árvore.

O vento voltou a soprar e Pug sentiu o primeiro arrepio de frio nas costas geladas. Tiritou e apressou o passo tanto quanto conseguiu. As pequenas árvores começaram a ceder com o vento e Pug teve a sen-

sação de uma enorme mão nas costas, a empurrá-lo. Ao alcançar a estrada, virou para norte. Ouviu o som arrepiante da grande floresta a oriente, o vento a assobiar nos ramos dos velhos carvalhos, contribuindo para o aspecto já de si ominoso. As clareiras sombrias da floresta não seriam mais perigosas do que a estrada do Rei, mas as lembranças de lendas de criminosos e outros malfeitores de características pouco humanas, puseram os cabelos da nuca do rapaz em pé.

Atravessando a estrada do Rei, Pug conseguiu abrigar-se um pouco no pequeno barranco que seguia ao longo da estrada. O vento intensificou-se e a chuva feria-lhe os olhos, fazendo escorrer lágrimas pelas faces já de si molhadas. Foi atingido por uma rajada e caminhou aos tropeções por um instante. A água estava a subir no barranco paralelo à estrada, pelo que tinha de avançar com cautela para não perder o equilíbrio em poças fundas e inesperadas.

Ao longo de quase uma hora, abriu caminho através da tempestade que ganhava força incessantemente. A estrada virava para noroeste, levando-o a ficar praticamente virado para o vento sibilante. Pug inclinou-se de frente para o vento, com a camisa a zurzir atrás. Engoliu em seco, de modo a reprimir o pânico sufocante que engrandecia dentro dele. Sabia que corria perigo pois a tempestade estava a atingir uma violência muito além do normal para aquela época do ano. Gigantescos relâmpagos irregulares iluminavam a paisagem sombria, delineando por breves instantes as árvores e a estrada de branco vivo e brilhante e de preto opaco. As imagens residuais ofuscantes, preto e branco invertidos, permaneciam durante algum tempo, confundindo-lhe os sentidos. Os enormes estrondos dos trovões por cima da sua cabeça pareciam golpes físicos. Naquele momento, o medo da tormenta ultrapassava o medo de supostos salteadores e trasgos. Decidiu caminhar entre as árvores na berma da estrada; o vento amainaria ligeiramente devido aos troncos dos carvalhos.

Quando a floresta já estava próxima, um estrondo fê-lo parar subitamente. Na escuridão da tempestade, mal conseguiu distinguir a forma de um javali negro da floresta quando surgiu repentinamente do mata-gal. O cerdo saiu dos silvados aos trambolhões, perdeu o equilíbrio e levantou-se precipitadamente a poucos metros. Pug conseguiu vê-lo com nitidez enquanto o animal o fitava, a balançar a cabeça de um lado para o outro. As duas enormes presas pareciam brilhar à luz sombria enquanto delas escorriam gotas de chuva. O medo arregalava-lhe os olhos e as patas raspavam o chão. Os cerdas da floresta tinham mau temperamento, na melhor das hipóteses, ainda que normalmente evitassem os homens. Este estava em pânico devido à borrasca e Pug sabia que se o

animal atacasse, podia esventrá-lo, porventura matá-lo. Imóvel como um cepo, Pug preparou-se para girar o bordão, embora tivesse esperanças de que o cerdo regressasse à floresta. O javali ergueu a cabeça, averiguando o odor do rapaz que o vento levava. Os seus olhos cor-de-rosa pareciam refulgir ao estremecer, indeciso. Um som fê-lo virar-se por um instante na direção das árvores, para logo baixar a cabeça e investir.

Pug rodopiou o bordão, fazendo-o descer num golpe oblíquo que atingiu de lado a cabeça do cerdo, virando-a. O animal deslizou de lado no carreiro enlameado, atingindo o rapaz nas pernas. Caiu enquanto o cerdo passava por ele a deslizar. Estatelado no chão, Pug viu o javali saltitar, virando-se para nova investida. Num ápice, o cerdo estava prestes alcançá-lo e Pug já não tinha tempo de se erguer. Interpôs o bordão à sua frente numa tentativa vã de, uma vez mais, fazer o animal virar de direção. O javali esquivou-se ao bordão e Pug tentou rebolar para fugir, mas sentiu um peso cair-lhe em cima do corpo. Cobriu o rosto com as mãos, mantendo os braços junto ao peito, na expectativa de ser escornado.

Pouco depois, percebeu que o cerdo estava imóvel. Destapando o rosto, deu com o animal estendido sobre a parte inferior das suas pernas, uma seta de cerca de um metro com uma pena preta na ponta a sobressair do flanco. Pug olhou para a floresta. Um homem, trajado de cabedal castanho, estava junto à orla das árvores, a envolver velozmente um arco de alabardeiro com uma cobertura oleada. Assim que a arma valiosa ficou protegida da intempérie, o homem avançou até junto do rapaz e do animal.

De capa e capuz, o rosto estava escondido. Ajoelhou-se junto a Pug e gritou para se fazer ouvir acima do ruído do vento:

— Estás bem, rapaz? — enquanto levantava com destreza das pernas de Pug o javali morto. — Ossos partidos?

— Acho que não — gritou também Pug, concentrando-se no corpo. O flanco direito estava doído e as pernas pareciam igualmente magoadas. Com o tornozelo ainda fragilizado, este era um dia em que se sentia maltratado, mas não parecia ter nenhum osso partido nem nenhum dano irreversível.

Grandes mãos carnudas puseram-no de pé.

— Toma — ordenou o homem, passando-lhe o bordão e o arco que trazia. Pug segurou-os enquanto o desconhecido esventrava velozmente o javali com uma enorme faca de caça. Concluiu o trabalho e virou-se para Pug: — Acompanha-me, rapaz. É melhor pernoitares comigo e com o meu amo. Não é longe, mas é melhor acelerarmos o passo. Esta borrasca piorará antes de amainar. Consegues andar?

Dando um passo inseguro, Pug confirmou. Sem uma palavra, o homem colocou o cerdo ao ombro e pegou no arco.

— Anda — disse, virando-se em direcção à floresta. Partiu a passo rápido que Pug teve dificuldades em acompanhar.

A floresta pouco diminuiu a violência da tempestade, o que impossibilitava qualquer diálogo. Um relâmpago iluminou momentaneamente a cena e Pug viu de relance o rosto do homem. Tentou recordar-se se já vira o desconhecido noutra ocasião. Tinha a aparência comum dos caçadores e habitantes que viviam na floresta de Crydee: ombros largos, alto e constituição corpulenta. Tinha barba e cabelo escuros e o aspeto grosseiro e desgastado de alguém que passa grande parte do tempo ao ar livre.

Por breves momentos de devaneio, o rapaz imaginou que aquele homem pudesse pertencer a um bando de salteadores, escondidos no âmago da floresta. Desistiu da ideia, pois nenhum salteador iria preocupar-se com um rapaz do torreão, nitidamente sem um tostão.

Recordando-se de que o homem mencionara um amo, Pug desconfiou tratar-se de um homem livre, que vivia nas terras de um senhorio. Podia estar ao serviço desse senhorio, embora não estivesse sujeito a ele como escravo. Os homens livres eram livres de nascimento, cedendo um quinhão da colheita ou algumas cabeças de gado em troca do uso da terra. Devia ser livre de nascença. A nenhum escravo seria permitido andar com um arco, pois eram objetos demasiado valiosos – e perigosos. Ainda assim, Pug não se lembrava de nenhuma propriedade desse género na floresta. Era um mistério para o rapaz, mas o ónus das sevícias do dia estava a afastar celeremente qualquer espécie de curiosidade.

**A**pós o que pareceram horas, o homem entrou num matagal. Pug quase o perdeu na escuridão, pois o sol pusera-se há algum tempo, levando com ele a ténue luz permitida pela tempestade. Seguiu o homem pelo som das passadas e pela consciência da sua presença mais do que pela visão. Pug pressentiu estar num caminho entre as árvores pois os passos não encontravam resistência de silvados nem de detritos da terra. De onde tinham estado momentos antes, o caminho seria difícil de encontrar à luz do dia, impossível à noite, a menos que se soubesse da sua existência. Pouco depois, entraram numa clareira, no centro da qual estava uma pequena casa em pedra. Via-se luz numa única janela e fumo a sair da chaminé. Atravessaram a clareira e Pug ficou intrigado com a temperança relativa da tempestade neste ponto preciso da floresta.

Defronte da porta, o homem afastou-se para o lado, dizendo:

— Entra, rapaz. Tenho de desmanchar o cerdo.

Acenando com a cabeça em silêncio, Pug empurrou a porta e entrou.

— Fecha essa porta, rapaz! Vais fazer com que apanhe um resfriado que será a minha morte.

Pug apressou-se a obedecer, batendo a porta com mais força do que pretendia.

Virou-se, abarcando o que estava à sua frente. O interior da casa era composto por uma única divisão. Numa das paredes estava a chaminé, com uma lareira espaçosa em baixo. Ardia um lume vivo e reconfortante, lançando um brilho acolhedor. Ao lado da lareira, estava uma mesa, atrás da qual podia ver-se uma figura corpulenta de vestes amarelas. O cabelo grisalho e a barba quase lhe cobriam por completo a cabeça, excetuando um par de intensos olhos azuis que tremeluziam à luz da lareira. Um cachimbo comprido assomava da barba, produzindo grandes baforadas de fumo pálido.

Pug conhecia o homem.

— Mestre Kulgan... — começou, pois o homem era mago e conselheiro do Duque, um rosto familiar no torreão do castelo.

Kulgan concentrou o olhar em Pug para depois proferir com uma voz grave, propensa a profundos sons rolados e entoações poderosas:

— Quer dizer que me conheces, assim é?

— Sim, senhor. Do castelo.

— Como te chamas, rapaz do torreão?

— Pug, Mestre Kulgan.

— Já me lembro de ti. — O mago acenou a mão descontraidamente. — Não me chames “Mestre”, Pug – ainda que seja justamente designado como mestre das minhas artes — disse, com um alegre engelhar à volta dos olhos. — Tive um nascimento superior ao teu, é facto, mas a diferença não é grande. Anda, está um cobertor junto à lareira e estás encharcado. Pendura as tuas roupas para que sequem e depois vem sentar-te aqui. — Indicou o banco do outro lado da mesa.

Pug fez como lhe foi ordenado, mantendo o mago debaixo de olho. Fazia parte da corte do Duque, mas não deixava de ser mago, objeto de desconfiança, geralmente tido em baixa consideração pelo povo. Se a vaca de um criador paria um monstro ou se as culturas fossem atingidas pelo mildio, os aldeões tinham tendência a atribuir esses acontecimentos a algum mago das cercanias, à espreita na penumbra. Em tempos não muito distantes, provavelmente teriam expulsado Kulgan de Crydee à pedrada. O estatuto de que gozava junto do Duque

valia-lhe hoje a tolerância dos habitantes, mas na verdade, os medos antigos não desapareciam de um dia para o outro.

Depois de pendurar as peças de roupa, Pug sentou-se. Assustou-se ao reparar num par de olhos rubros que o fitavam logo a seguir à mesa do mago. Uma cabeça coberta de escamas ergueu-se acima do tampo da mesa e examinou o rapaz.

Kulgan riu-se face à inquietação do rapaz.

— Vá lá, rapaz. O Fantus não te irá comer. — Deixou cair a mão até à cabeça da criatura, sentada ao lado dele no banco, e coçou acima das saliências oculares. A criatura fechou os olhos e emitiu um suave som arrastado, não muito diferente do ronronar de um gato.

Pug fechou a boca, que se tinha escancarado de surpresa, e perguntou:

— É mesmo um dragão, senhor?

O mago deu uma gargalhada, um som profundo e bem-disposto.

— Vezes há em que julga que é, rapaz. Fantus é um dragonete de fogo, parente do dragão, embora mais pequeno. — A criatura abriu um olho, fixando-o no mago. — Mas igual em coragem — Kulgan acrescentou de imediato e o dragonete de fogo voltou a fechar o olho. Kulgan falou em voz baixa, num tom de conspiração. — É muito inteligente, por isso tem cuidado com o que lhe dizes. É uma criatura de sensibilidades extremamente requintadas.

Pug fez um aceno com a cabeça, confirmando que assim faria.

— Consegue cuspir fogo? — perguntou, com os olhos arregalados de espanto. Para qualquer rapaz de treze anos, até o parente de um dragão era digno de reverência.

— Quando está para aí virado, consegue expelir uma ou outra chama, embora raramente pareça estar com disposição para isso. Creio que se deve à dieta abundante que lhe providencio, rapaz. Há anos que não tem necessidade de caçar, por isso está um tanto ou quanto destreinado nos costumes dos dragões. Na verdade, estrago-o desavergonhadamente com mimos.

Pug achou aquela noção de certa forma tranquilizadora. Pelo facto de o mago gostar tanto daquela criatura, por mais bizarra que fosse, a ponto de a estragar com mimos, a seus olhos pareceu-lhe mais humano, menos misterioso. Pug examinou Fantus, admirando o modo como as chamas realçavam as escamas verde-esmeralda conferindo-lhes tons dourados. Do tamanho aproximado de um pequeno cão de caça, o dragão possuía um longo e sinuoso pescoço no cimo do qual repousava uma cabeça semelhante à de um aligátor. Tinha as asas dobradas nas costas e duas patas com garras estendidas à sua frente, dando sapatadas

sem alvo específico no ar, enquanto Kulgan coçava por detrás das saliências ossudas dos olhos. A cauda comprida movia-se para trás e para a frente, a poucos centímetros do chão.

A porta abriu-se e eis que entrou o corpulento arqueiro, com um lombo de porco preparado no espeto. Sem proferir uma só palavra, atravessou a casa até à chaminé e pôs a carne a assar. Fantus ergueu a cabeça, tirando partido do pescoço comprido para espreitar por cima da mesa. Zurzindo a língua bifurcada, o dragão saltou para o chão e, de um modo imponente, avançou vagarosamente até à lareira. Escolheu um ponto quente defronte do lume e enroscou-se para dormitar até ao jantar. O homem livre desapertou a capa, pendurando-a num cabide junto à porta.

— A borrasca passará antes de o dia raiar, julgo eu. — Regressou à lareira e preparou um molho de vinho e ervas aromáticas para a carne. Pug ficou surpreendido com a enorme cicatriz que percorria o lado esquerdo do rosto do homem, parecendo avermelhada e inflamada à luz da lareira.

Kulgan acenou com o cachimbo na direcção do homem livre.

— Conhecendo bem aquele meu carrancudo, estou certo de que não terão sido devidamente apresentados. Meecham, este rapaz chama-se Pug, do torreão do Castelo de Crydee. — Meecham fez um ligeiro aceno com a cabeça, e voltou a dar atenção ao lombo a assar.

Pug devolveu o aceno, embora um pouco tardiamente para que Meecham reparasse.

— Esqueci-me de vos agradecer por me terdes salvado do javali. — Ao que Meecham respondeu:

— Não é preciso agradeceres, rapaz. Se não tivesse assustado o animal, provavelmente não te teria atacado. — Deixou a lareira e atravessou para outra zona da casa, tirou uma massa acastanhada de um alguidar coberto por um pano e começou a amassar.

— Bom, senhor — disse Pug a Kulgan —, foi a seta dele que matou o cerdo. Foi uma sorte Meecham andar a perseguir o animal.

Kulgan deu uma gargalhada.

— A pobre criatura, que é o convidado mais desejado da noite, foi igualmente vítima das circunstâncias, tal como tu.

Pug ficou com um ar perplexo.

— Não entendo, senhor.

Kulgan levantou-se e retirou um objeto da última prateleira da estante, colocando-o na mesa, defronte do rapaz. Estava coberto por uma capa de veludo azul-escuro, pelo que Pug soube de imediato que deveria tratar-se de um objeto valioso visto que estava protegido por



um tecido tão dispendioso. Kulgan retirou o veludo, revelando um globo de cristal que refulgia à luz do fogo. Pug emitiu um *ah* de deleite perante a beleza do objeto pois não tinha imperfeições visíveis e era magnificente na simplicidade da forma.

Kulgan apontou para a esfera de vidro, dizendo:

— Este instrumento foi concebido como oferenda por Althafain de Carse, um poderoso artífice de magia, que me julgou digno de tal oferenda, porquanto lhe fiz um ou dois favores no passado – mas isso pouco importa. Tendo acabado de regressar de uma visita ao Mestre Althafain, estava a testar esta lembrança. Olha profundamente para o globo, Pug.

Pug fixou o olhar na bola e tentou seguir o bruxulear das chamas que pareciam brincar nas profundezas da sua estrutura. Os reflexos da sala, centuplicados, fundiam-se e dançavam enquanto o seu olhar tentava fixar-se em cada aspeto da bola. Derivavam e amalgamavam-se, tornando-se turvos e obscuros. Um suave brilho alvo no centro da esfera substituiu o rubro das chamas e Pug sentiu o olhar aprisionado pelo calor agradável que emitia. Como o quentinho da cozinha no torreão, pensou distraidamente.

De repente, o branco leitoso dentro da esfera esvaiu-se e Pug conseguiu ver uma imagem da cozinha à frente dos seus olhos. Alfano Gordo, o cozinheiro, estava a fazer bolos, lambendo as migalhas doces das pontas dos dedos. Tal desencadeou a fúria de Megar, o cozinheiro principal, fazendo-a desabar na cabeça de Alfano, pois Megar considerava tal gesto um hábito repugnante. Pug riu-se ante a cena, à qual tinha assistido diversas vezes, que logo desapareceu. Subitamente, sentiu-se cansado.

Kulgan envolveu o globo de cristal no pano e guardou-a.

— Portaste-te bem, rapaz — disse, com um ar pensativo. Deixou-se ficar a observá-lo por uns momentos, como se estivesse a ponderar nalgum assunto, e depois sentou-se. — Não teria desconfiado de que eras capaz de obter uma imagem tão nítida à primeira tentativa, mas parece ser mais do que aparentas à primeira vista.

— Senhor?

— Deixa estar, Pug. — Depois de uma breve pausa, disse: — Estava a fazer uso daquele brinquedo pela primeira vez, a avaliar até que distância conseguiria enviar a minha visão, quando te vi a fazeres-te à estrada. Pela forma como claudicavas e pelo aspeto maltratado, considere que não conseguirias alcançar a vila, por isso enviei Meecham para te ir buscar.

Pug pareceu envergonhado face à invulgar atenção de que estava a ser alvo, e o seu rosto começou a enrubescer. Disse, com a apre-



ciação grandiosa que um rapaz de treze anos faz das suas próprias capacidades:

— Não precisáveis tê-lo feito, senhor. A seu tempo, haveria de chegar à vila.

Kulgan sorriu.

— Talvez, mas, por outro lado, talvez não. A tormenta é demasiado rigorosa para a época e perigosa para quem viaja.

Pug ouviu o brando rufo da chuva no telhado da casa. A borrasca parecia ter amainado e Pug duvidava das palavras do mago. Como se tivesse lido o pensamento do rapaz, Kulgan disse:

— Não duvides das minhas palavras, rapaz. Esta clareira está protegida por mais do que enormes troncos. Caso passasses para lá do círculo de carvalhos que assinala a orla das minhas terras, sentirias a fúria da tormenta. Meecham, como avaliaís este vento?

Meecham pousou a massa de pão que estava a amassar e pensou por um momento.

— Quase tão forte quanto a borrasca que fez seis embarcações encalhar há três anos. — Após um compasso de espera, como se estivesse a reconsiderar o cálculo, acenou em guisa de confirmação. — Sim, quase tão grave, ainda que não vá soprar tanto tempo.

Pug recuou três anos na memória, até à tempestade que arrastara uma frota mercante de Quegan, com destino a Crydee contra os rochedos da Mágoa dos Marinheiros. No auge da tempestade, os guardas das muralhas do castelo tinham sido forçados a permanecer nas torres, a fim de não serem arrastados pelas rajadas. Se esta borrasca fosse dessa gravidade, a magia de Kulgan era impressionante, pois no exterior da casa não parecia mais grave do que uma chuva de Primavera.

Kulgan recostou-se no banco, entretido a tentar acender o cachimbo apagado. Ao produzir uma enorme bafurada de fumo branco adocicado, a atenção de Pug desviou-se até à estante de livros por detrás do mago. Os lábios moveram-se em silêncio enquanto tentava discernir o que estava escrito nas encadernações, mas não conseguiu.

Kulgan arqueou uma sobrancelha e disse:

— Quer dizer que sabes ler?

Pug assustou-se, alarmado perante a hipótese de ter ofendido o mago ao intrometer-se no seu domínio. Kulgan, pressentindo o mal-estar, disse:

— Não faz mal, rapaz. Não é crime conhecer as letras.

Pug sentiu o mal-estar a atenuar-se.

— Consigo ler um pouco, senhor. Megar, o cozinheiro, ensi-

nou-me a ler os letreiros nos armazéns das caves reservados à cozinha. Também sei alguns números.

— E números, também — exclamou o mago, afavelmente. — Bom, és como uma ave rara. — Voltou-se e retirou um tomo da prateleira, encadernado em pele vermelho-acastanhada. Abriu-o, dando uma olhadela à página, depois a outra até que, por fim, pareceu encontrar a página que satisfazia os requisitos. Virou o livro ao contrário e pousou-o na mesa à frente de Pug. Kulgan apontou para uma página decorada por uma magnífica ilustração de serpentes, flores e videiras entrelaçadas num desenho colorido em redor de uma letra enorme no canto superior esquerdo. — Lê isto, rapaz.

Pug nunca vira nada vagamente parecido. As aulas que tivera tinham sido em pergaminho simples e letras escritas a pau de carvão, com a caligrafia rude de Megar. Sentou-se, fascinado pelo detalhe do trabalho, até que se apercebeu de que o mago estava a olhá-lo fixamente. Dominando-se, começou a ler.

— Foi então que chegou um chama... chamamento de... — Ficou a olhar para a palavra, esbarrando com as combinações complexas que surgiam como novidade para ele. — ...Zacara. — Fez uma pausa, olhando para Kulgan de modo a confirmar se pronunciara correctamente. O mago acenou, instando-o a prosseguir. — Pois o norte ameaçava cair no esquec... esquecimento, não fosse o âmago do império def... definhar e tudo se perder. E ainda que nascidos em Bosania, aqueles soldados continuavam leais ao Grande Kesh, a quem serviam. Por conseguinte, por necessidade extrema, pegaram em armas, vestiram armaduras e deixaram Bosania, embarcando rumo a sul, para a todos salvarem da destruição.

Kulgan interrompeu:

— Basta — e fechou delicadamente a capa do livro. — És bastante dotado nas letras para um rapaz do torreão.

— Este livro, senhor, o que é? — perguntou Pug, enquanto Kulgan o retirava das mãos do rapaz. — Nunca vi outro igual.

Kulgan olhou para Pug por um instante, com um olhar que o deixou novamente desconfortável, para logo sorrir, quebrando a tensão. Ao guardar o livro no lugar, disse: — É uma história desta terra, rapaz. Foi uma oferenda do abade de um mosteiro ishapiano. É a tradução de um texto keshiano, com mais de cem anos.

Pug acenou com a cabeça, dizendo:

— Parecia tudo muito estranho. O que conta?

Kulgan voltou a olhar para Pug como se tentasse ver algo dentro do rapaz, dizendo, de seguida:

— Em tempos idos, Pug, todas estas terras, desde o Mar Interminável, passando pela Cordilheira das Torres Cinzentas até ao Mar Amaro, faziam parte do Império do Grande Kesh. Mais ao longe, a leste, existia um pequeno reino, numa ilha chamada Rillanon. Cresceu a ponto de engolir os reinos das ilhas vizinhas, tornando-se no Reino das Ilhas. Posteriormente, viria novamente a expandir-se para o continente e ainda que continue a ser o Reino das Ilhas, a maior parte de nós chama-lhe, simplesmente, “o Reino”. Nós, que vivemos em Crydee, fazemos parte do Reino pois permanecemos dentro das suas fronteiras, ainda que nos encontremos no ponto mais distante da capital de Rillanon.

“A certa altura, há muito, muito tempo, o Império do Grande Kesh abandonou estas terras pois estava envolvido num longo e sangrento conflito com os seus vizinhos a sul, a Confederação Keshiana.

Pug estava arrebatado pela grandiosidade de impérios perdidos, mas ainda assim, bastante esfomeado para reparar que Meecham colocava vários pãezinhos de massa escura na fornalha da lareira. Voltou a centrar a atenção no mago.

— O que era a Confederação Kesh...?

— A Confederação Keshiana — terminou Kulgan pelo rapaz. — É um grupo de pequenas nações que existiam há séculos como estados tributários ao Grande Kesh. Doze anos antes daquele livro ser escrito, uniram-se contra o opressor. Cada um, por si só, não conseguiria competir com o Grande Kesh, mas unidos provaram estar à altura. De tal forma que a guerra acabou por se arrastar ano após ano. O Império viu-se obrigado a retirar as legiões das províncias do norte e enviá-las para sul, deixando o norte vulnerável aos avanços do novo e jovem Reino.

“Foi o avô do Duque Borric, o filho mais novo do Rei, que levou o exército para ocidente, expandindo o Reino Ocidental. Desde então, tudo o que pertenceu anteriormente à antiga província imperial de Bosania, à exceção das Cidades Livres de Natal, é designado como Ducado de Crydee.

Pug pensou por um instante, para depois dizer:

— Um dia, parece-me que gostaria de viajar até esse Grande Kesh. Meecham resfolegou, produzindo um som que se aproximou de uma gargalhada.

— E de que forma viajarias, como flibusteiro?

Pug sentiu o rosto a corar. Os flibusteiros eram homens sem terra, mercenários que combatiam por dinheiro, e que eram considerados pouco acima dos salteadores.

Kulgan prosseguiu:

— Talvez um dia possas fazê-lo, Pug. O caminho é longo e repleto de perigos, mas não seria a primeira vez que uma alma corajosa e sincera conseguiria sobreviver à viagem. Já se deram acontecimentos mais estranhos.

A conversa em redor da mesa desviou-se para tópicos mais vulgares, pois o mago estivera mais de um mês no castelo a sul, em Carse, e queria ouvir as novidades de Crydee. Quando o pão ficou pronto, Meecham serviu-o quente, trinchou o lombo de porco e trouxe pratos de queijo e legumes. Pug nunca comera tão bem na vida. Mesmo quando trabalhava na cozinha, o estatuto de rapaz do torreão assegurava-lhe parcas refeições. Por duas vezes no decorrer do jantar, Pug reparou que o mago o olhava com um ar pensativo.

No término da refeição, Meecham levantou a mesa e começou a lavar os pratos com areia limpa e água doce, enquanto Kulgan e Pug ficaram sentados a conversar. Restava um singelo pedaço de carne na mesa, que Kulgan atirou para Fantus, deitado defronte da lareira. O dragão abriu um olho para observar o pedaço de carne. Por um instante, pesou a escolha entre o confortável lugar de repouso e o naco succulento, até que se deslocou a meia dúzia de centímetros que lhe permitiu devorar a oferta, voltando a fechar o olho.

Kulgan acendeu o cachimbo e assim que ficou satisfeito com o fumo daí resultante, questionou:

— Quais são os teus planos para a idade adulta, rapaz?

Pug estava a debater-se com o sono, mas a pergunta de Kulgan voltou a despertá-lo. Aproximava-se o momento da Escolha, em que os rapazes da vila e do castelo eram escolhidos como aprendizes, e Pug entusiasmou-se ao dizer:

— No próximo Solstício de Verão espero ficar ao serviço do Duque, sob a orientação do Mestre de Armas Fannon.

Kulgan fitou o hóspede franzino.

— Julguei que ainda te faltava um ano ou dois até te tornares aprendiz, Pug.

Meecham emitiu um som que ficava entre uma gargalhada e um grunhido.

— Não achas que és muito fracote para andares a carregar espadas e escudos, rapaz?

Pug corou. No castelo, era o rapaz mais pequeno da sua idade.

— Megar, o cozinheiro, disse que devo crescer tardiamente — justificou, num ligeiríssimo tom de desafio. — Ninguém sabe quem eram os meus pais, por isso não sabem o que esperar.

— Quer dizer que és órfão? — questionou Meecham, erguendo uma sobrancelha, que foi o gesto mais expressivo do homem até então.

Pug acenou afirmativamente com a cabeça.

— Uma mulher que disse ter-me encontrado na estrada levou-me aos Sacerdotes de Dala, na abadia da montanha. Levaram-me para o castelo, pois não tinham forma de cuidar de mim.

— Sim — atestou Kulgan —, recordo-me do dia em que aqueles que veneram o Escudo dos Fracos te levaram ao castelo. Não passavas de um bebé acabado de ser desmamado. O facto de seres hoje homem livre deve-se unicamente à bondade do Duque. Julgou que não seria tão grave libertar o filho de um escravo como escravizar o filho de um homem livre. Sem provas, tinha direito a declarar-te escravo.

Meecham disse, numa voz cautelosa:

— Bom homem, o Duque.

Pug ouvira mais de cem vezes a história das suas origens contada por Magya, na cozinha do castelo. Sentiu-se completamente esgotado, mal conseguindo manter os olhos abertos. Kulgan reparou e chamou a atenção de Meecham. O enorme homem retirou alguns cobertores de uma prateleira e começou a preparar uma enxerga para dormir. Quando acabou, já Pug adormecera com a cabeça em cima da mesa. As enormes mãos de Meecham ergueram-no delicadamente do banco e pousaram-no nos cobertores, tapando-o de seguida.

Fantus abriu os olhos e observou o rapaz adormecido. Com um bocejo que fez lembrar um lobo, moveu-se rapidamente até Pug, aninhando-se junto do rapaz. Adormecido, Pug mudou de posição e passou um braço por cima do pescoço do dragonete. O dragonete de fogo emitiu um grunhido de aprovação, proveniente das profundezas da garganta, e voltou a cerrar os olhos.

## APRENDIZ

**A**floresta estava calma. A ligeira brisa quase vespertina agitava os altos carvalhos e reduzia o calor do dia, enquanto rumorejava levemente nas folhas. As aves que cantavam num coro rouco ao nascer do dia e ao pôr-do-sol, estavam quase emudecidas àquela hora da manhã. O leve odor acre do mar misturava-se com o adocicado perfume a flores e a acidez de folhas em decomposição.

Pug e Tomas caminhavam devagar pelo carreiro, passos ziguezagueando sem destino de rapazes que não iam a lugar algum e que dispunham de bastante tempo para aí chegar. Pug arremessou uma pedrinha a um alvo imaginário e virou-se para o companheiro.

— Não achas que a tua mãe ficou zangada, pois não?

Tomas sorriu.

— Não, ela percebe como são as coisas. Já acompanhou outros rapazes ao dia da Escolha. E para falar verdade, hoje na cozinha íamos estorvar mais do que ajudar.

Pug anuiu. Entornara um precioso pote de mel ao levá-lo a Alfan, o pasteleiro. Depois, deixara cair um tabuleiro cheio de pães quentes ao tirá-los do forno.

— Hoje fiz figura de parvo, Tomas.

Tomas deu uma gargalhada. Era um rapaz alto, de cabelo alourado e vivos olhos azuis. Sempre de sorriso no rosto, era estimado no torreão, apesar da tendência própria dos rapazes para se meter em sarilhos. Era o melhor amigo de Pug, mais um irmão do que um amigo, e por isso, Pug conseguira granjear algum respeito dos outros rapazes, uma vez que todos consideravam Tomas como líder oficioso.

Tomas refutou:

— Não fizeste pior figura do que eu. Ao menos não te esqueceste de pendurar a carne bem alta. —

Pug sorriu abertamente.

— Seja como for, pelo menos os cães de caça do Duque estão satisfeitos. — Deu uma risadinha que passou a gargalhada. — Está mesmo chateada, não está?

Tomas riu-se com o amigo.

— Está danada. Ainda assim, os cães só comeram um pedacinho

antes de os enxotar. Além disso, está mais zangada com o pai. Diz que a Escolha não passa de uma desculpa para que todos os Artesãos se juntem a fumar cachimbo, beber cerveja e trocar histórias o dia todo. Diz que já todos sabem qual o rapaz que irão escolher.

Pug disse:

— Pelo que disseram as outras mulheres, não é a única a ser dessa opinião. — Sorriu para o amigo. — E se calhar, não estão enganadas.

O sorriso de Tomas dissipou-se.

— Ela não gosta mesmo quando ele não está na cozinha para orientar as coisas. Acho que ela sabe disso, e foi por isso que nos expulsou da cozinha do torreão até ao fim da manhã, para não descarregar em nós. Ou em ti, pelo menos — acrescentou, com um sorriso de curiosidade. — Tenho a certeza de que és o preferido dela.

O sorriso rasgado de Pug regressou e voltou a dar uma gargalhada.

— Bom, é verdade que não me meto em tantos sarilhos.

Com um soco amigável no braço, Tomas exprimiu:

— Queres dizer, não és apanhado tantas vezes.

Pug tirou a funda que trazia guardada dentro da camisa.

— Se regressássemos com umas perdizes ou codornizes, podia ser que recuperasse algum do seu bom humor.

Tomas sorriu.

— Pode ser — concordou, pegando também na sua própria funda. Eram ambos excelentes a atirar com a funda, sendo que Tomas era o campeão inequívoco entre os rapazes, ultrapassando ligeiramente Pug. Não era provável que algum deles conseguisse derrubar uma ave em pleno voo, mas caso encontrassem uma pousada, tinham boas probabilidades de lhe acertarem. Além disso, estariam ocupados enquanto as horas passavam e talvez esquecessem a Escolha.

Avançaram, adotando uma atitude furtiva exagerada e assumindo o papel de caçadores. Tomas tomou a dianteira quando saíram da vereda, a caminho da albufeira de rega que sabiam ficar a curta distância. Era pouco provável que avistassem caça àquela hora do dia, a menos que esbarrassem nela, contudo, acaso encontrassem alguma, seria certamente junto à água. Os bosques a nordeste do burgo de Crydee eram menos sinistros do que a grande floresta a sul. Os anos seguidos de abate de árvores para obter madeira tinham providenciado aos caminhos verdejantes clareiras banhadas pelo sol que não existiam nas profundezas da floresta a sul. Ao longo dos anos, os rapazes do torreão sempre ali tinham brincado. Com um pouco de imaginação, os bosques convertiam-se num sítio espantoso, num mundo verde de nobres aventuras. Dizia-se que algumas das maiores façanhas ali tinham tido

lugar. Fugas audaciosas, perseguições terríveis e batalhas renhidamente disputadas, testemunhadas pelas árvores mudas enquanto os rapazes extravasavam os sonhos juvenis de chegada à idade adulta. Criaturas abomináveis, enormes monstros e criminosos ignóbeis, todos foram combatidos e conquistados, seguindo-se, muitas vezes, a morte de um grande herói, proferindo apropriadas e derradeiras palavras aos companheiros destroçados, tudo conseguido a tempo de regressarem ao torreão para jantar.

Tomas chegou a uma pequena elevação de onde era possível vigiar a albufeira, encoberta por pequenas faias em crescimento, e afastou alguns arbustos para que pudessem montar vigia. Parou, fez um ar assustado e disse em voz baixa:

— Pug, olha!

Viu um veado de cabeça levantada à beira da água, procurando a origem de algo que o perturbava enquanto bebia. Era um animal velho, com os pelos à volta do focinho quase todos encanecidos e que ostentava magníficos chifres na cabeça.

Pug contou depressa:

— Tem catorze pontas.

Tomas acenou com a cabeça, concordando.

— Deve ser o macho mais velho da floresta. — O veado olhou na direcção dos rapazes, zurzindo uma orelha de modo nervoso. Não mexeram um dedo, receosos de espantar a admirável criatura. Durante um longo e silencioso minuto, o veado examinou a elevação, com as narinas a bufar, acabando por baixar a cabeça até à água e beber.

Tomas apertou o ombro de Pug, inclinando a cabeça para o lado. Pug seguiu o movimento do amigo e viu uma silhueta a entrar furtivamente na clareira. Era um homem alto, trajado de couro tingido de verde da floresta. Às costas, trazia um arco e no cinto, uma faca de caçador. Não levava o capuz do manto verde posto e dirigia-se ao veado a um passo firme e regular. Tomas declarou:

— É o Martin.

Pug também reconheceu o Monteiro-Mor do Duque. Órfão, tal como Pug, fora apelidado de Martin do Arco pelos habitantes do castelo, uma vez que poucos a ele se igualavam no manejo daquela arma. Envolto nalgum mistério, Martin do Arco não deixava de ser estimado pelos rapazes, pois ainda que se mostrasse distante relativamente aos adultos do castelo, era sempre amigável e acessível com os rapazes. Sendo Monteiro-Mor, era também o Guarda-Florestal do Duque. Os deveres afastavam-no do castelo dias a fio, às vezes semanas seguidas, uma vez que mantinha os seus batedores ocupados à procura de sinais



de caça clandestina, possíveis riscos de incêndios, trasgos migrantes ou criminosos acampados nos bosques. No entanto, quando permanecia no castelo e não tinha que organizar uma caçada para o Duque, tinha sempre tempo para os rapazes. Os seus olhos escuros alegravam-se quando o massacravam com questões acerca da sabedoria que possuía sobre os bosques ou quando lhe pediam que contasse lendas das terras junto à fronteira de Crydee. Parecia possuir uma paciência interminável, o que o diferenciava de grande parte dos Artesãos do burgo e da torre de menagem.

Martin acercou-se do veado, estendeu a mão devagar e tocou-lhe no cachaço. A enorme cabeça subiu e o veado encostou o focinho ao braço de Martin. Em voz baixa, Martin disse:

— Se saírem daí devagar, sem falar, pode ser que deixe que se aproximem.

Pug e Tomas trocaram olhares de espanto, saindo depois para a clareira. Avançaram devagar seguindo a beira da albufeira, enquanto o veado seguia os movimentos dos rapazes com a cabeça, estremeendo ligeiramente. Martin afagava-o de modo tranquilizador e o animal acalmou. Tomas e Pug colocaram-se ao lado do caçador e Martin disse:

— Podem tocar-lhe, sem movimentos bruscos para não o assustarem.

Tomas foi o primeiro a estender a mão e o veado estremeceu sob os dedos do rapaz. Pug começou também a estender a sua mão e o veado deu um passo atrás. Martin falou a meia-voz com o veado numa língua que Pug nunca ouvira e o animal ficou quedo. Pug tocou-lhe e ficou maravilhado com a sensação da pelagem – assemelhava-se grandemente às peles curtidas que já tocara, ainda que divergisse pela sensação da vida que pulsava debaixo das pontas dos seus dedos.

De repente, o veado recuou e virou-se. Com um único salto, desapareceu entre as árvores. Martin do Arco soltou um riso abafado e disse:

— É melhor assim. Não é aconselhável que se habitue muito à presença de homens. Aqueles chifres rapidamente iriam acabar enfeitando a lareira de um caçador furtivo.

Tomas sussurrou:

— É lindo, Martin.

Martin concordou com um aceno, mantendo o olhar preso no ponto onde o veado desaparecera no bosque.

— É, sim senhor, Tomas.

Pug disse:

— Julguei que caçavas veados, Martin. Como...

Martin disse:

— O velho Barba Branca e eu temos uma espécie de acordo, Pug. Caço apenas veados celibatários, sem fêmeas ou fêmeas que já não tenham idade para parir. Quando um dia o Barba Branca perder o harém para um macho jovem, poderei abatê-lo. Por agora, cada um deixa o outro seguir o seu caminho. Chegará o dia em que o terei na mira pela haste de uma flecha. — Sorriu para os rapazes. — Só nessa altura saberei se largarei ou não a flecha. Talvez largue, talvez não largue. — Ficou calado por algum tempo, como se a perspectiva de ver Barba Branca envelhecer o entristecesse, até que, enquanto uma leve brisa restolhava os ramos, quis saber:

— Ora bem, o que traz tais caçadores destemidos aos bosques do Duque a esta hora da manhã? Devem faltar mil preparativos para o festival de Solstício de Verão logo à tarde.

Foi Tomas quem respondeu:

— A minha mãe pôs-nos para fora da cozinha. Estávamos a dar mais trabalho do que a ajudar. Como hoje é o dia da Escolha... — A voz extinguiu-se e o rapaz sentiu-se subitamente embaraçado. Em grande parte, a misteriosa reputação de Martin provinha do momento da sua chegada a Crydee. No momento da Escolha, fora colocado directamente com o Monteiro-Mor pelo Duque, não tendo de se apresentar perante os Artesãos reunidos, juntamente com os restantes rapazes da sua idade. Esta violação de uma das mais antigas tradições ofendera muita gente no burgo, pese embora ninguém se atrevesse a expressar tais sentimentos ao Lorde Borric. Como seria de esperar, Martin tornou-se no objeto da ira, ao invés do Duque. Ao longo dos anos, Martin justificara plenamente a decisão de Lorde Borric, porém, grande parte das pessoas ficaria eternamente perturbada pelo tratamento especial por parte do Duque, naquele singelo dia. Passados doze anos, algumas pessoas ainda consideravam Martin do Arco diferente e, como tal, merecedor de suspeição.

Tomas expressou:

— Desculpa, Martin.

Martin fez um aceno com a cabeça, aceitando as desculpas, mas não sem um pouco de humor:

— Eu compreendo, Tomas. Posso não ter sido obrigado a passar pela incerteza que vos aflige, mas vi muitos outros a aguardar o dia da Escolha. E durante quatro anos, juntei-me aos outros Mestres, por isso, compreendo um pouco a vossa preocupação.

Surgiu uma ideia na cabeça de Pug, que deixou escapar:

— Mas não estás com os outros Artesãos.

Martin abanou a cabeça, com uma expressão pesarosa a brilhar nas suas feições uniformes.

— Pensei que, face à tua preocupação, não conseguisses perceber o óbvio. Mas tens uma perspicácia extraordinária, Pug.

Por alguns instantes, Tomas não entendeu do que falavam, até que, repentinamente, compreendeu.

— Assim, não poderás escolher aprendizes!

Martin levou um dedo aos lábios.

— Nem um pio, rapaz. Pois não, tendo escolhido o jovem Garret o ano passado, a minha companhia de batedores está completa.

Tomas ficou desiludido. Mais do que tudo, desejava ficar ao serviço do Mestre de Armas Fannon, mas caso não fosse escolhido como soldado, preferiria a vida de Guarda-Florestal, ao serviço de Martin. Via agora a segunda escolha ser-lhe negada. Após um momento de cisma entristecida, animou-se: talvez Martin não o tivesse escolhido por Fannon já o ter feito.

Vendo o amigo a entrar num ciclo de exaltação e depressão ao considerar todas as possibilidades, Pug disse:

— Há quase um mês que não vens ao torreão, Martin. — Guardou a funda que ainda tinha na mão e perguntou: — Por onde tens andado?

Martin olhou para Pug, que se arrependeu imediatamente de ter feito a pergunta. Por mais amigável que fosse, Martin não deixava de ser o Monteiro-Mor, membro da casa senhorial do Duque, e os rapazes da torre não tinham por hábito questionar as idas e vindas do pessoal ao serviço do Duque.

Martin mitigou o embaraço de Pug com um ténue sorriso.

— Estive em Elvandar. A Rainha Aglaranna cessou os vinte anos de luto pela morte do marido, o Rei dos Elfos. As celebrações foram grandiosas.

Pug ficou surpreendido com a resposta. Para ele, como para a maioria das pessoas em Crydee, os elfos pouco mais representavam do que uma lenda. Contudo, Martin passara a juventude perto das florestas dos elfos e era um dos poucos humanos que atravessavam as florestas a norte a seu bel-prazer. Era mais um fator que distanciava Martin do Arco dos restantes. Embora noutras ocasiões Martin tivesse partilhado histórias de elfos com os rapazes, era a primeira vez que Pug se recordava de o ouvir falar acerca da relação que mantinha com esse povo. Pug gaguejou:

— Festejaste com a Rainha dos Elfos?

Martin assumiu uma atitude de modesta importância.

— Bom, fiquei na mesa mais afastada do trono, mas é verdade, estive presente. — Vendo a pergunta tácita nos olhos dos dois rapazes, prosseguiu. — Sabem que fui criado pelos monges da Abadia de Silban, junto à floresta dos elfos. Brinquei com crianças elfos e antes de vir para aqui, cacei com o Príncipe Calin e com o primo, Galain.

Tomas quase pulava de excitação. Os elfos eram um assunto que o fascinava.

— Conheceste o Rei Aidan?

A expressão de Martin ficou toldada, semicerrou os olhos e a expressão tornou-se rígida. Tomas reparou na reacção de Martin e disse:

— Perdão, Martin. Disse alguma coisa que não devia?

Martin acenou com a mão, retirando importância ao pedido de desculpa.

— Não tens culpa, Tomas — disse, atenuando um pouco a expressão. — Os elfos não proferem o nome daqueles que partiram para as Ilhas Ditosas, em especial dos que morreram prematuramente. Acreditam que dessa forma, aqueles cujo nome é proferido regressam da viagem que empreenderam até esse local, negando-lhes o descanso final. Respeito as suas crenças.

“Bom, para te responder, não, nunca o conheci. Assassinaram-no quando eu era um miúdo. Mas ouvi histórias dos seus feitos e pelo que dizem, foi um bom e sensato Rei. — Martin olhou em volta. — É quase meio-dia. Temos de regressar à torre.

Começou a dirigir-se ao carreiro e os rapazes juntaram-se a ele.

— Como foram os festejos, Martin? — perguntou Tomas.

Pug suspirou quando o caçador começou a falar das maravilhas de Elvandar. Também sentia um certo fascínio pelas histórias dos elfos, mas nada que se comparasse a Tomas. O amigo conseguia ouvir horas de lendas acerca do povo das florestas dos elfos, independentemente da credibilidade do orador. Pelo menos, ponderou Pug, o Monteiro-Mor era uma testemunha ocular credível. A voz de Martin prosseguia monotonamente e a atenção de Pug desviou-se, voltando a matutar na Escolha. Não valia a pena tentar convencer-se de que era em vão, mas estava deveras preocupado. Descobriu que estava a encarar a aproximação da tarde com um sentimento análogo ao pavor.

**O**s rapazes estavam reunidos no pátio. Era o Solstício de Verão, o dia que marcava o final de um ano e o início de outro. Nesse dia, todos os habitantes do castelo passariam a ser um ano mais velhos. Para os rapazes agrupados, era de extrema importância pois aquele seria o derradeiro dia de adolescência. Aquela era o dia da Escolha.

Pug ajeitou o colarinho da túnica nova. Não era verdadeiramente nova, uma vez que era uma das túnicas usadas de Tomas, mas era a mais nova que Pug alguma vez possuía. Magya, a mãe de Tomas, apertara-a para o rapaz mais franzino, de modo a certificar-se de que estava apresentável perante o Duque e respectiva corte. Magya e o marido, Megar, o cozinheiro, eram quem mais se aproximava do conceito de pais para o órfão em todo o torreão. Cuidavam dele quando estava doente, averiguavam se estava a alimentar-se e puxavam-lhe as orelhas quando merecia. Também o amavam como se fosse irmão de Tomas.

Pug olhou em redor. Os outros rapazes estavam vestidos com a melhor roupa que possuíam, pois este era um dos dias mais importantes das suas jovens vidas. Cada um deles iria apresentar-se perante os Mestres-Artesãos reunidos e membros da corte do Duque e cada um deles seria considerado para um lugar de aprendiz. Era um ritual, cujas origens se perderam no tempo, pois as escolhas já tinham sido feitas. Os artesãos e os membros da casa do Duque tinham passado muitas horas a discutir os méritos de cada um deles e sabiam qual o rapaz a chamar.

A prática que permitia que os rapazes entre os oito e os catorze anos trabalhassem nos ofícios e serviços provara ser um rumo sensato ao longo dos anos de modo a ser possível integrar os que mais se adequavam a cada ofício. Além disso, facultava um conjunto de indivíduos com alguma especialização para outros ofícios, caso viesse a julgar-se necessário. O inconveniente do sistema residia no facto de alguns rapazes não serem escolhidos para um ofício ou posição no paço. Por vezes, seriam demasiados rapazes para um único posto ou nenhum dos rapazes era considerado adequado, ainda que existisse vaga. Mesmo quando o número de rapazes e vagas pareciam proporcionais, como era o caso no ano corrente, não havia garantia. Para aqueles que permaneciam na dúvida, era uma altura de grande ansiedade.

Pug raspou os pés descalços distraidamente na terra. Ao contrário de Tomas, que parecia desvencilhar-se com o que quer que tentasse fazer, Pug era habitualmente culpado de tentar com demasiado afincado, acabando as tarefas numa grande trapalhada. Olhou em redor e reparou que alguns outros rapazes também mostravam sinais de tensão. Alguns gracejavam grosseiramente, fingindo despreocupação quanto ao facto de serem ou não escolhidos. Outros agiam como Pug, perdidos nos seus pensamentos, tentando não remoer no que fariam caso não fossem escolhidos.

Se não fosse escolhido, Pug – tal como os outros – teria liberdade para deixar Crydee e encontrar um ofício noutra vila ou cidade. Se

ficasse, teria de cultivar as terras do Duque como homem-livre ou trabalhar num dos barcos de pesca da vila. Ambas as perspectivas eram igualmente desinteressantes, embora não conseguisse imaginar-se a deixar Crydee.

Pug recordou-se das palavras de Megar, na noite anterior. O velho cozinheiro advertira-o quanto a uma preocupação desmedida relativamente à Escolha. Afinal, salientara, eram muitos os aprendizes que nunca tinham avançado para a categoria de artesão emancipado e, em última análise, os homens sem ofício em Crydee eram em maior número do que aqueles que o tinham. Megar omitira o facto de que muitos dos filhos dos agricultores e dos pescadores prescindiam da escolha, optando por seguir as pisadas dos pais. Pug conjecturou se Megar estaria tão arredado do momento em que passara pela Escolha a ponto de se esquecer que os rapazes que não eram escolhidos, ficavam perante os Artesãos reunidos, chefes de família e os novos aprendizes escolhidos, sob o olhar de todos, até ser chamado o derradeiro nome e finalmente saírem dali humilhados.

Mordendo o lábio inferior, Pug tentou ocultar o nervosismo. Caso não fosse escolhido, não era do género de saltar dos píncaros da Mágoa dos Marinheiros, como alguns tinham feito no passado, mas não suportava a ideia de encarar aqueles que tinham sido.

Tomas, ao lado do seu amigo mais baixo, sorriu para Pug. Sabia que o amigo estava atormentado, mas não conseguia sentir-se grandemente solidário pois a sua própria excitação estava a aumentar. O pai admitira que seria o primeiro a ser chamado pelo Mestre de Armas Fannon. Além disso, o Mestre de Armas confienciara que, caso Tomas se saísse bem durante o treino, era provável que tivesse lugar na guarda pessoal do Duque. Seria uma honra notável e melhoraria as possibilidades de Tomas progredir, quem sabe até podendo vir a conseguir uma categoria de oficial após quinze ou vinte anos na guarda.

Deu uma cotovelada a Pug nas costelas, pois o arauto do Duque surgira na varanda que dava para o pátio. O arauto fez sinal a um guarda, que abriu uma pequena porta no colossal portão e os Artesãos entraram. Atravessaram o pátio, indo colocar-se ao fundo da grande escadaria do torreão. De acordo com a tradição, ficaram de costas para os rapazes, aguardando o Duque.

As gigantescas portas de carvalho do torreão começaram a abrir pesadamente e vários guardas vestidos de castanho e dourado, as cores do Duque, precipitaram-se delas para assumirem as respectivas posições nos degraus. Cada tabardo tinha um brasão ornado com a gaiivota

dourada de Crydee e, a encimá-la, uma pequena coroa dourada, que distinguia o Duque como membro da família real.

O arauto gritou:

— Atentai! Sua Graça, Borric conDoin, terceiro Duque de Crydee, Príncipe do Reino; Senhor de Crydee, Carse e Tulan; Governador do Ocidente; General da Corte dos Exércitos do Rei; herdeiro presuntivo ao trono de Rillanon. — O Duque aguardou pacientemente até à conclusão da enumeração de cargos, avançando de seguida para a luz do sol.

Com mais de cinquenta anos, o Duque de Crydee ainda se deslocava com a graça fluida e o passo firme de um guerreiro nato. À excepção dos cabelos grisalhos nas têmporas do cabelo castanho-escuro, parecia cerca de vinte anos mais novo do que a idade que tinha. Trajava de negro do pescoço às botas, uma constante nos últimos sete anos, pois ainda chorava a perda da sua adorada esposa, Catherine. De lado, pendia uma espada de bainha preta e punho prateado, e na mão usava o anel com sinete ducal, o único adorno que se permitia.

O arauto fez-se ouvir:

— Suas Altezas Reais, os Príncipes Lyam conDoin e Arutha conDoin, herdeiros da Casa de Crydee; Capitães da Corte do Exército Ocidental do Rei; Príncipes da Casa Real de Rillanon.

Ambos os filhos avançaram, colocando-se atrás do pai. Os dois jovens eram seis e quatro anos mais velhos do que os aprendizes, pois o Duque casara tardiamente, se bem que a diferença entre os acanhados candidatos a aprendizes e os filhos do Duque ia muito além de alguns anos de diferença. Ambos os Príncipes tinham um ar sereno e controlado.

Lyam, o mais velho, à direita do pai, era um homem louro e de constituição forte. O sorriso franco lembrava o da mãe e parecia sempre à beira de largar uma gargalhada. Vestia uma túnica azul-clara e calças de malha amarelas e usava uma barba curta aparada, tão loura quanto o cabelo que caía até aos ombros.

Arutha tinha tanto a ver com as sombras e a noite como Lyam tinha com a luz e o dia. Era quase da altura do irmão e do pai, mas enquanto os dois eram robustos, Arutha era esguio a ponto de parecer macilento. Vestia uma túnica castanha e calças de malha castanho-avermelhadas. O cabelo era escuro e tinha o rosto barbeado. Tudo em Arutha transmitia a sensação de rapidez. A sua força residia na velocidade: rapidez com o florete, rapidez de entendimento. Tinha um humor seco e muitas vezes acutilante. Enquanto Lyam era francamente amado pelos súbditos do Duque, Arutha era respeitado e admirado pela sua competência, embora não fosse olhado com afecto pelo povo.



Juntos, os dois filhos pareciam capturar grande parte da natureza complexa do progenitor, pois o Duque podia passar do humor robusto de Lyam aos sombrios estados de espírito de Arutha. Eram quase opostos no temperamento, ambos homens capazes que beneficiariam o Ducado e o Reino nos anos vindouros. O Duque amava ambos os filhos.

O arauto voltou a anunciar:

— A Princesa Carline, filha da Casa Real.

A rapariga esguia e graciosa que entrou era da mesma idade dos rapazes que estavam mais abaixo, embora começasse já a vislumbrar-se a distinção e a graciosidade daqueles que nascem para governar bem como a beleza da sua falecida mãe. O comprido vestido claro contrastava flagrantemente com o cabelo quase preto. Tal como os da mãe, os olhos eram azuis como os de Lyam, que irradiou alegria quando a irmã deu o braço ao pai. Até Arutha arriscou um dos seus raros semi-sorrisos, pois também estimava a irmã.

Vários rapazes no castelo acalentavam um amor secreto pela Princesa, um facto de que ela tirava partido amiúde, sempre que arquitetava diabruras.

Foi a vez da entrada da corte do Duque. Pug e Tomas conseguiram perceber que estavam presentes todos os membros ao serviço do Duque, incluindo Kulgan. De tempos a tempos, desde a noite da tormenta, Pug vislumbrara-o no castelo, e ambos trocaram algumas palavras numa ocasião em que Kulgan quis saber como Pug estava, mas o mago ficava arredado da vista na maior parte do tempo. Pug ficou um pouco surpreendido por ver o mago, uma vez que não era considerado como fazendo deveras parte da corte do Duque, sendo antes tido como um conselheiro esporádico. Kulgan ficava quase sempre recolhido na sua torre, afastado dos olhares enquanto se dedicava ao que os magos faziam em tais lugares.

O mago estava embrenhado a conversar com o Padre Tully, um sacerdote de Astalon, o Construtor, e um dos ajudantes mais antigos do Duque. Tully fora conselheiro do pai do Duque e já então parecia idoso. Agora parecia muito velho – pelo menos na perspectiva jovem de Pug – ainda que os seus olhos não dessem qualquer mostra de senilidade. Muitos rapazes do castelo tinham sido empalados no olhar aguçado daqueles límpidos olhos cinzentos. A sua perspicácia e língua eram igualmente vigorosas pelo que não seria de estranhar que os rapazes do castelo preferissem uma sessão com a correia de couro do Estribeiro-Mor Algon em vez de um sermão contundente do Padre Tully. O sacerdote de cabelo grisalho seria capaz de esfolar as costas de um herético só com palavras cáusticas.



Próximo do Padre, estava alguém que tinha sentido a ira de Tully ocasionalmente, o Escudeiro Roland, filho do Barão Tolburt de Tulan, um dos vassallos do Duque. Era companheiro de ambos os Príncipes, sendo o único rapaz, para além deles, de descendência nobre no torreão. O pai enviara-o para Crydee no ano anterior, com o intuito de aprender a gerir o Ducado e os costumes da corte do Duque. Na corte um tanto rude junto à fronteira, Roland descobrira um lar longe de casa. Quando ali chegara, já estava perto de ser considerado ignóbil, mas o seu contagioso sentido de humor e perspicácia serviam frequentemente para mitigar a raiva que resultava dos seus modos travessos. Era Roland, a maior parte das vezes, que servia de cúmplice à Princesa Carline nas malandricas que levava a cabo. De cabelo castanho-claro e olhos azuis, Roland era alto para a idade que tinha. Como era somente um ano mais velho do que os rapazes reunidos, brincara muitas vezes com eles ao longo do último ano, uma vez que Lyam e Arutha andavam sempre ocupados com os deveres da corte. Tomas e Roland tinham sido rivais ao início, passando rapidamente a amigos, sendo que Pug se tornara amigo dele por arrasto, pois onde Tomas estava, Pug estaria certamente por perto. Roland viu Pug impacientado junto à orla do grupo de rapazes reunidos e fez um ligeiro aceno com a cabeça, piscando o olho. Pug sorriu brevemente pois ainda que, como qualquer outro, fosse bastas vezes alvo das piadas de Roland, gostava do jovem e rebelde Escudeiro.

Assim que toda a corte compareceu, o Duque falou:

— Ontem, foi o último dia do décimo primeiro ano do reinado do Senhor nosso Rei, Rodric IV. Hoje, decorre o Festival de Banapis. O dia que se seguirá verá estes rapazes aqui reunidos incluídos nos homens de Crydee, não mais rapazes, antes aprendizes e homens livres. Chega o momento de indagar se algum de entre vós deseja ser libertado do serviço ao Ducado. Alguém de entre vós assim deseja? — A pergunta fazia parte das formalidades, não sendo esperada qualquer resposta, pois eram poucos os que alguma vez desejaram deixar Crydee. Contudo, um rapaz deu um passo em frente.

O arauto perguntou:

— Quem deseja ser libertado deste serviço?

O rapaz baixou os olhos, nitidamente nervoso. Pigarreando, disse:

— Sou Robert, filho de Hugen. — Pug não o conhecia muito bem.

Era o filho de um cerzidor de redes, um rapaz do burgo e, como tal, raramente se misturava com os rapazes do torreão. Pug brincara com ele algumas vezes e percebera que o rapaz era bem visto. A recusa do serviço era algo raro e Pug estava tão curioso quanto os restantes em saber as razões.

O Duque falou de modo benevolente:

— Quais são os teus propósitos, Robert, filho de Hugem?

— Vossa Graça, o meu pai não tem possibilidades de me aceitar no seu ofício, pois os meus quatro irmãos estão em condições de tomarem o ofício como artesãos e mestres como ele, tal como acontece com tantos outros filhos de cerzidores de redes. O meu irmão mais velho já casou e tem um filho, por isso a minha família já não tem lugar para mim em casa. Se não posso ficar a viver com a minha família e aprender o ofício do meu pai, peço a licença de Vossa Graça para aceitar serviço como marinheiro.

O Duque ponderou no assunto. Robert não era o primeiro rapaz da vila a sentir o chamamento do mar.

— Encontraste algum mestre disposto a receber-te?

— Sim, Vossa Graça. O Capitão Gregson, mestre da embarcação *Verde Profundo* do Porto de Margrave, está disposto a receber-me.

— Conheço esse homem — disse o Duque. Com um sorriso ténue, prosseguiu:

— É um homem bom e justo. Confio-te ao seu serviço e desejo-te viagens bem-aventuradas. Serás bem-vindo a Crydee sempre que regressares no teu navio.

Robert fez uma vénia, um pouco hirta, e deixou o pátio, terminada a sua função na Escolha. Pug pensou na opção aventureira de Robert. Em menos de um minuto, o rapaz renunciara aos laços familiares e ao lar, sendo agora cidadão de uma cidade que nunca vira. O costume ditava que um marinheiro passasse a dever lealdade ao burgo onde se encontrava o porto da sua embarcação. O Porto de Margrave era uma das Cidades Livres de Natal, no Mar Amaro, e passara a ser a terra de Robert.

O duque fez sinal ao arauto para que prosseguisse.

O arauto anunciou o primeiro dos Artesãos, o Mestre Veleiro Holm, que chamou o nome de três rapazes. Todos aceitaram o serviço e nenhum pareceu desagradado. A Escolha prosseguiu sem percalços, pois nenhum rapaz recusou o serviço oferecido. Cada um dos rapazes juntava-se ao seu novo mestre.

À medida que a tarde ia passando e o número de rapazes diminuía, Pug começou a ficar cada vez mais preocupado. Pouco tempo depois, restavam unicamente dois rapazes além de Pug e Tomas no centro do pátio. Todos os artesãos tinham chamado os aprendizes e, para além do Mestre de Armas, ainda não tinham falado dois dos membros do Paço. Pug estudou o grupo no patamar da escadaria, com o coração aos saltos face à ansiedade. Os dois Príncipes olhavam para os rapazes,

Lyam com um sorriso amistoso, Arutha absorto nalgum pensamento. A Princesa Carline estava entediada por tudo aquilo e pouco se esforçava por ocultar esse facto, pois estava a segredar a Roland, o que lhe valeu um olhar de reprovação da Senhora Marna, preceptora da Princesa.

O Estribeiro-Mor Algon avançou, com o seu tabardo castanho e dourado a ostentar uma pequena cabeça de cavalo bordada no peito do lado esquerdo. Chamou Rulf, filho de Dick, e o entroncado filho do coudel do Duque foi colocar-se por detrás do mestre. Ao virar-se, sorriu de modo condescendente para Pug. Os dois rapazes nunca se tinham dado bem, sendo que o rapaz bexigoso passava muitas horas a implicar e atormentar Pug. Embora trabalhassem ambos nas cavala-riças às ordens de Dick, o coudel fazia que não via sempre que o filho pregava uma partida a Pug e o órfão era constantemente responsabilizado por qualquer transtorno que surgisse. Fora um período horrível para Pug, que jurara recusar o serviço perante a possibilidade de trabalhar o resto da vida ao lado de Rulf.

O Mordomo-Mor Samuel chamou o nome do outro rapaz, Geoffrey, que se tornaria num dos serviçais do castelo, deixando Pug e Tomas sozinhos. Foi então que o Mestre de Armas Fannon deu um passo em frente e Pug sentiu o coração a parar ao ouvir o antigo soldado a chamar:

— Tomas, filho de Megar.

Deu-se uma pausa e Pug aguardou que o seu nome fosse chamado, mas Fannon recuou e Tomas atravessou o pátio para se colocar ao lado dele. Pug sentiu-se diminuto com todos os olhos nele pousados. O pátio parecia maior do que se lembrava e julgou-se deselegante e mal vestido. Sentiu um aperto no peito ao perceber que não restava nenhum Artesão nem membro da Casa Real ali presente que não tivesse já escolhido um aprendiz. Seria o único rapaz que não fora chamado. Reprimindo as lágrimas, aguardou que o Duque desse ordem ao séquito para que saísse.

Quando o Duque começou a falar, a compaixão pelo rapaz patente no rosto, foi interrompido por outra voz.

— Vossa Graça, não vos importais?

Todos os olhares se viraram para Kulgan, o mago, que avançava.

— Preciso de um aprendiz e chamo Pug, órfão do torreão, a meu serviço.

Uma onda de murmúrios passou pelos Artesãos reunidos. Algumas vozes diziam que não era adequado que um mago participasse na Escolha. O duque silenciou-os com um olhar, de rosto severo. Nenhum

Artesão se atreveria a desafiar o Duque de Crydee, o terceiro nobre mais importante do Reino, por conta de um rapaz. Lentamente, todos os olhos voltaram ao rapaz.

O Duque disse:

— Uma vez que Kulgan é um mestre reconhecido no seu ofício, tem todo o direito de escolher. Pug, órfão do castelo, aceitas o serviço? — Pug ficou petrificado. Imaginara-se a liderar o exército do Rei em combates como Tenente da Corte ou, quiçá, um dia vir a descobrir ser o filho perdido de membros da nobreza. Nos seus devaneios de criança, navegara em navios, perseguira monstros enormes e salvara a nação. Nos momentos mais recatados de reflexão, conjecturara se iria passar a vida a construir navios, a fazer peças de barro ou a aprender as aptidões de mercador, especulando sobre o sucesso que iria alcançar em cada um desses ofícios. Contudo, o único pensamento que não tivera, o único sonho que nunca atraía as suas fantasias, fora o de se tornar mago.

Saiu do estado de choque, ciente de que o Duque aguardava pacientemente uma resposta. Olhou para os rostos de quem estava à sua frente. O Padre Tully mostrou um dos seus raros sorrisos, tal como o Príncipe Arutha. O Príncipe Lyam acenou ligeiramente com a cabeça, confirmando, e Kulgan olhava-o atentamente. No rosto do mago conseguia perceber sinais de preocupação e, de repente, Pug decidiu. Poderia não ser uma vocação propriamente dita, mas qualquer ofício era melhor do que nenhum. Deu um passo em frente e tocou no próprio calcanhar com o outro pé, aterrando com a cara na terra. Levantou-se e, quase a correr, quase a tropeçar, dirigiu-se ao mago. O tropeção quebrou a tensão e a gargalhada ribombante do Duque invadiu o pátio. Corado de vergonha, Pug colocou-se atrás de Kulgan. Olhou em redor do amplo perímetro do seu novo mestre, deparando-se com o Duque a olhá-lo, mostrando uma expressão suavizada pelo aceno afável dirigido a um enrubescido Pug. O Duque virou-se para todos os que aguardavam o encerramento da Escolha.

— Declaro que cada rapaz aqui presente está agora aos cuidados do respectivo mestre, ao qual deverá obedecer em todos os assuntos consagrados nas leis do Reino, e cada um será considerado como legítimo e digno homem de Crydee. Que os aprendizes sirvam os seus mestres. Até aos festejos, a todos desejo um bem-aventurado dia. — Virou-se e ofereceu o braço esquerdo à filha. A Princesa pousou delicadamente a mão no braço do pai e entraram no torreão entre as fileiras de cortesãos, que se afastaram. Seguiram-se os dois Príncipes e os restantes membros da corte. Pug viu Tomas partir na direcção das casernas dos guardas, seguindo o Mestre Fannon.

Voltou a dar atenção a Kulgan, perdido em pensamentos. Passado um momento, o mago disse:

— Espero que nenhum de nós tenha hoje cometido um erro.

— Senhor? — perguntou Pug, sem perceber o significado das palavras do mago. Kulgan acenou a mão distraidamente, fazendo com que o manto amarelo-pálido se mexesse como ondas a agitar o mar.

— Não importa, rapaz. O que está feito, está feito. Vamos tirar o melhor partido da situação. — Pousou a mão no ombro do rapaz. — Anda, vamo-nos recolher na torre onde habito. Há um quartinho por baixo do meu que deve servir. Tinha-o guardado para um qualquer projecto, mas nunca tive tempo para o preparar.

Pug ficou assombrado.

— Um quarto só para mim? — Tal benesse para um aprendiz era algo inaudito. A maior parte dos aprendizes dormiam nas oficinas dos mestres, ou guardavam rebanhos ou algo similar. Somente quando um aprendiz se tornava artífice lhe era concedido um quarto privado.

Kulgan levantou uma sobancelha espessa.

— Claro. Não te posso ter sempre no meu caminho. Nunca conseguiria fazer nada. Além disso, a magia requer solidão para se poder meditar. Precisarás de um lugar onde não sejas perturbado, tanto ou mais do que eu preciso. — Tirou o seu longo e fino cachimbo de uma dobra no seu manto e começou a enchê-lo de tabaco que tirou de uma bolsa que também surgira de baixo do manto.

— Não nos vamos ocupar muito com discussões sobre deveres e coisas que tais, rapaz. Para dizer a verdade, não estou preparado para te receber. Mas em breve, terei tudo a jeito. Até lá, poderemos fazer uso do tempo para nos conhecermos. Combinado? — Pug ficou admirado. Não tinha uma ideia muito concreta sobre a ocupação dos magos, apesar da noite que passara com Kulgan semanas atrás, mas sabia sem qualquer dúvida como eram os Mestres Artesãos e nenhum teria pensado em perguntar se um aprendiz concordava ou não com os seus planos. Sem saber o que dizer, Pug limitou-se a anuir.

— Ora então, muito bem — disse Kulgan —, vamos lá à torre a ver se te encontramos roupas novas e depois passaremos o resto do dia nos festejos. Depois teremos muito tempo para aprendermos a ser mestre e aprendiz. — Com um sorriso dirigido ao rapaz, o corpulento mago virou Pug e levou-o dali.

**O** final da tarde estava límpido e luminoso, soprando uma leve brisa do mar que arrefecia a canícula estival. Dentro das muralhas do

Castelo Crydee e no burgo abaixo, decorriam os preparativos do Festival de Banapis.

Banapis era a festividade mais antiga de que se tinha conhecimento, sendo que as origens se tinham perdido em tempos remotos. Tinha lugar no Dia de Solstício de Verão, um dia que não pertencia ao passado nem ao novo ano. Banapis, conhecido por outras designações noutras nações, era celebrado por todo o mundo de Mikdemia em conformidade com a lenda. Havia quem acreditasse que o festival era uma apropriação dos elfos e dos anões, pois dizia-se que as raças de longevidade prolongada celebravam a festa do Solstício desde tempos imemoriais, tanto quanto as duas raças tinham memória. A maioria das autoridades contestava esta alegação, defendendo como única razão a improbabilidade de os humanos terem adoptado o que quer que fosse de tais povos. Constava que até os naturais das Terras do Norte, as tribos de trasgos e os clãs da Irmandade da Senda das Trevas celebravam o Banapis, ainda que ninguém declarasse ter presenciado essa celebração.

O pátio estava agitado. Mesas gigantescas tinham sido montadas para comportarem as inumeráveis variedades de comida que estavam a ser confeccionadas há mais de uma semana. Barricas gigantes de cerveja dos anões, importada da Montanha de Pedra, foram içadas das adegas e repousavam em estruturas de madeira que protestavam sob o peso excessivo. Os trabalhadores, alarmados ante a aparência frágil das pilhas de barricas, despejavam celeremente parte do seu conteúdo. Megar apareceu, vindo da cozinha, e mandou-os embora iradamente.

— Já chega, por este andar não restará nada para a ceia! Voltem para a cozinha, palermas! Ainda há muito a fazer.

Os trabalhadores lá foram, resmungando, e Megar encheu uma caneca de modo a verificar se a cerveja estava à temperatura adequada. Depois de a esvaziar e ficar satisfeito por estar tudo a preceito, regressou à cozinha.

A festa não tinha um início formal. Tradicionalmente, as pessoas e a comida, o vinho e a cerveja, iam-se juntando e, subitamente, os festejos estavam ao rubro.

Pug saiu da cozinha a correr. O seu quarto, na torre mais a norte, a torre do mago, como era conhecida, facultava-lhe um atalho através da cozinha, que usou em detrimento das portas principais do torreão. Irradiava alegria ao atravessar o pátio a correr, de túnica e calças novas. Nunca usara roupas tão requintadas e tinha pressa em mostrá-las ao seu amigo Tomas.

Encontrou Tomas a sair do aquartelamento comum dos soldados,

quase tão apressado quanto Pug. Quando se encontraram, falaram em simultâneo.

— Olha para a túnica nova — disse Pug.

— Olha para o meu tabardo de soldado — disse Tomas.

Detiveram-se e desataram a rir.

Tomas foi o primeiro a recuperar a compostura.

— São vestes muito elegantes, Pug — disse, passando o tecido caro da túnica vermelha de Pug entre os dedos. — E a cor fica-te bem.

Pug devolveu o elogio, uma vez que Tomas ficava impressionante vestido com o tabardo castanho e dourado. Não importava que, por baixo, vestisse as habituais calças e túnica de confecção caseira. Só receberia o uniforme de soldado quando o Mestre Fannon o considerasse merecedor como homem de armas.

Os dois amigos vaguearam de uma mesa abarrotada para outra. Pug tinha água na boca devido aos aromas ricos que pairavam no ar. Chegaram a uma mesa repleta de empadas de carne, de cujas crostas quentes ainda saía fumo, queijos de aromas fortes e pão quente. Junto à mesa, estava posicionado um rapazinho da cozinha com um abano para afastar as moscas. Tinha como tarefa afastar pragas da comida, quer fossem da espécie dos insetos, quer fossem da espécie dos aprendizes cronicamente esfaimados. Como grande parte das situações que envolviam rapazes, a relação entre este protector do banquete e os aprendizes mais velhos era rigorosamente sujeita à tradição. Seria falta de educação e de gosto duvidoso simplesmente ameaçar ou intimidar o rapaz mais novo para que se afastasse da comida antes do início do festim. No entanto, era tido como justo que se usasse a astúcia, a dissimulação ou a agilidade para obter uma recompensa da mesa.

Pug e Tomas observavam com interesse enquanto o rapaz, que se chamava Jon, dava uma palmada malvada na mão de um jovem aprendiz que tentara puxar uma grande empada. Com um aceno de cabeça, Tomas mandou Pug para o lado mais afastado da mesa. Pug atravessou com cautela o campo de visão de Jon enquanto o rapaz o observava atentamente. Pug fez um movimento brusco, simulando lançar-se à mesa e Jon inclinou-se na sua direcção. De repente, Tomas arrebatou um folhado da mesa e fugiu antes que o abano começasse a descer. Enquanto corriam para longe da mesa, Pug e Tomas conseguiam ouvir os gritos consternados do rapaz cuja mesa tinham pilhado.

Tomas deu metade da empada a Pug quando viram que estavam a uma distância segura e o aprendiz mais baixo riu-se.

— Aposto que tens as mãos mais rápidas do castelo.

— Ou o jovem Jon foi lento a dar conta pois estava a vigiar-te.



Partilharam uma gargalhada. Pug meteu na boca a metade inteira da empada. Estava delicadamente condimentada e o contraste entre o recheio salgado de carne de porco e a adocicada crosta folhada era delicioso.

Do pátio lateral ouviu-se o som de gaitas e tambores, significando que os músicos do Duque estavam a chegar ao pátio principal. Assim que surgiram dando a volta ao torreão, pareceu ter passado uma mensagem silenciosa entre a multidão. De súbito, os rapazes da cozinha estavam todos afadigados a distribuir travessas de madeira para que os foliões enchessem de comida e viam-se canecas de cerveja e de vinho a sair das barricas.

Os rapazes precipitaram-se para se colocarem na fila da primeira mesa. Pug e Tomas usavam o tamanho e a agilidade que possuíam a seu favor, passando entre a multidão, tirando comida de toda a variedade e conseguindo uma grande caneca de cerveja coberta de espuma para cada um.

Encontraram um canto relativamente sossegado e lançaram-se com um apetite ávido. Pug provou cerveja pela primeira vez e ficou surpreendido pelo sabor robusto e ligeiramente amargo. Parecia acalentá-lo ao descer e depois de outro gole experimental, decidiu que gostava.

Pug conseguia ver o Duque e a família a conviver com o povo. Nas filas para as mesas, eram visíveis outros membros da sua corte. Naquela tarde, não se obedecia a qualquer cerimónia, ritual ou classe. Cada um era servido quando chegasse a sua vez, pois o Dia do Solstício de Verão era a altura em que todos compartilhavam equitativamente as dádivas da colheita.

Pug viu a Princesa de relance e sentiu um ligeiro aperto no coração. Estava radiante, enquanto inúmeros rapazes no pátio a elogiavam. Vestia um adorável vestido azul-escuro comprido e um simples chapéu de aba larga da mesma cor. Agradecia a todos os autores de comentários lisonjeadores e usava da melhor forma as pestanas escuras e o sorriso radioso, deixando atrás dela um séquito de rapazes perdidos de amores.

Malabaristas e bobos surgiram no pátio, a primeira de muitas trupes de artistas itinerantes que se encontravam no burgo por causa do festival. Os actores de outra companhia tinham montado um palco na praça da povoação e apresentariam uma peça à noite. Até altas horas da madrugada, as festividades continuariam. Pug sabia que muitos dos rapazes no ano anterior tinham sido dispensados dos seus trabalhos na manhã a seguir ao Banapis, pois não tinham a cabeça nem o estômago



em condições para executarem o seu trabalho com brio. Estava certo de que tal cena iria repetir-se no dia seguinte.

Pug estava ansioso para que a noite chegasse pois era costume que os novos aprendizes visitassem muitas das casas na vila, recebendo felicitações e canecas de cerveja. Era também uma altura oportuna para conhecer as raparigas da povoação. Embora os namoricos não fossem invulgares, não deixavam de ser vistos com maus olhos. Contudo, as mães não pareciam estar tão atentas durante o Banapis. Agora que os rapazes tinham um ofício, já não eram considerados como pragas chatas, antes como possíveis genros e sabia-se de casos em que a mãe fazia que não via enquanto a filha usava os seus dons naturais para apanhar um jovem marido. Pug, sendo de baixa estatura e de aspecto acriançado, recebia pouca atenção das raparigas do torreão. Por sua vez, Tomas era cada vez mais objecto do interesse feminino, já que estava a crescer e a ficar mais bonito e ultimamente Pug começara a aperceber-se de que o amigo estava a ser avaliado por uma ou outra das raparigas do castelo. Pug ainda tinha idade para achar tudo aquilo uma tolice, mas também já tinha idade para ficar fascinado.

Pug mastigou um enorme pedaço de comida e olhou em volta. Os habitantes da vila e do castelo passavam e felicitavam os ofícios que os jovens tinham abraçado, desejando-lhes um feliz ano novo. Pug sentiu que tudo estava como deveria ser. Era aprendiz, ainda que Kulgan não parecesse fazer a mínima ideia do que isso significava. Tinha a barriga cheia e a caminho de ficar um pouco embriagado – o que também contribuía para a sensação de bem-estar. E o que era mais importante, estava entre amigos. Não devia haver nada melhor na vida, assim pensou.

## TORREÃO

**P**ug estava sentado na sua tarimba, amuado. Fantus, o dragonete, estendeu a cabeça, convidando Pug a coçá-lo por detrás das saliências oculares. Vendo que não seria atendido, o dragonete dirigiu-se à janela da torre e, com um resfôlego de desagrado, acompanhado por uma pequena baforada de fumo negro, lançou-se em pleno voo. Pug não reparou na partida da criatura, tão absorto estava no seu mundo de preocupações. Desde que aceitara o posto de aprendiz de Kulgan há catorze meses, tudo o que fazia parecia correr mal.

Deitou-se na tarimba, cobrindo os olhos com o braço; sentia a brisa salgada a maresia que entrava pela janela e sentia o calor do sol nas pernas. Tudo na sua vida melhorara desde que se iniciara como aprendiz, à excepção do único elemento mais importante, os estudos.

Durante meses, Kulgan esforçara-se por lhe transmitir as bases das artes dos magos, mas os seus esforços saíam sempre gorados devido a algum acontecimento. Nas teorias de lançamento de feitiços, Pug aprendia depressa, percebendo bem os conceitos fundamentais. Porém, sempre que tentava fazer uso desses conhecimentos aprendidos, algo parecia impedi-lo. Era como se uma parte da sua mente recusasse levar a cabo a magia, como se existisse um bloqueio que o impedisse de passar um determinado ponto no feitiço. Sempre que tentava, sentia que se aproximava desse ponto e, tal como o cavaleiro de uma montada obstinada, parecia não conseguir saltar o obstáculo.

Kulgan relativizava as preocupações de Pug, dizendo que tudo se haveria de resolver a seu tempo. O corpulento mago mostrava-se sempre compreensivo com o rapaz, nunca o repreendendo por não fazer melhor pois sabia que ele se esforçava.

Abandonou os devaneios quando ouviu alguém abrir a porta. Ao olhar, viu o Padre Tully a entrar, com um grande livro debaixo do braço. As clericais vestes brancas restolharam ao fechar a porta. Pug sentou-se.

— Pug, está na altura da aula de caligrafia... — Interrompeu-se ao ver a expressão cabisbaixa do rapaz. — O que se passa, jovem?

Pug afeiçoara-se ao idoso sacerdote de Astalon. Apesar de ser um mestre rigoroso, era justo. Tanto elogiava o rapaz pelos seus sucessos

como o repreendia pelos insucessos. Tinha um espírito vivaço e sentido de humor, estando sempre receptivo a perguntas, por mais estúpidas que Pug as achasse.

Pondo-se de pé, Pug suspirou.

— Não sei, Padre. Parece que nada está a correr bem. Estrago tudo o que tento fazer.

— Pug, nem tudo pode ser mau — disse o sacerdote, pousando a mão no ombro de Pug. — E que tal se me contasses o que te está a preocupar e deixamos a prática de caligrafia para outra altura? — Dirigiu-se a um banco junto à janela e ajeitou as vestes à volta enquanto se sentava. Pousando o grande livro junto aos pés, estudou o rapaz.

Pug crescera ao longo do último ano, mas ainda era de porte pequeno. Os ombros começavam agora a alargar ligeiramente e o rosto mostrava sinais do homem que, um dia, haveria de ser. Era uma figura desanimada com a túnica e as calças feitas em casa, de estado de espírito tão cinzento como o tecido que o vestia. O quarto, habitualmente limpo e arrumado, era agora uma confusão de pergaminhos e livros, reflectindo a desordem que ia na sua cabeça.

Pug ficou sentado em silêncio por um instante, mas como o sacerdote nada dizia, começou a falar.

— Lembrais-vos quando vos contei que Kulgan estava a tentar ensinar-me os três encantamentos básicos para acalmar a mente, de modo a poder praticar os feitiços sem pressões? Bom, a verdade é que aprendi a dominar esses exercícios há meses. Por momentos, já consigo elevar a minha mente a estados de serenidade, sem grande esforço. Mas é o máximo que consigo fazer. Depois, tudo parece desmoronar-se.

— Como assim?

— O passo seguinte é aprender a disciplinar a mente a fazer aquilo que não é natural, tal como pensar num único elemento, excluindo tudo o resto, ou não pensar num determinado elemento, o que é bastante difícil uma vez que já foi referido. A maior parte das vezes, consigo fazer essas tarefas, mas de vez em quando, sinto que existem forças na minha cabeça, aos estrondos, que exigem que tome opções diferentes. É como se tivesse algo diferente a acontecer na cabeça e que não é o que Kulgan me disse que devia esperar.

“Sempre que tento fazer um dos feitiços simples que Kulgan me ensinou, como mover um objeto ou levitar, estas coisas na minha cabeça destroem-me a concentração e perco o controlo. Não consigo sequer dominar o mais simples dos feitiços. — Pug sentiu que tremia, visto que esta era a primeira oportunidade que tinha de falar sobre este assunto com outra pessoa para além de Kulgan. — Kulgan diz-me para

não desistir e não me preocupar. — Com as lágrimas prestes a brotar, prosseguiu. — Tenho talento. Kulgan disse que soube disso da primeira vez que nos encontramos, quando usei o cristal. Vós dissestes-me que tenho talento. Mas não consigo fazer com que os feitiços resultem como deviam. Fico tão confundido com tudo isto.

— Pug — disse o sacerdote —, a magia é composta por muitas propriedades e nós pouco compreendemos da forma como funciona, mesmo aqueles que a praticam. Nos templos, ensinam-nos que a magia é um dom oferecido pelos deuses e nós aceitamo-lo pela fé. Não compreendemos como tal é possível, mas também não questionamos. Cada ordem tem o seu próprio domínio de magia, sendo que não há dois que se assemelhem sequer. Sou capaz de executar magia que aqueles que seguem outras ordens não conseguem. Contudo, ninguém sabe explicar.

“Os magos usam uma magia de espécie diferente e as suas práticas são díspares das nossas práticas nos templos. Muito do que fazem, nós não conseguimos. São eles que estudam a arte da magia, demandando a sua natureza e formas de funcionamento, mas nem eles conseguem explicar como funciona. Sabem apenas como a usar e transmitem esses conhecimentos aos alunos, tal como Kulgan está a fazer contigo.

— A tentar, Padre. Creio que se equivocou em relação a mim.

— Não creio, Pug. Tenho alguns conhecimentos destas coisas e desde que te tornaste aprendiz de Kulgan que sinto o poder a crescer dentro de ti. Quiçá o alcances tardiamente, como já aconteceu a outros, mas estou convencido de que encontrarás o caminho certo.

Pug não se sentiu alentado. Não punha em causa a sabedoria do sacerdote, nem sequer a sua opinião, mas sentia que poderia estar enganado.

— Espero que não vos enganeis, Padre. Só que não consigo compreender o que se passa comigo.

— Julgo que sei qual é o problema — ouviu-se uma voz vinda da porta. Sobressaltados, Pug e o Padre Tully viraram-se e viram Kulgan na soleira da porta. Os seus olhos azuis revelavam rugas de preocupação e as espessas sobrancelhas grisalhas formavam um V acima da cana do nariz. Nenhum dos dois ouvira a porta abrir-se. Kulgan levantou o comprido manto verde e entrou no quarto, deixando a porta aberta.

— Vem cá, Pug — chamou o mago com um breve aceno de mão. Pug acercou-se do mago, que pousou ambas as mãos nos ombros do rapaz. — Os rapazes que ficam fechados no quarto, dia após dia, a matutar nas razões pelas quais nada resulta, fazem com que nada resulte. Dou-te o dia de folga. Como é o Sexto Dia, devem andar por aí

bastantes rapazes para te ajudarem nos sarilhos em que os rapazes se costumam meter. — Sorriu e o seu pupilo ficou mais aliviado. — Precisas de descansar dos estudos. Vai lá. — Dito isto, deu uma palmada brincalhona na cabeça do rapaz, incitando-o a correr escada abaixo. Chegando-se perto da esteira, Kulgan baixou a pesada estrutura até se sentar e olhou para o sacerdote.

— Rapazes — disse Kulgan, abanando a cabeça. — Faz-se um festival, dá-se-lhes o emblema de um ofício e esperam tornar-se homens da noite para o dia. No entanto, ainda são rapazes e por mais que tentem, continuam a comportar-se como rapazes e não como homens. — Tirou o cachimbo e começou a enchê-lo. — Os magos são considerados jovens e inexperientes aos trinta anos, mas noutro ofício qualquer, trinta marca a passagem a artesão ou mestre, provavelmente estarão até a preparar o filho para a Escolha. — Levou um pauzinho do carvão que ainda ardia na braseira de Pug e acendeu o cachimbo.

Tully aquiesceu.

— Compreendo, Kulgan. O sacerdócio também é ofício de idosos. Com a idade de Pug, ainda tinha à minha frente mais treze anos como acólito. — O velho sacerdote inclinou-se para a frente. — Kulgan, o que me dizeis do problema do rapaz?

— Ele tem razão, sabeis? — declarou Kulgan, sem rodeios. — Não há qualquer explicação que indique o motivo pelo qual não consegue executar as competências que lhe tentei ensinar. O que ele consegue fazer com pergaminhos e instrumentos deixam-me surpreendido. O rapaz tem um tal talento para isso, que teria apostado que estava perante os predicados de um mago de artes poderosas. Mas esta incapacidade de usar os poderes interiores...

— Credes que irás conseguir encontrar uma solução?

— Assim espero. Detestaria ter de o desobrigar da função de aprendiz. Seria ainda mais devastador do que se não o tivesse escolhido. — O rosto denotava preocupação genuína. — É confuso, Tully. Creio que concordareis que possui o potencial de um grande talento. Quando o vi usar o cristal na minha cabana naquela noite, soube, pela primeira vez em muitos anos, que talvez tivesse finalmente encontrado o meu aprendiz. Quando não foi escolhido por nenhum mestre, soube que o destino levava os nossos caminhos a cruzarem-se. Porém, há mais na cabeça daquele rapaz, algo que nunca vi e que é poderoso. Não sei do que se trata, Tully, mas rejeita os meus exercícios, como se, de alguma forma... não fossem correctos, ou... não se adequassem a ele. Não sei se consigo explicar melhor o que encontrei em Pug. Não há uma explicação simples.

— Pensastes no que o rapaz disse? — perguntou o sacerdote, com uma expressão preocupada e pensativa.

— Referis-vos ao facto de me poder ter equivocado?

Tully confirmou. Kulgan rejeitou a questão com um aceno de mão.

— Tully, conheceis tão bem a natureza da magia como eu, talvez mais. Não é em vão que chamam ao vosso deus O Deus que Trouxe Ordem. A vossa seita deslindou muitíssimo acerca daquilo que rege este universo. Nalgum momento duvidastes que o rapaz possui talento?

— Talento, nunca duvidei. Mas a questão em causa é a aptidão.

— Bem dito, como sempre. Bom, tendes ideias? Talvez devêssemos tornar o rapaz num clérigo?

Tully recostou-se, com uma expressão de desaprovação estampada no rosto.

— Sabeis bem que o sacerdócio é uma vocação, Kulgan — disse, rispidamente.

— Baixai a crista, Tully. Estava a gracejar. — Suspirou. — Ainda assim, se não tem vocação para sacerdote nem jeito para o ofício de mago, o que podemos fazer com este talento natural do rapaz?

Tully considerou a pergunta por um momento, dizendo de seguida:

— Já pensastes na arte perdida?

Kulgan arregalou os olhos.

— Essa lenda antiga? — Tully confirmou com um aceno de cabeça. — Duvido que exista um mago vivo que não tenha, numa ou noutra ocasião, pensado na lenda da arte perdida. Caso tenha existido, explicaria muitas lacunas do nosso ofício. — Depois fixou Tully semi-cerrando um olho revelador de desaprovação. — Mas as lendas são bastante comuns. Dá-se um pontapé num seixo na praia e encontra-se uma. Por mim, prefiro procurar justificações concretas para as nossas lacunas e não atribuir responsabilidade a superstições antigas.

A expressão de Tully tornou-se severa e falou num tom de repreensão.

— Nós, do templo, não a temos como lenda, Kulgan! Considera-se como fazendo parte da verdade revelada, ensinada pelos deuses aos primeiros homens.

Irritado pelo tom de Tully, Kulgan retorquiu:

— E assim era a noção de que o mundo era plano, até Rolendirk — um mago, devo recordar-vos — enviar a sua visão mágica a tal altura que descobriu a curvatura no horizonte, demonstrando claramente que um mundo é um globo! Desde o início dos tempos que é um facto conhecido por quase todos os marinheiros e pescadores que viam as

velas surgir no horizonte antes de se ver o resto da embarcação! — A voz levantou-se, quase gritando.

Vendo que Tully ficara ressentido pela referência ao antigo cânone da igreja há muito abandonado, Kulgan atenuou o tom de voz.

— Com todo o respeito por vós, Tully. Mas não tenteis ensinar um velho ladrão a roubar. Bem sei que a vossa ordem discute somente por discutir com os melhores e que metade dos teus irmãos clérigos têm ataques de riso quando ouvem os jovens acólitos a discutir com a maior das seriedades questões teológicas abandonadas um século atrás. Além disso, a lenda da arte perdida não se trata de um dogma ishapiano?

Foi a vez de Tully fixar Kulgan com um olhar de desaprovação. Num tom de desespero divertido, disse:

— A vossa educação no que respeita à religião ainda está muito aquém, Kulgan, apesar de um certo discernimento inexorável quanto ao funcionamento interno da minha ordem. — Sorriu ligeiramente. — No entanto, tendes razão quanto aos tribunais doutrinários fictícios. A maioria de nós acha-os divertidos por nos lembrarem como éramos sofregamente sombrios por causa deles na época em que éramos acólitos. — Com um ar circunspecto: — Mas falo a sério quando digo que a vossa educação está aquém. Os ishapianos têm algumas crenças peculiares, sem dúvida, e são um grupo insular, mas também são a ordem mais antiga de que se tem conhecimento e são reconhecidos com a igreja principal em questões respeitantes a diferendos entre religiões divergentes.

— Guerras religiosas, melhor dizendo — disse Kulgan, com um resfôlego animado.

Tully ignorou o comentário.

— Os ishapianos são os zeladores do saber e da história mais antigos do Reino, e possuem a biblioteca mais vasta do Reino. Já visitei a biblioteca do templo deles em Krondor, e é deveras impressionante.

Kulgan sorriu e, com um ligeiro tom de condescendência, disse:

— Também eu a visitei, Tully, e percorri as prateleiras na Abadia de Sarth, que é dez vezes maior. Onde quereis chegar?

Inclinando-se para a frente, Tully disse:

— É aqui que quero chegar: digais o que disserdes acerca dos ishapianos, quando apresentam algo como pertencendo à história e não ao folclore, normalmente têm a capacidade de produzir volumes antigos que corroboram essas afirmações.

— Não — disse Kulgan, rejeitando os comentários de Tully com um aceno de mão. — Não minimizo as vossas crenças, nem as de qualquer outro homem, mas não posso aceitar estes disparates acerca



de artes perdidas. Posso dispor-me a acreditar que Pug poderá, sei lá como, estar mais em sintonia com algum aspecto da magia que ignoro, talvez algo que envolva conjuração de espíritos ou ilusões – áreas que admito desconhecer, sem pejos – mas não posso aceitar que nunca irá aprender a dominar o seu ofício uma vez que o deus da magia há muito desaparecido pereceu nas Guerras do Caos! Não, que existe folclore desconhecido, ainda admito. O nosso ofício possui demasiadas lacunas para poder pensar que o nosso entendimento da magia está sequer remotamente completo. Porém, se Pug não consegue aprender magia, deve-se apenas ao meu insucesso como professor.

Tully contemplava Kulgan com fúria, repentinamente ciente de que o mago não estava a pensar nas possíveis lacunas de Pug e sim nas suas.

— Agora estais a ser insensato. Sois dotado e se tivesse sido eu a descobrir o talento de Pug, não poderia ter imaginado melhor professor do que vós. Mas o insucesso não existe se não souberdes o que lhe tendes de ensinar. — Kulgan começou a retorquir, mas Tully interrompeu-o. — Não, deixai-me prosseguir. O que nos falta é entendimento. Pareceis olvidar que existiram outros como Pug, talentos selvagens incapazes de dominar os dons que possuíam, outros que falharam como sacerdotes e magos.

Kulgan deu uma baforada no cachimbo, com as sobrancelhas unidas devido à concentração. De repente, começou a rir-se por entre dentes, até que desatou às gargalhadas. Tully olhou vincadamente para o mago. Kulgan acenou o cachimbo descontraidamente.

— Ocorreu-me a ideia de que se um guardador de porcos não conseguir ensinar ao filho a vocação da família, poderá alegar que se deveu ao desaparecimento dos deuses dos porcos.

Os olhos de Tully arregalaram-se face ao pensamento quase blasfemo, para logo se rir, com um latido breve.

— Essa é boa para os tribunais doutrinários fictícios! — Ambos os homens riram, uma gargalhada prolongada e libertadora de tensões. Tully suspirou e levantou-se. — Ainda assim, não cerreis a vossa mente por completo ao que vos disse, Kulgan. Pug pode vir a revelar-se um desses talentos selvagens. E tereis de vos resignar em deixá-lo partir.

Kulgan abanou a cabeça com tristeza perante a ideia.

— Recuso-me a acreditar que existe uma explicação tão simples para esses outros falhanços, Tully. E também para as dificuldades de Pug. A falha encontrava-se em cada homem ou mulher e não na natureza do universo. Sinto muitas vezes que falhamos com Pug pois não compreendemos como chegar a ele. Talvez fosse sensato da minha par-



te procurar outro mestre para o rapaz, colocá-lo junto de alguém que possuísse mais competências para explorar as suas capacidades.

Tully suspirou.

— Exprimi a minha opinião quanto a este assunto, Kulgan. Para além do que disse, não vos posso aconselhar. Porém, como costumam dizer, um mestre medíocre é melhor do que mestre nenhum. O que teria acontecido ao rapaz se ninguém tivesse decidido ensiná-lo?

Kulgan pôs-se em pé de um salto.

— O que dissestes?

— Disse, o que teria acontecido ao rapaz se ninguém tivesse decidido ensiná-lo?

Os olhos de Kulgan pareceram ficar desfocados enquanto contemplava o vazio. Começou a dar baforadas furiosas no cachimbo. Depois de alguns momentos a observá-lo, Tully disse:

— O que se passa, Kulgan?

Kulgan disse:

— Não estou certo, Tully, mas é possível que me tenhais dado uma ideia.

— Que tipo de ideia?

Kulgan acenou em resposta à pergunta.

— Não sei bem. Dai-me tempo para pensar. Mas ponderai na tua questão e perguntai-vos: como aprenderam os primeiros magos a usar o poder que possuíam?

Tully voltou a recostar-se e ambos ponderaram na questão em silêncio. Pela janela, ouviam o som de rapazes a brincar, conquistando o pátio da torre de menagem.

**T**odos os Sextos Dias, os rapazes e as raparigas que trabalhavam no castelo tinham permissão para passar a tarde como lhes aprouvesse. Os rapazes, em idade de serem aprendizes e também os mais novos, constituíam um grupo barulhento e tumultuoso. As raparigas trabalhavam ao serviço das damas do castelo, limpando e costurando, além de ajudarem na cozinha. Trabalhavam a semana toda, do nascer ao pôr do sol e para além disso, todos os dias, mas no sexto dia da semana, reuniam-se no pátio do castelo, junto ao jardim da princesa. Grande parte dos rapazes jogava a um duro jogo à apanhada, que envolvia a captura de uma bola de cabedal, cheia de trapos, de um dos lados, entre empurrões e gritos, pontapés e murros ocasionais. Usavam as roupas mais velhas, pois rasgões, manchas de sangue e de lama eram comuns.

As raparigas sentavam-se no muro baixo junto ao jardim da Princesa, entretendo-se com coscuilhices acerca das senhoras da corte do

Duque. Quase sempre vestiam as melhores saias e blusas, e os cabelos brilhavam por terem sido lavados e penteados. Ambos os grupos faziam questão de se ignorarem mutuamente e ambos eram igualmente pouco convincentes.

Pug correu para o local onde decorria o jogo. Como era habitual, Tomas estava no centro da barafunda, cabelo ruivo a esvoaçar como um estandarte, a gritar e a rir acima do barulho. Entre cotoveladas e pontapés, parecia ferozmente feliz, como se a dor inerente tornasse a competição ainda mais compensadora. Correu através do amontoado de rapazes, pontapeando a bola para o ar, tentado esquivar-se aos pés daqueles que o tentavam rasteirar. Ninguém sabia precisar a origem do jogo nem sequer as regras exactas, mas os rapazes jogavam com uma intensidade digna do campo de batalha, tal como os pais tinham feito anos atrás.

Pug correu para o campo e pôs um pé à frente de Rulf no preciso instante em que ia derrubar Tomas por trás. Rulf caiu num emaranhado de corpos, e Tomas ficou livre. Correu para a baliza e, deixando cair a bola à sua frente, pontapeou-a para uma enorme barrica virada, pontuando para a sua equipa. Enquanto os outros gritavam vivas de celebração, Rulf pôs-se em pé de um salto e afastou outro rapaz de modo a colocar-se defronte de Pug. Fulminando-o com o olhar através de espessas sobrancelhas, berrou para Pug:

— Voltas a fazer isso e parto-te as pernas, vesgo da areia! — O vesgo da areia era uma ave de hábitos sórdidos, sendo que um deles era deixar os ovos nos ninhos de outros pássaros para que as suas crias fossem criadas por outras aves. Pug não ia deixar passar um insulto de Rulf sem o desafiar. Com as frustrações dos últimos meses à superfície, estava a sentir-se particularmente sensível nesse dia. Com um salto, voou para a cabeça de Rulf, lançando o braço esquerdo em redor do pescoço do rapaz mais corpulento. Levou o punho direito ao rosto de Rulf, sentindo o nariz a esborrachar-se sob aquele primeiro golpe. Num segundo seguinte, já os dois rapazes reboavam pelo chão. O peso de Rulf começou a revelar-se e não demorou muito a ficar escarrapachado no peito de Pug, esmurrando o rosto do rapaz mais pequeno com os anafados punhos.

Tomas estava de mãos atadas, a observar, pois por mais que quisesse ajudar o amigo, o código de honra dos rapazes era tão rígido e inviolável como o código de honra da nobreza. Caso interferisse a favor do amigo, Pug jamais conseguiria superar a vergonha. Tomas saltava para cima e para baixo, a incentivar Pug, a fazer caretas sempre que Pug era golpeado, como se fosse ele a sentir os socos.

Pug contorceu-se, tentando sair debaixo do rapaz mais encorpado, levando a que vários murros falhassem o alvo, acertando na terra ao invés do rosto de Pug. Contudo, eram muitos os que acertavam no alvo e Pug começou a sentir um afastamento esquisito de tudo o que se passava. Achou estranho começar a ouvir as vozes à distância e o facto de os golpes de Rulf parecerem não o magoar. A visão começava a toldar-se de vermelho e amarelo quando deixou de sentir o peso no peito.

Após um breve instante, o mundo começou a ficar nítido e Pug viu o Príncipe Arutha em pé a olhá-lo, com as mãos a segurarem firmemente o colarinho de Rulf. Ainda que não tivesse a figura portentosa do irmão ou do pai, o Príncipe conseguiu ainda assim segurar Rulf a uma altura em que os dedos dos pés do rapaz da cavalaria mal tocavam no chão. O Príncipe sorriu, mas sem achar graça.

— Julgo que o rapaz já teve a sua conta — disse, em voz baixa, com um olhar furioso. — Não concordais comigo? — O tom gélido deixou claro que não esperava uma opinião. O sangue ainda escorria pela cara de Rulf devido ao primeiro soco de Pug ao emitir um som abafado que o Príncipe interpretou como assentimento. Arutha largou o colarinho de Rulf e o rapaz das cavalaria caiu para trás, perante o riso da assistência. O Príncipe estendeu a mão e ajudou Pug a erguer-se.

Apoiando o rapaz bambo, Arutha disse:

— Admiro a vossa coragem, rapaz, mas não queremos que o mais exímio jovem mago do Ducado perca as suas capacidades mentais com tantos murros, pois não? — O tom era ligeiramente trocista e Pug estava demasiado entorpecido para reagir, além de ficar parado a olhar para o filho mais novo do Duque. O Príncipe esboçou um sorriso e entregou-o a Tomas, que se acercara de Pug com um pano húmido na mão.

Pug conseguiu sair do estado de desorientação enquanto Tomas lhe passava o pano pelo rosto, sentindo-se ainda pior ao ver a Princesa e Roland a poucos metros quando o Príncipe se juntou a eles. Levar uma surra à frente das raparigas do castelo já era mau; ser sovado por um saloio como o Rulf defronte da Princesa era uma catástrofe.

Emitindo um gemido que pouco tinha a ver com o estado físico em que se encontrava, Pug tentou parecer alguém diferente com todas as suas forças. Tomas agarrou-o com força.

— Tenta não te mexeres muito. Não estás assim tão mal. Grande parte do sangue é de Rulf. Amanhã o nariz dele vai parecer uma horrível couve vermelha.

— Tal como a minha cabeça.

— Não é assim tão grave. Um olho negro, talvez dois, com uma bochecha inchada à mistura. No geral, até te saíste bem, mas da próxima vez que te quiseres meter com Rulf, espera até cresceres um pouco mais, está bem? — Pug ficou a ver o Príncipe a conduzir a irmã para longe do local da contenda. Roland sorriu-lhe de orelha a orelha e Pug desejou cair morto ali mesmo.

**P**ug e Tomas saíram da cozinha com os pratos do jantar nas mãos. A noite estava agradável e preferiam a brisa fresca marítima do que o calor da copa. Sentaram-se no alpendre e Pug mexeu o maxilar de um lado para o outro, sentindo os estalidos. Tentou mastigar um pedaço de borrego e pôs o prato de lado.

Tomas observou-o.

— Não consegues comer?

Pug confirmou.

— Dói-me muito o maxilar. — Inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos e o queixo nos punhos. — Devia ter mantido o sangue frio. Teria sido melhor.

Tomas falou com a boca cheia de comida.

— O Mestre Fannon diz que um soldado deve manter a cabeça fria o tempo todo ou poderá perdê-la.

Pug suspirou.

— Kulgan disse algo parecido. Tenho alguns exercícios para me acalmar. Devia tê-los usado.

Tomas engoliu uma grande porção de comida.

— Praticar no quarto é uma coisa. Pôr em prática enquanto alguém te insulta na cara é bem diferente. Acho que eu faria o mesmo.

— Mas tu terias ganho.

— É possível. E é por isso que o Rulf nunca se atiraria a mim. — A sua atitude indicava que não estava a ser gabarolas, estava simplesmente a constatar factos. — Ainda assim, saíste-te bem. O nariz de couve irá pensar duas vezes antes de voltar a meter-se contigo, tenho a certeza, e seja como for, é disso que se trata.

Pug disse:

— O que queres dizer?

Tomas pousou o prato e arrotou. Satisfeito com o som, disse:

— Com os arruaceiros é sempre assim: não importa se os consegues superar. O que importa é conseguires enfrentá-los. O Rulf pode ser grande, mas por baixo daquela fanfarronice não passa de um covarde. Agora vai virar-se para os mais novos e implicar com eles. Acho que já não vai querer nada contigo. Não gosta do preço a pagar. — Tomas

olhou para Pug com um largo e afectuoso sorriso. — Aquele primeiro murro que lhe deste foi uma beleza. Em cheio na penca.

Pug sentiu-se um pouco melhor. Tomas devorou com os olhos o jantar intacto do amigo.

— Vais comer isso?

Pug olhou para o prato. Estava atestado de carne quente de borrego, legumes e batatas. Apesar do magnífico aroma, Pug não tinha apetite.

— Não, podes servir-te.

Tomas pegou no prato e começou a enfiar a comida na boca. Pug sorriu. Tomas não era conhecido por se privar de comida.

Pug passeou o olhar até à muralha do castelo.

— Senti-me um autêntico idiota.

Tomas parou de comer, com um pedaço de carne a meio caminho da boca. Observou Pug por um instante.

— Também tu?

— Também eu, o quê?

Tomas riu-se.

— Estás envergonhado porque a Princesa viu Rulf a dar-te uma tarefa.

Pug mostrou-se indignado.

— Não foi uma tarefa. Dei tanto como levei!

Tomas deu um gritinho.

— Ora aí está! Eu sabia. É a Princesa.

Pug recostou-se, resignado.

— Deve ser.

Tomas nada mais disse e Pug olhou para o amigo. Estava ocupado a acabar o jantar do outro rapaz. Por fim, Pug disse:

— Se calhar tu não gostas dela?

Tomas encolheu os ombros. Entre dentadas, disse:

— A Senhora Carline é bastante bonita, mas sei qual é o meu lugar. Seja como for, estou de olho noutra rapariga.

Pug sentou-se direito.

— Em quem? — perguntou, com a curiosidade espicaçada.

— Não digo — disse Tomas com um sorriso malicioso.

Pug riu-se.

— É a Neala, não é?

Tomas ficou de cara à banda.

— Como soubeste?

Pug tentou parecer misterioso.

— Nós, os magos, temos os nossos métodos.

Tomas resfolegou.

— Belo mago. És tão mago como eu sou um Capitão da Corte do exército do Rei. Diz lá, como soubeste?

Pug riu-se.

— Não é mistério nenhum. Sempre que a vês, inchas naquele tabardo e ficas vaidoso como um galo de Bantam.

Tomas pareceu perturbado.

— Não achas que ela percebeu, pois não?

Pug sorriu como um gato de barriga cheia.

— Não sabe, tenho a certeza. — Fez uma pausa. — Se for cega e se todas as outras raparigas do torreão não lhe tiverem já dito uma centena de vezes.

Uma expressão desolada tomou conta do rosto de Tomas.

— O que pensará a rapariga?

Pug disse:

— Sabe-se lá o que pensam as raparigas. Do que sei, talvez aprecie.

Tomas olhou para o prato com um ar pensativo.

— Alguma vez pensaste em ter uma esposa?

Pug pestanejou como uma coruja apanhada pela claridade.

— Eu... eu nunca pensei nisso. Não sei se os magos casam. Acho que não.

— Nem os soldados, em geral. O Mestre Fannon diz que um soldado que pensa na família não pensa nas suas funções. — Tomas ficou calado durante um minuto.

Pug disse:

— Não parece estorvar o Sargento Gardan ou outros soldados.

Tomas resfolegou, como se essas excepções viessem apenas comprovar o seu ponto de vista.

— Por vezes tento imaginar o que seria ter uma família.

— Tu tens uma família, meu estúpido. O órfão aqui sou eu.

— Estou a falar de uma mulher, cabeça de alho chocho. — Tomas tentou fazer o seu melhor olhar que dizia: “és demasiado estúpido para viver”. — E também filhos, um dia. Não estou a falar de mãe e pai.

Pug encolheu os ombros. A conversa estava a dirigir-se a áreas que o perturbavam. Nunca pensava nestes assuntos, uma vez que estava menos desejoso de crescer do que Tomas. Disse:

— Suponho que iremos casar e ter filhos, se é isso que é esperado de nós.

Tomas olhou para Pug com um ar de extrema seriedade, para que o rapaz mais novo não julgasse tratar-se um assunto de menor importância.

— Imaginei um pequeno quarto algures no castelo e... não consigo imaginar quem seria a rapariga. — Mastigou a comida. — Há alguma coisa errada nisso, acho eu.

— Errada?

— Como se houvesse algo mais que não consigo compreender... não sei.

Pug disse:

— Bom, se tu não compreendes, como poderei eu compreender?

De repente, Tomas mudou de assunto.

— Somos amigos, não somos?

Pug foi apanhado de surpresa.

— Claro que somos amigos. És como um irmão para mim. Os teus pais sempre me trataram como se fosse filho deles. Por que haverias de perguntar uma coisa dessas?

Tomas pousou o prato, inquieto.

— Não sei. É que, às vezes, penso que isto tudo irá mudar, seja lá como for. Vais ser mago, talvez viajar pelo mundo, visitar outros magos em terras distantes. Eu vou ser soldado, obrigado a seguir ordens do meu suserano. Provavelmente não irei conhecer mais do que uma parte do Reino e isso só acontecerá como escolta na guarda pessoal do Duque, se tiver sorte.

Pug ficou alarmado. Nunca vira Tomas tão sério. O rapaz mais velho era sempre o primeiro a rir e parecia não ter uma única preocupação na vida.

— Não me importa o que pensas, Tomas — disse Pug. — Não irá mudar nada. Seremos amigos, aconteça o que acontecer.

Tomas sorriu ao ouvir as palavras do amigo.

— Espero que estejas certo. — Recostou-se e os dois rapazes contemplaram as estrelas sobre o mar e as luzes do burgo, emolduradas como um quadro pelo portão do castelo.

**P**ug tentou lavar a cara na manhã seguinte, mas verificou que a tarefa era difícil de levar a cabo. O olho esquerdo estava tão inchado que não o conseguia abrir e o direito estava entreaberto. Grandes inchaços azulados decoravam-lhe o rosto e o maxilar estalava sempre que o mexia de um lado para o outro. Fantus estava deitado na tarimba de Pug, com os olhos vermelhos a brilhar devido ao sol matinal que entrava pela janela da torre.

A porta do quarto do rapaz abriu-se de rompante e Kulgan entrou, com a estrutura robusta coberta por um manto verde. Detendo-se por um segundo a contemplar o rapaz, sentou-se na tarimba e fez festas

ao dragonete por detrás dos olhos, provocando um ronronar satisfeito vindo do fundo da garganta de Fantus.

— Estou a ver que não passaste o dia de ontem sentado a preguiçar — disse.

— Meti-me em sarilhos, senhor.

— Ora, as lutas fazem parte da vida dos jovens, bem como dos adultos, mas espero que o outro rapaz tenha um aspecto, no mínimo, tão desolado quanto o teu. Seria uma pena não ter tido o prazer de dar como tiveste em receber.

— Estais a zombar de mim.

— Só um pouco, Pug. A verdade é que na minha juventude tive a minha conta de arranhões, mas o tempo das lutas de rapazes faz parte do passado. Deves fazer melhor uso das tuas energias.

— Bem sei, Kulgan, mas nos últimos tempos tenho andado tão frustrado que quando aquele bronco do Rulf disse aquilo por eu ser órfão, senti a raiva a ferver dentro de mim até transbordar.

— Bom, estares ciente do teu papel em tudo isto é um sinal favorável de que te estás a tornar num homem. A maior parte dos rapazes tentaria justificar os seus actos, culpando terceiros ou invocando algum imperativo moral para lutar.

Pug puxou o banco e sentou-se de frente para o mago. Kulgan tirou o cachimbo e começou a enchê-lo.

— Pug, no teu caso julgo que temos abordado a tua educação da forma errada. — Procurando um galho para acender o cachimbo no pequeno lume que ardia na braseira e não encontrando nenhum, o rosto de Kulgan obscureceu ao concentrar-se por um minuto; foi então que surgiu uma pequena chama do dedo indicador da mão direita. Levando-a ao cachimbo, pouco demorou para que o quarto ficasse quase repleto de grandes nuvens de fumo branco. A chama desapareceu ao abanar a mão.

— Uma habilidade útil, caso se goste de fumar cachimbo.

— Daria tudo para conseguir fazer nem que fosse isso — disse Pug, descontente.

— Tal como estava a dizer, é possível que tenhamos abordado isto de forma errada. Talvez devêssemos pensar numa abordagem diferente no que respeita à tua educação.

— Como assim?

— Pug, outrora, os primeiros magos não tinham mestres nas artes da magia. Foram eles que desenvolveram as aptidões que aprendemos nos dias que correm. Algumas das competências antigas, como sentir o odor das mudanças de tempo ou a capacidade de encontrar água



com a ajuda de um galho, recuam até aos primórdios. Tenho andado a pensar que, por uns tempos, vou deixar-te à mercê dos teus próprios engenhos. Estuda o que desejares nos livros que possuo. Mantém as restantes disciplinas, como aprender as artes de escriba com Tully, mas eu não te incomodarei com lições nos próximos tempos. No entanto, responderei às perguntas que te possam surgir. Estou em crer que, por agora, precisas de te descobrir.

Abatido, Pug perguntou:

— Sou um caso perdido?

Kulgan sorriu tranquilizadamente.

— De modo nenhum. Há outros casos de magos que tiveram inícios lentos. Serás aprendiz por mais nove anos, lembra-te disso. Não te deixes abater pelos insucessos dos últimos meses.

“Já agora, gostarias de aprender a montar?”

O estado de espírito de Pug alterou-se por completo, levando-o a gritar:

— Oh, sim! Posso?

— O Duque decidiu que gostaria que a Princesa fosse acompanhada por um rapaz de tempos a tempos. Agora que os filhos são crescidos, têm muitos deveres e o Duque julga que seria uma boa opção para quando não têm disponibilidade de a acompanhar.

Pug tinha a cabeça a andar à roda. Não só iria aprender a montar, uma competência limitada maioritariamente à nobreza, como iria estar na companhia da Princesa!

— Quando começo?

— Hoje mesmo. A missa da manhã está quase a terminar.

Como era o Primeiro Dia, os crentes assistiam a devoções quer na capela do Castelo quer no pequeno templo do burgo. O resto do dia destinava-se a trabalhos leves, somente o necessário para levar a comida à mesa do Duque. Os rapazes e as raparigas podiam obter um meio-dia adicional no Sexto Dia, mas os mais velhos repousavam no Primeiro Dia.

— Vai ter com o Estribeiro-Mor Algon; o Duque já lhe transmitiu ordens, pelo que irá começar as tuas lições de imediato.

Sem mais uma palavra, Pug deu um salto e correu até às cavalariças.

## ASSALTO

**P**ug cavalgava em silêncio.

O cavalo avançava devagar pelas falésias sobranceiras ao mar. A brisa cálida trazia o odor a flores e para Este, as árvores da floresta balançavam com lentidão. O sol estival provocava o reflexo da canícula sobre o oceano. Acima das ondas, podiam ver-se gaivotas a pairar no ar, que mergulhavam depois na água em busca de alimento. Lá no alto, vagueavam grandes nuvens brancas.

Pug lembrou-se dessa manhã, enquanto fitava as costas da Princesa com o seu delicado palafrém alvo. Ficara à espera nas cavaliças durante quase duas horas até a Princesa aparecer com o pai. O Duque instruíra Pug a fundo acerca da responsabilidade que tinha para com a senhora do castelo. Pug ficara calado enquanto o Duque repetia todas as instruções que o Estribeiro-Mor Algon lhe transmitira na noite anterior. O mestre das cavaliças andava a ensiná-lo há uma semana e considerava-o preparado para montar com a Princesa – embora periclitante.

Pug seguira-a pelo portão, ainda deslumbrado face a esta felicidade inesperada. Estava entusiasmado, apesar de ter passado a noite às voltas e de não ter tomado o pequeno-almoço.

Presentemente, o estado de espírito estava prestes a passar da adulação juvenil para uma absoluta irritação. A Princesa recusava replicar a qualquer tentativa educada de fazer conversa, limitando-se a dar-lhe ordens. O tom que usava era autoritário e grosseiro, insistindo em chamar-lhe “rapaz”, ignorando várias e educadas chamadas de atenção de que dava pelo nome de Pug. Pouco se assemelhava àquela mulher distinta da corte, assemelhando-se bastante a uma criança mimada e impertinente.

De início, sentira-se incomodado montado no velho cavalo grisalho que puxava carroças e que fora considerado adequado às suas capacidades. A égua tinha uma natureza calma e não mostrava vontade de andar mais depressa do que a situação exigia.

Pug escolhera a sua túnica vermelho-clara, a que lhe fora oferecida por Kulgan e, ainda assim, parecia pobremente vestido em comparação à Princesa. Ela trajava um vestido de equitação amarelo guarnecido a preto, simples, embora refinado, e usava um chapéu a condizer. Mesmo

sentada de lado, Carline parecia ter nascido para montar, enquanto Pug sentia que devia vir atrás da égua com um arado de permeio. O cavalo de Pug tinha uma tendência irritante para querer parar a cada dúzia de passos para tosar erva ou morder arbustos, ignorando os pontapés frenéticos de Pug no flanco, enquanto o cavalo excelentemente treinado da Princesa reagia de imediato ao mais pequeno toque de pingalim. Cavalgava em silêncio, ignorando os grunhidos de esforço vindos do rapaz atrás, que tentava com força de vontade e métodos da arte de cavalaria manter a teimosa montada em movimento.

Pug sentiu os primeiros sinais de fome, sendo que os sonhos românticos foram vencidos pelo apetite normal de um rapaz de quinze anos. Enquanto cavalgavam, os pensamentos de Pug centraram-se cada vez mais no cesto do almoço que pendia do arção da sua sela. Após o que lhe pareceu uma eternidade, a Princesa dirigiu-se a ele:

— Rapaz, que ofício tendes?

Surpreendido pela pergunta após tão prolongado silêncio, Pug balbuciou a resposta:

— Eu... Eu sou aprendiz do Mestre Kulgan.

Dirigiu-lhe um olhar que seria adequado se tivesse visto um insecto a rastejar pelo prato do jantar.

— Oh. És o tal rapaz.

Extinguiu-se qualquer breve centelha de interesse que tivesse existido e a Princesa voltou a virar-se. Continuaram por mais um pouco até que a Princesa disse:

— Rapaz, paramos aqui.

Pug parou a égua e antes de conseguir chegar junto da Princesa, já ela desmontara com agilidade, sem esperar pela mão de Pug, tal como o Mestre Algon explicara. Entregou-lhe as rédeas do cavalo e dirigiu-se à beira da falésia.

Contemplou o mar por um minuto e, sem olhar para Pug, perguntou:

— Achais-me bonita?

Pug ficou em silêncio, sem saber o que dizer. A Princesa virou-se para ele.

— E então?

Pug disse:

— Sim, Vossa Alteza.

— Muito bonita?

— Sim, Vossa Alteza. Muito bonita.

A Princesa pareceu ponderar na resposta por um instante, voltando a atenção para a paisagem abaixo.

— É muito importante para mim ser bonita, rapaz. A Senhora Marna diz que tenho de ser a dama mais bonita do Reino, pois tenho de encontrar um dia um marido poderoso, e somente as mais belas damas do Reino têm opção de escolha. As mais singelas terão de aceitar quem as queira. Diz ela que terei muitos pretendentes, uma vez que o pai é importante. — Virou-se e, por um segundo, Pug julgou ter vislumbrado uma expressão apreensiva nas adoráveis feições da Princesa. — Tendes muitos amigos, rapaz?

Pug encolheu os ombros.

— Alguns, Vossa Alteza.

Examinou-o por um momento para depois dizer:

— Deve ser agradável — afastando descontraidamente uma madeixa que se soltara do chapéu de equitação de abas largas. Naquele momento, algo nela pareceu tão magoado e solitário, que Pug voltou a sentir um aperto no coração. Obviamente que a expressão dele revelou à Princesa algum desse sentimento pois semicerrou os olhos de súbito e alterou o estado de espírito, passando de uma atitude pensativa para outra própria de um membro da realeza. Com um tom ainda mais autoritário, anunciou:

— Passemos de imediato ao almoço.

Sem delongas, Pug prendeu os cavalos e retirou o cesto. Colocou-o no chão e abriu-o.

Carline avançou e afirmou:

— Eu preparo a refeição, rapaz. Não quero mãos desastradas a derrubarem pratos e a derramarem vinho. — Pug deu um passo à retaguarda quando a rapariga se ajoelhou e começou a retirar o almoço. Esplêndidos odores a queijo e pão invadiram as narinas de Pug, que ficou com água na boca.

A Princesa olhou para ele.

— Levai os cavalos até ao riacho da colina para que bebem. Podereis comer durante o percurso de regresso. Chamo-vos quando terminar. — Reprimindo um queixume, Pug pegou nas rédeas dos cavalos e começou a andar. Pontapeou algumas pedras soltas, com as emoções em conflito no seu interior enquanto conduzia os cavalos. Sabia que não devia deixar a rapariga sozinha, mas também não podia desobedecer-lhe. Não se avistava ninguém e era improvável que ocorressem problemas a esta distância da floresta. Além disso, estava feliz por se afastar de Carline por algum tempo.

Chegou ao riacho e tirou as selas às montadas; alisou as marcas húmidas da sela e da cilha, deixando as rédeas soltas no chão. O palafrém estava acostumado a este tipo de restrição e o cavalo de trabalho

não mostrava sinais de querer afastar-se. Começara a pastar e Pug procurou um lugar confortável para se sentar. Pensou na situação e ficou abismado. Carline não deixara de ser a rapariga mais bela que alguma vez vira, mas o seu comportamento estava celeremente a retirar o brilho àquele fascínio. De momento, estava mais preocupado com o estômago do que com a rapariga dos seus sonhos. Pensou que talvez houvesse mais no que respeitava aos assuntos amorosos do que imaginara.

Entreteve-se momentaneamente enquanto especulava naquele tema. Quando se aborreceu, foi procurar seixos na água. Nos últimos tempos não tinha tido oportunidade de praticar com a funda e aquele momento parecia adequar-se. Encontrou vários seixos lisos e pegou na funda. Treinou escolhendo alvos entre as pequenas árvores a alguma distância, assustando os pássaros que ali habitavam. Acertou em vários cachos de bagas azedas, falhando apenas um alvo de um total de seis. Satisfeito por ver que a pontaria estava tão certa como sempre, enfiou a funda no cinto. Encontrou vários outros seixos que lhe pareceram possuir grandes potencialidades, guardando-os na bolsa. Calculou que a rapariga já devesse estar a acabar, pelo que começou a dirigir-se aos cavalos para os albardar de modo que, quando o chamasse, estivesse despachado.

Ao chegar junto ao cavalo da Princesa, ouviu um grito vindo do outro lado da colina. Deixou cair a sela da Princesa e correu até ao cimo e, quando aí chegou, deteve-se horrorizado. Ficou com os pelos do pescoço e dos braços em pé.

A Princesa fugia e, quase a alcançá-la, corriam dois trolls. Habitualmente, os trolls não se aventuravam para tão longe da floresta e Pug não estava preparado para os ver ali. Eram semelhantes ao homem, embora pequenos e largos, com braços compridos e grossos que quase chegavam ao chão. Tanto corriam de gatas como de pé, assemelhando-se a uma imitação cómica de símios, tendo o corpo coberto de espesso pelo grisalho e os lábios afastados, deixando entrever compridas presas. As horrendas criaturas raramente perturbavam um grupo de seres humanos, mas de tempos a tempos eram capazes de perseguir um viajante solitário.

Pug hesitou momentaneamente, e logo tirou a funda do cinto, carregando-a com um seixo; de seguida, correu encosta abaixo, rodopiando a funda acima da cabeça. As criaturas estavam quase a alcançar a Princesa quando Pug lançou uma pedra. Acertou num dos lados da cabeça do troll que ia mais adiantado, fazendo-o dar uma cambalhota. O segundo tropeçou no parceiro e ambos tombaram embrulhados um no outro. Pug parou quando se começaram a levantar, deixando de dar

atenção a Carline e virando-se para o agressor. Rugiram para o rapaz e investiram. Pug voltou a subir a colina a correr. Sabia que, se conseguisse alcançar os cavalos, conseguiria deixá-los para trás, circundar até chegar à rapariga e afastar-se em segurança. Olhou por cima do ombro e viu-os aproximarem-se – com enormes caninos à mostra e compridas garras a arrancar pedaços do chão. A favor do vento, conseguia sentir aquele odor fétido de carne em putrefação.

Transpôs o cume da colina, a ofegar irregularmente. O coração quase parou quando viu que os cavalos tinham atravessado o riacho e estavam agora vinte metros mais afastados. Descendo a encosta a toda a velocidade, esperou que tal diferença não se revelasse fatal.

Ao entrar no riacho a toda a velocidade, conseguia ouvir os trolls atrás de si. Ali a água era rasa, mas não deixou de contribuir para o fazer abrandar.

A chapinhar pelo riacho, ficou com o pé preso numa pedra e caiu. Lançou os braços para a frente e amparou a queda com as mãos, mantendo a cabeça acima da linha de água. Sentiu um choque a percorrer-lhe o braço ao tentar recuperar o equilíbrio. Voltou a tropeçar, virando-se quando os trolls se acercaram da beira do riacho. Rugiram ao ver o seu atormentador a tropeçar na água, detendo-se por instantes. Pug experimentou puro terror enquanto se debatia com dedos dormentes para colocar uma pedra na funda. Atrapalhou-se e deixou cair a funda, que foi levada pela corrente. O rapaz sentiu um grito a formar-se na garganta.

Assim que os trolls entraram na água, um clarão explodiu por detrás dos olhos de Pug. Uma dor abrasadora rompeu pela testa enquanto pareciam formar-se letras cinzentas na sua mente. Pug reconheceu-as, de um pergaminho que Kulgan lhe mostrara diversas vezes. Sem pensar, pronunciou o feitiço, cada palavra desaparecendo da mente assim que a proferia.

Ao terminar a última palavra, a dor cessou e ouviu-se um enorme estrondo à sua frente. Abriu os olhos e viu os dois trolls a contorce-rem-se na água, de olhos arregalados devido ao sofrimento atroz enquanto se debatiam inutilmente, gritando e gemendo.

Arrastando-se para fora de água, Pug ficou a ver as criaturas a agonizar. Pareciam agora estar a sufocar e a emitir sons atabalhoados enquanto se afundavam. Decorrido pouco tempo, um deles cessou os movimentos, ficando de barriga para baixo na água. O segundo levou mais alguns segundos a perecer, mas, tal como o companheiro, também se afogou, incapaz de manter a cabeça à tona da água pouco funda.

Sentindo-se atordoado e fraco, Pug voltou a atravessar o riacho.

Tinha a mente entorpecida e tudo lhe parecia esbatido e deslocado. Parou após escassos passos, lembrando-se dos cavalos. Olhou em volta e não viu os animais. Deviam ter fugido quando sentiram o cheiro dos trolls e estariam agora em pastagens seguras.

Pug retomou o caminho para onde a Princesa ficara. Chegou ao outeiro e não a avistou em lado nenhum, pelo que se dirigiu ao cesto de comida tombado. Estava com dificuldades em pensar e tinha uma fome voraz. Sabia que devia estar a agir ou a pensar em qualquer outra coisa, mas a comida era tudo o que conseguia demarcar no caleidoscópio dos seus pensamentos.

Caindo de joelhos, pegou numa fatia de queijo e enfiou-a na boca. Uma garrafa tombada jazia por perto, pelo que empurrou o queijo com o vinho que restava. O condimentado queijo e o vinho branco apimentado reanimaram-no e Pug sentiu a mente a desanuviar. Arrancou um grande naco de pão e mordiscou-o enquanto tentava organizar os pensamentos. Enquanto relembrava os acontecimentos, houve um pormenor que se destacou. Sabe-se lá como, tinha conseguido lançar um feitiço mágico. Além disso, tinha-o feito sem o auxílio de qualquer livro, pergaminho ou dispositivo. Não estava certo, mas parecia-lhe estranho, de certa forma. Voltou a ficar com a mente toldada. Acima de tudo, desejava deitar-se e dormir, mas enquanto mastigava a comida, um pensamento abriu caminho pelos desvairados retalhos de impressões. A Princesa!

Pôs-se em pé de um salto e sentiu a cabeça à roda. Equilibrando-se, pegou num pedaço de pão e no vinho e partiu rumo ao local onde a vira pela última vez a correr. Tentou avançar, arrastando os pés num esforço para caminhar. Decorridos poucos minutos, sentiu a cabeça a desanuviar e o cansaço a passar. Começou a chamar a Princesa pelo nome até que ouviu um soluçar abafado vindo de um amontoado de arbustos. Abrindo caminho, deu com Carline aninhada por detrás dos arbustos, com os punhos fechados de encontro ao estômago. Tinha os olhos arregalados de pavor e o vestido estava sujo e rasgado. Sobressaltou-se ao ver aparecer Pug, pôs-se em pé de um salto e voou para os braços do rapaz, encostando a cabeça ao seu peito. Grandes soluços atormentados faziam o corpo da rapariga estremecer enquanto agarrava com força o tecido da camisa de Pug. Com os braços ainda estendidos, vinho e pão a ocupar-lhe as mãos, era tal a confusão na cabeça de Pug que o rapaz não sabia o que fazer. Passou um dos braços desajeitadamente à volta da rapariga atemorizada e disse:

— Está tudo bem. Já foram. Estais a salvo.



Não o largou por mais algum tempo até que, quando as lágrimas amainaram, acabou por se afastar. Fungando, disse:

— Julguei que vos tinham matado e que voltavam para me procurar.

Pug julgou ser a situação mais desconcertante que alguma vez vivenciara. Acabado de passar pela experiência mais aflitiva da sua jovem vida, era agora obrigado a enfrentar outra que lhe fazia a cabeça andar às voltas devido a um tipo díspar de confusão. Sem pensar, abraçou a Princesa, subitamente ciente do contacto e do apelo suave e afectuoso vindo da rapariga. Um sentimento masculino de protecção brotou dele e, sem pensar, começou a aproximar-se dela.

Como se tivesse sentido a mudança do estado de espírito do rapaz, Carline recuou. Apesar do modo cortês e da educação, não deixava de ser uma rapariga de quinze anos e ficou perturbada pelo ímpeto de emoções que sentira quando Pug a abraçara. Refugiou-se no único elemento que conhecia deveras, o seu papel de Princesa do castelo. Tentando soar autoritária, disse:

— Fico feliz por ver que não estais ferido, rapaz.

Perante isto, Pug retraiu-se notoriamente. A Princesa debateu-se para recuperar o porte aristocrático, mas o nariz vermelho e o rosto banhado de lágrimas frustrava tal tentativa.

— Ide encontrar o meu cavalo para regressarmos à torre.

Pug sentiu os nervos à flor da pele. Tentando a custo manter a voz controlada, disse:

— Lamento, Vossa Alteza, mas os cavalos fugiram. Teremos que ir a pé.

Carline sentiu-se injuriada e maltratada. Pug não tinha a culpa de nenhum dos acontecimentos daquela tarde, mas o temperamento amiúde satisfeito apoderou-se do objecto mais à mão.

— A pé! Não podemos andar este caminho todo até ao castelo — ripostou, fitando Pug como se o rapaz devesse tomar alguma providência em relação ao assunto, de imediato e sem levantar objecções.

Pug sentiu toda a ira, confusão, dor e frustração daquele dia a tomarem conta dele.

— Sendo assim, bem podeis ficar aqui sentada até que deem pela vossa falta e mandem alguém vir buscar-vos. — Não estava a gritar. — Isso deve acontecer para aí duas horas depois de o sol se pôr.

Carline recuou, pálida como a cal, com ar de quem levava uma estalada. O lábio inferior tremelicou e parecia estar novamente prestes a desfazer-se em lágrimas.

— Não admito que me falem dessa forma, rapaz.



Pug arregalou os olhos e avançou para ela, gesticulando com a garrafa de vinho.

— Quase morri a tentar manter-vos viva — gritou. — E recebi alguma palavra de agradecimento? Não! Só ouvi uma queixinha lamuriosa de que não podeis regressar a pé ao castelo. Nós, os do torreão, podemos ter origens humildes, mas pelo menos temos educação para agradecer a alguém quando merece. — Enquanto falava, sentia a raiva a jorrar dele. — Podeis aqui ficar, se quiserdes, mas eu vou... — Apercebeu-se, de repente, que estava de pé com a garrafa de vinho erguida acima da cabeça, numa pose ridícula. Os olhos da Princesa fixavam o naco de pão e o rapaz deu conta de que estava a segurá-lo no cinto, com o polegar preso como um gancho, o que acrescia ao aspeto embaraçoso. Disse qualquer coisa atabalhoadamente, sentindo a raiva evaporar-se e baixou a garrafa. A Princesa olhou para ele, com os enormes olhos a espreitarem por detrás dos punhos que erguera defronte do rosto. Pug começou por querer dizer algo, julgando que a rapariga o temesse, quando reparou que estava a rir-se. Era um som melodioso, afetuoso e desprovido de escarnecimento.

— Desculpai-me, Pug — disse a Princesa —, mas ficais com um ar ridículo nessa posição. Pareceis uma daquelas estátuas horríveis que erigem em Krondor, com a garrafa bem alta ao invés de uma espada.

Pug abanou a cabeça.

— Eu é que peço perdão, Vossa Alteza. Não tinha direito de vos gritar daquela forma. Perdoai-me, por favor.

A expressão da Princesa mudou de imediato para um ar preocupado.

— Não, Pug. Tivestes todo o direito de dizer o que dissestes. É verdade que vos devo a minha vida e agi horrorosamente. — Aproximou-se de Pug e pousou a mão no braço do rapaz. — Obrigada.

Pug sucumbiu perante a visão do rosto da Princesa. As resoluções que tomara para se livrar das fantasias juvenis acerca dela foram levadas pela brisa marinha. O facto extraordinário de ter conseguido usar magia foi substituído por considerações mais prementes e básicas. Começou a estender o braço para lhe tocar; todavia, a realidade da posição social de Carline intrometeu-se e Pug ofereceu-lhe a garrafa.

— Vinho?

Carline riu-se, pressentindo a mudança súbita de intenção. Estavam ambos exaustos e um pouco zonzos devido à provação passada, mas a Princesa não perdeu a compostura e compreendeu os efeitos que estava a ter no rapaz. Com um aceno de cabeça, pegou na garrafa e bebeu um gole. Recuperando um mínimo de controlo, Pug disse:

— Temos de nos apressar. Talvez lá cheguemos ao anoitecer.

Carline anuiu, não desviando os olhos do rapaz e sorriu. Pug estava a sentir-se constrangido sob o olhar da rapariga pelo que se virou em direcção ao castelo.

— Bom, sendo assim é melhor partirmos.

A Princesa colocou-se ao lado do rapaz. Pouco tempo depois, perguntou:

— Ofereceis-me também um pouco de pão, Pug?

**P**ug percorrera a distância entre as falésias e o castelo várias vezes, mas a Princesa não estava acostumada a fazer tais distâncias a pé e as macias botas de montar não eram adequadas a tais empreendimentos. Quando avistaram o castelo, levava um braço apoiado no ombro de Pug e coxeava bastante.

Elevou-se um grito da torre do portão e acorreram guardas. Depois deles, veio a Senhora Marna, a preceptora da rapariga, a segurar o vestido vermelho enquanto corria em direcção à Princesa. Ainda que tivesse o dobro do tamanho das senhoras da corte – bem como de alguns dos guardas – ultrapassou-os a todos. Avançava como uma urso cuja cria estava a ser atacada. O enorme peito palpitava face ao esforço quando chegou junto da delicada rapariga, envolvendo-a num abraço que ameaçava submergir Carline por completo. Em pouco tempo, as senhoras da corte rodeavam a Princesa, assoberbando-a com perguntas. Antes de o fragor abrandar, a Senhora Marna virou-se e atacou Pug como a urso que fazia lembrar.

— Como vos *atreveis* a permitir que a Princesa chegue em tal estado? A coxear, com o vestido todo rasgado e sujo. Eu própria vos açoitarei de uma ponta à outra do castelo. Antes de terminar, desejareis nunca teres visto a luz do dia.

Recuando ante o ataque violento, Pug foi dominado pela confusão, incapaz de dizer palavra. Pressentindo que Pug, de alguma forma, seria responsável pelo estado da Princesa, um dos guardas avançou e agarrou-o pelo braço.

— Deixai-o em paz!

Fez-se silêncio quando Carline abriu caminho entre a preceptora e Pug. Pequenos punhos lançaram-se ao guarda que largou Pug e retrocedeu com uma expressão de espanto no rosto.

— Salvou-me a vida! Quase morria a salvar-me. — As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto abaixo. — Nada fez de mal. E não admito que alguém o ameace. — A multidão reuniu-se em redor deles, fitando Pug com um respeito acabado de desencantar. Ouviam-se sussurros de

todos os lados e um dos guardas correu a levar as notícias ao castelo. A Princesa voltou a pousar a mão no ombro de Pug e começou a andar para o portão. A multidão afastou-se e os dois viajantes fatigados viram que acendiam as tochas e as lanternas na muralha.

Quando chegaram ao portão do pátio, a Princesa consentiu que duas das senhoras a amparassem, o que representava um alívio para Pug. Não conseguia acreditar que uma rapariga tão franzina pudesse constituir tal fardo. O Duque correu até junto dela, tendo sido avisado do regresso da filha. Abraçou-a, começando a falar-lhe. Pug perdeu-os de vista assim que pessoas curiosas e saturadas de perguntas o rodearam. Tentou abrir caminho até à torre do mago, mas a turba não permitia.

— Ninguém tem trabalho à espera? — troou uma voz.

Viraram-se as cabeças para ver o Mestre de Armas Fannon, seguido de perto por Tomas. O povo retirou-se de imediato, deixando Pug defronte de Fannon, Tomas e dos membros da corte do Duque com posição social que lhes permitia ignorar o comentário de Fannon. Pug conseguia descortinar a Princesa a falar com o pai, Lyam, Arutha e o Escudeiro Roland. Fannon perguntou:

— O que aconteceu, rapaz?

Pug tentou falar, mas deteve-se ao ver o Duque e os filhos a aproximarem-se. Kulgan surgiu à pressa por detrás do Duque, tendo sido alertado pelo alvoroço generalizado no pátio. Todos fizeram uma vénia ao Duque que se acercava e Pug viu Carline a libertar-se das solicitações de Roland para seguir o pai, colocando-se ao lado de Pug. A Senhora Marna lançou um olhar em direcção ao céu e Roland seguiu a rapariga, com o espanto nitidamente estampado no rosto. Quando a Princesa deu a mão a Pug, a expressão de Roland ganhou contornos de um humor negro enciumado.

O Duque falou:

— A minha filha contou-me acerca dos teus feitos extraordinários, rapaz. Gostaria de ouvir o teu relato.

Pug sentiu-se subitamente constrangido e libertou a mão com delicadeza da mão de Carline. Relatou os acontecimentos do dia, com Carline a adicionar floreios com entusiasmo. Entre os dois, o Duque ficou com uma noção bastante precisa do que sucedera. Quando Pug terminou, o Senhor Borric perguntou:

— Como é que os trolls se afogaram no riacho, Pug?

Pug pareceu embaraçado.

— Lancei-lhes um feitiço e não foram capazes de alcançar a margem — respondeu, em voz baixa. Continuava baralhado pela façanha

e não pensara muito no assunto, pois a Princesa afastara todos os restantes pensamentos. Viu a surpresa espelhada no rosto de Kulgan. Pug começou a falar mas foi interrompido pelo comentário subsequente do Duque.

— Pug, nem sei como recompensar o serviço que prestaste à minha família. No entanto, descobrirei uma recompensa adequada à tua coragem.

Numa explosão de entusiasmo, Carline lançou os braços à volta do pescoço de Pug, abraçando-o com força. Pug ficou transido de vergonha, olhando freneticamente em redor, como se tentasse comunicar que esta familiaridade não era culpa sua.

A Senhora Marna parecia prestes a desfalecer e o Duque tossiu intencionalmente, fazendo sinal com a cabeça para que a filha se retirasse. Quando saiu com a Senhora Marna, Kulgan e Fannon deixaram que a alegria que sentiam transparecesse, tal como Lyam e Arutha. Roland lançou um olhar irado e invejoso a Pug, virou-se e dirigiu-se aos seus aposentos. O Senhor Borric falou para Kulgan:

— Levai este rapaz para o quarto dele. Tem um ar cansado. Vou dar ordens para que lhe levem comida. Amanhã, ele que venha ao salão a seguir à refeição da manhã. — Virou-se para Pug. — Mais uma vez, agradeço-te.

O Duque fez sinal aos filhos para que o seguissem e afastou-se. Fannon agarrou Tomas pelo cotovelo pois o rapaz de cabelo ruivo começara a falar com o amigo. O velho Mestre de Armas gesticulou com a cabeça indicando ao rapaz que o acompanhasse e deixasse Pug sossegar. Tomas assentiu, ainda que estivesse a fervilhar com mil perguntas.

Quando todos partiram, Kulgan passou o braço por cima dos ombros de Pug.

— Anda, Pug. Estás cansado e temos muito que falar.

**P**ug deitou-se na tarimba, com os restos da comida num prato a seu lado. Não se recordava de alguma vez ter sentido tal cansaço. Kulgan andava para trás e para a frente no quarto.

— É absolutamente incrível. — Agitou uma mão no ar e o manto vermelho ondulou sobre a pesada figura como água a passar por um pedregulho. — Fechas os olhos e surge a imagem de um pergaminho que viste semanas atrás. Proferes o feitiço, como se estivesses a segurar o pergaminho à tua frente e os trolls tombam. Absolutamente incrível. — Sentando-se no banco junto à janela, prosseguiu: — Pug, nunca aconteceu nada deste género. Sabes o que fizeste?

Pug despertou do limiar de um sono cálido e suave e olhou para o mago.

— Somente o que disse que fiz, Kulgan.

— Sim, mas tens ideia do que isso significa?

— Não.

— Nem eu. — O mago pareceu sucumbir por dentro quando a excitação o deixou, sendo substituída por uma incerteza absoluta. — Não faço a mínima ideia do que significa tudo isso. Os magos não lançam feitiços assim de cabeça. Os clérigos conseguem, mas possuem uma concentração e uma magia diferentes. Lembra-te de te ter ensinado acerca da concentração, Pug?

Pug crispou-se pois não estava com vontade de recitar uma aula, mas fez um esforço e sentou-se.

— Quem quer que use magia tem de ter uma concentração para o poder que usa. Os sacerdotes têm a capacidade de concentrar a magia que possuem pelas orações; os feitiços que usam são uma forma de prece. Os magos usam os corpos ou instrumentos, ou livros e pergaminhos.

— Correcto — concordou Kulgan —, mas acabaste de violar esse truísmo. — Tirou o cachimbo comprido e começou a colocar tabaco distraidamente no forninho. — O feitiço que lançaste não recorre ao corpo de quem o lança como ponto de convergência. Foi desenvolvido de modo a infligir um sofrimento atroz noutro ser. Pode revelar-se uma arma terrível. Mas só pode ser lançado lendo de um pergaminho no qual está escrito *e no preciso momento em que é lançado*. Porquê tudo isto?

Pug forçou as pálpebras pesadas a abrir.

— O próprio pergaminho é mágico.

— Verdade. Certa magia é intrínseca ao mago, tal como adquirir a forma de um animal ou sentir o odor do tempo que vai fazer. Contudo, o lançamento de feitiços fora do corpo, dirigidos a outrem, precisa de um ponto externo. A tentativa de realizar o feitiço que usaste de memória, deveria ter provocado uma dor atroz em *ti* e não nos trolls, se é que resultasse sequer! É *por isso* que os magos desenvolveram pergaminhos, livros e outros instrumentos, para poderem concentrar esse tipo de magia de modo a não prejudicar quem lança o feitiço. E, até ao dia de hoje, teria jurado que ninguém vivo seria capaz de realizar tal feitiço sem o pergaminho nas mãos.

Encostando-se ao parapeito da janela, Kulgan deu baforadas no cachimbo por uns momentos, olhando o vazio.

— É como se tivesses descoberto uma forma completamente nova

de magia — pronunciou, em voz baixa. Não ouvindo resposta, Kulgan olhou para o rapaz que dormia profundamente. Abanando a cabeça de espanto, o mago tapou o exausto rapaz com o cobertor. Apagou a lanterna pendurada na parede e saiu do quarto. Enquanto subia as escadas até ao seu quarto, abanou a cabeça, dizendo:

— Absolutamente incrível.

**P**ug aguardou que o Duque terminasse a recepção no salão. Estavam presentes todos os habitantes do castelo e do burgo que tinham a possibilidade de arranjar forma de assistir à audiência. Ali tinham afluído mestres de ofícios, mercadores e nobres de menor importância, todos sumptuosamente vestidos. Olhavam para o rapaz com expressões que iam do espanto à incredulidade. O boato da sua façanha espalhará-se pela vila e agigantara-se a cada relato.

Pug vestia roupas novas, que encontrara no quarto ao despertar. No seu recentemente descoberto esplendor, sentia-se constrangido e desajeitado. A túnica era amarelo-clara de seda luxuosa e as calças de malha eram de um azul-pastel suave. Tentou mexer os dedos dos pés dentro das botas novas, as primeiras que alguma vez calçara. Andar com este tipo de calçado era estranho e desconfortável. No flanco, um punhal incrustado com joias pendia de um cinto de couro preto de fivela dourada com a forma de uma gaivota em pleno voo. Pug desconfiava que o traje pertencera outrora a um dos filhos do Duque, posto de lado quando deixara de servir, mantendo o aspecto novo e bonito.

O Duque estava a terminar os assuntos matinais: um pedido de um armador para que cedesse guardas que acompanhassem uma expedição de recolha de madeira à grande floresta. Borric trajava de preto, como era seu apanágio, mas os filhos e a filha vestiam os melhores trajes reais. Lyam escutava atentamente o que se ia passando à frente do pai. Roland encontrava-se atrás, como de costume. Arutha parecia estar bem-humorado, o que era raro, rindo por detrás de uma mão erguida, de algum dito espirituoso proferido pelo Padre Tully. Carline estava sentada em silêncio, mantendo um sorriso cordial no rosto e olhando diretamente para Pug, o que contribuía para o mal-estar que sentia — e para irritar Roland.

O Duque deu permissão para que uma companhia de guardas acompanhasse os artesãos à floresta. O Mestre agradeceu e fez uma vénia, regressando depois para junto da multidão, deixando Pug sozinho diante do Duque. O rapaz avançou, tal como Kulgan lhe recomendara, e fez uma vénia condigna, ainda que ligeiramente rígida, perante o Senhor de Crydee. Borric sorriu para o rapaz e gesticulou ao Padre Tully.

O sacerdote retirou um documento da manga das suas largas vestes e entregou-o a um arauto. Este avançou e desenrolou o pergaminho. Em voz alta, leu:

— A todos os habitantes do nosso domínio:

Visto que o jovem Pug, do castelo de Crydee, mostrou uma coragem exemplar ao arriscar-se a ficar gravemente ferido ou até a perder a própria vida, na defesa da pessoa real da Princesa Carline, e:

Visto que ficaremos eternamente gratos ao jovem Pug de Crydee;

É meu desejo que seja reconhecido por todos no reino como nosso estimado e leal súbdito, e também é meu desejo conceder-lhe um lugar na corte de Crydee como Escudeiro, o que implica todos os direitos e privilégios que tal posto acarreta. Ademais, perante todos, é-lhe conferido o título da propriedade de Floresta Profunda, bem como aos seus descendentes, enquanto viverem, para seu total usufruto, incluindo os servos e o património aí existentes. O título da referida propriedade será mantido pela coroa até que atinja a maioridade. Decidido neste dia, com a minha assinatura e selo real, Borric conDoin, terceiro Duque de Crydee; Príncipe do Reino; Senhor de Crydee, Carse e Tullan; Governador do Ocidente; General da Corte dos Exércitos do Rei; herdeiro presuntivo ao trono de Rillanon.

Pug sentiu os joelhos bambos, mas conseguiu equilibrar-se antes de tombar. O salão irrompeu em vivas. As pessoas empurravam-no, felicitando-o e dando-lhe palmadinhas nas costas. Era Escudeiro e proprietário de terras, com homens-livres, casa e gado. Era rico. Ou assim seria daí a três anos quando chegasse à maioridade. Embora fosse considerado homem do Reino aos catorze anos, as concessões de terra e os títulos só podiam ser conferidos aos dezoito anos. A multidão afastou-se quando o Duque se aproximou, com a família e Roland a segui-lo. Ambos os Príncipes sorriram para Pug e a Princesa parecia claramente radiante. Roland sorriu para Pug com uma expressão pesada, como se estivesse incrédulo.

— É uma honra, Vossa Graça — balbuciou Pug. — Não sei o que dizer.

— Então nada digas, Pug. Faz-te parecer sábio quando os restantes não param de tagarelar. Anda, vamos conversar. — O Duque fez sinal para que colocassem uma cadeira junto à sua, pousou o braço nos ombros do rapaz e conduziu-o pela multidão. Sentando-se, disse:

— Podem deixar-nos a sós. Desejo falar com o Escudeiro. — A multidão comprimida em volta resmoneou desapontada, mas começou a sair do salão aos poucos. — Excepto vós os dois — acrescentou o Duque, indicando Kulgan e Tully.



Carline ficou junto à cadeira do pai, com um Roland hesitante a seu lado.

— Também vós, minha filha — disse o Duque.

Carline começou a protestar, mas foi interrompida pela advertência inflexível do pai:

— Podereis importuná-lo mais tarde, Carline.

Os dois Príncipes estavam à porta, claramente divertidos face à indignação da irmã; Roland tentou oferecer o braço à Princesa, mas ela afastou-se de repente, passando velozmente pelos irmãos sorridentes. Lyam deu uma palmada a Roland no ombro quando o Escudeiro envergonhado se juntou a eles. Lançou um olhar furioso a Pug, que sentiu a raiva como um golpe.

Quando ouviram o som das portas a fechar e o salão ficou vazio, o Duque disse:

— Ignora Roland, Pug. A minha filha tem-no bem enfeitado; considera-se apaixonado por ela e deseja um dia pedir a sua mão. — Olhando a porta fechada demoradamente, acrescentou como se estivesse distraído: — Contudo, se conta ter o meu consentimento, terá de mostrar que é mais do que o libertino que está a revelar-se.

O Duque abandonou o assunto com um aceno de mão.

— Agora, vamos a outros assuntos. Pug, tenho outra oferenda a fazer-te, mas primeiro preciso explicar-te algo.

“A minha família encontra-se entre as mais antigas do Reino. Eu próprio descendo de um Rei pois o meu avô, o primeiro Duque de Crydee, era o terceiro filho do Rei. Possuindo sangue real, preocupamo-nos grandemente com assuntos relacionados com o dever e a honra. És agora, em simultâneo, membro da minha corte e aprendiz de Kulgan. Em questões respeitantes ao dever, respondes a Kulgan. Em questões respeitantes à honra, respondes a mim. Este salão ostenta os troféus e os estandartes dos nossos triunfos. Quer seja a resistir à Irmandade das Trevas nas suas tentativas incessantes de nos destruírem quer seja a expulsar piratas, sempre nos debatemos corajosamente. A nossa herança é gloriosa e nunca conheceu a mácula da desonra. Nenhum membro desta corte alguma vez envergonhou este salão e o mesmo espero de ti.

Pug acenou afirmativamente com a cabeça, com as histórias de glória e honra recordadas dos tempos de criança a rodopiarem-lhe na cabeça. O Duque sorriu.

— Agora, tratemos da outra oferenda. O Padre Tully tem na sua posse um documento que lhe pedi para redigir ontem à noite. Vou pedir-lhe que o guarde, até chegar a altura que julgue conveniente. Nada



mais direi sobre o assunto, a não ser que espero que te recordes deste dia e ponderes demoradamente no que aí está escrito quando o Padre o fizer chegar a ti.

— Assim farei, Vossa Graça. — Pug tinha a convicção de que o Duque estava a transmitir-lhe algo de grande importância, mas devido ao que se passara na última meia hora, não registou as palavras com grande precisão.

— Aguardo-te para a ceia, Pug. Como membro da corte, deixarás de tomar as tuas refeições na cozinha. — O Duque sorriu. — Tornar-te-emos num jovem fidalgo, rapaz. Um dia, quando viajares até à cidade do Rei de Rillanon, ninguém desdenhará das boas maneiras daqueles que provêm da corte de Crydee.

## NAUFRÁGIO

**A**brisa corria fresca.

Os derradeiros dias de Verão tinham partido e dentro em pouco chegariam as chuvas de Outono. Poucas semanas depois, seguir-se-iam os primeiros nevões de Inverno. Pug estava sentado no quarto, a estudar um antigo livro de exercícios que tinham como intuito preparar a mente para o lançamento de feitiços. Regressara à velha rotina assim que passara a excitação de ter sido elevado à corte do Duque.

A sua notável e maravilhosa façanha com os trolls continuava a ser objecto de especulação por parte de Kulgan e do Padre Tully. Pug percebeu que ainda não conseguia realizar muito daquilo que seria de esperar de um aprendiz, mas outras proezas começavam a vir ao seu encontro. Determinados pergaminhos eram agora mais fáceis de usar e, numa ocasião, em segredo, tentara repetir a façanha.

Memorizara o feitiço descrito num livro que se destinava a levitar objectos. Sentira os bloqueios da sua mente que já conseguia reconhecer quando tentara recitá-lo de memória. Não fora capaz de deslocar o objecto, um castiçal, mas estremeceu por alguns segundos e Pug sentira uma sensação fugaz, como se tivesse tocado na pega com parte da sua mente. Satisfeito por ver que estava a conseguir uma espécie de progresso, abandonou muito do seu anterior pessimismo e retomou os estudos com ânimo.

Não obstante, Kulgan continuava a permitir que o rapaz encontrasse o seu próprio ritmo. Tinham tido muitas e demoradas discussões acerca da natureza da magia, mas Pug trabalhava sobretudo em solidão.

Ouviram-se gritos do pátio abaixo. Pug dirigiu-se à janela. Vendo uma silhueta familiar, inclinou-se e gritou:

— Eia! Tomas! O que se passa? — Tomas olhou para cima.

— Eia! Pug! Um navio naufragou durante a noite. Os destroços deram à costa debaixo da Mágoa dos Marinheiros. Vem ver.

— Vou já descer.

Pug correu até à porta e vestiu um manto, pois embora o dia estivesse límpido, podia estar frio junto à água. Correndo escada abaixo, cortou caminho pela cozinha, quase derrubando Alfan, o pasteleiro. Ao sair pela porta como um furacão, ouviu o robusto padeiro gritar:

— Escudeiro ou não, levas um puxão de orelhas se não tomas atenção por onde passas, rapaz! — Apesar do orgulho que sentiam pelo feito do rapaz, os serviçais da cozinha não tinham mudado de atitude em relação a Pug, que consideravam como um deles.

Pug gritou também, numa voz divertida:

— Peço perdão, Mestre-Cozinheiro!

Alfan acenou-lhe amigavelmente e logo Pug desapareceu saindo pela porta da rua e contornando a esquina onde Tomas o aguardava. Este virou-se para o portão assim que viu o amigo.

Pug agarrou-o pelo braço.

— Espera. Já avisaram alguém da corte?

— Não sei. A notícia acabou de chegar da aldeia piscatória — disse Tomas, impaciente. — Anda lá senão os aldeões limpam os destroços todos. — Era comumente sabido que os salvados podiam ser legalmente retirados antes que alguém da corte do Duque chegasse. Face a isso, os aldeões e os burgueses não eram nada expeditos em fazer chegar a informação de tais ocorrências às autoridades. Havia também o risco de derramamento de sangue, caso o navio encalhado ainda estivesse ocupado por marinheiros determinados em manter a carga do patrão intacta para assim conseguirem obter a justa gratificação pela viagem. Confrontos violentos e até mortes tinham sido o resultado de tais disputas. Somente a presença de soldados podia evitar que o povo fosse ferido pelos marinheiros que permaneciam no navio.

— Oh, não — disse Pug. — Se surgirem sarilhos lá em baixo e se o Duque descobrir que não disse a ninguém, ficarei em maus lençóis.

— Olha, Pug. Achas que com todas estas pessoas a acorrerem ao local o Duque demorará a saber o que se passou? — Tomas passou a mão pelo cabelo. — Deve estar alguém mesmo agora no grande salão, a contar-lhe as novas. O Mestre Fannon está ausente em patrulha e Kulgan ainda demora a chegar. — Kulgan devia voltar ao final do dia da sua cabana na floresta, onde passara a última semana acompanhado por Meecham. — Poderá ser a nossa única oportunidade de vermos um navio naufragado. — Uma expressão de inspiração repentina invadiu-lhe o rosto. — Pug, já sei! Agora és membro da corte. Vem daí e, quando lá chegarmos, reivindicas em nome do Duque. — Uma expressão calculista passou-lhe pelo rosto. — E se encontrarmos uma ou duas bugigangas valiosas, quem irá saber?

— Eu saberei. — Pug pensou por um instante. — Não posso reivindicar em nome do Duque e depois tirar uma parte para mim... — Fitou Tomas com uma expressão de desaprovação. — ...ou deixar que

um dos seus soldados leve alguma mercadoria. — Quando o rosto de Tomas revelou o seu embaraço, Pug disse:

— Mas podemos ver os destroços na mesma! Vamos!

Pug foi subitamente acometido pela ideia de fazer uso do seu novo cargo, e caso conseguisse lá chegar antes de levarem muita ou de alguém se magoar, o Duque ficaria agradado com ele.

— Muito bem — disse —, vou albardar um cavalo para podermos ir até lá abaixo antes que pilhem tudo.

Pug virou-se e correu para as cavalariças. Tomas alcançou-o quando abria as enormes portas em madeira.

— Mas, Pug, nunca montei um cavalo na vida. Não sei montar.

— É simples — assegurou Pug, retirando um freio e uma sela do armazém. Espreitou o grande cavalo cinzento que tinha montado no dia em que vivera aquela aventura com a Princesa. — Eu monto e tu vais atrás. Mantém os braços à volta da minha cintura para não caíres.

Tomas parecia indeciso.

— Fico dependente de ti? — Abanou a cabeça. — Afinal, quem olhou por ti todos estes anos?

Pug sorriu maliciosamente.

— A tua mãe. Vai lá buscar uma espada ao armeiro não vá haver alguma complicação. Pode ser que ainda consigas brincar aos soldados.

Tomas pareceu ficar satisfeito com a perspectiva e saiu a correr. Passados poucos minutos, o grande cavalo cinzento com dois rapazes montados no dorso, atravessou pesadamente o portão principal, descendo a estrada que levava à Mágoa dos Marinheiros.

**A**s ondas embatiam quando os rapazes avistaram os destroços. Eram poucos os aldeões que estavam a acercar-se do local e depressa se espalharam assim que cavalo e cavaleiros surgiram, pois só podia tratar-se de um nobre da corte a reclamar os salvados do naufrágio para o Duque. Quando Pug puxou a rédea e o cavalo parou, não se encontrava ninguém por perto.

Pug disse:

— Anda. Temos alguns minutos para dar uma vista de olhos antes que alguém chegue.

Desmontando, os rapazes deixaram a égua a pastar numa pequena parcela de terreno com ervas a cerca de cinquenta metros das rochas. Correndo pela areia, os rapazes riam e Tomas erguia a espada ao alto, tentando parecer feroz enquanto bradava velhos gritos de guerra que aprendera nas sagas. Não tinha quaisquer ilusões quanto à sua capaci-

dade para fazer uso dela, mas poderia levar alguém a pensar duas vezes antes de os atacar – pelo menos até à chegada dos guardas do castelo.

Quando se aproximaram do barco naufragado, Tomas assobiou baixinho.

— Este navio não se limitou a encalhar nas rochas, Pug. Parece que foi impelido por uma borrasca.

Pug comentou:

— Não resta muito, pois não?

Tomas coçou atrás da orelha direita.

— Não, só uma secção da proa. Não percebo. Ontem à noite não caiu nenhuma borrasca, só esteve uma grande ventania. Como pode o navio estar destruído desta forma?

— Não sei. — De repente, Pug pareceu ter reparado em algo. — Olha para a proa. Vê como está pintada.

A proa estava assente nas rochas, presa até que a maré subisse. Da linha do convés para baixo, o casco estava pintado de um verde vivo, que brilhava com os reflexos da luz do Sol, como se tivesse sido envernizada. Ao invés de uma figura de proa, viam-se desenhos elaborados pintados em amarelo vivo, até à linha de água de cor enegrecida e baça. Um enorme olho azul e branco fora pintado a pouco mais de um metro atrás da proa e todo o gradeamento visível do convés estava pintado de branco.

Pug agarrou Tomas pelo braço.

— Olha! — Apontou para a água atrás da proa e Tomas conseguiu ver um mastro branco despedaçado que se erguia a poucos metros acima da espuma da ondulação.

Tomas deu um passo em frente.

— De certeza que não é uma embarcação do Reino. — Virou-se para Pug. — Talvez fossem de Queg.

— Não — respondeu Pug. — Viste tantos navios quegan quanto eu. Não é proveniente de Queg nem das Cidades Livres. Não creio que um navio destes alguma vez tenha cruzado estas águas. Vamos dar a volta.

Tomas pareceu repentinamente receoso.

— Tem cuidado, Pug. Há algo aqui muito estranho e estou com um mau pressentimento. Pode ainda andar alguém por perto.

Ambos olharam em redor por um minuto, até Pug concluir:

— Não creio; o que quer que tenha rebentado aquele mastro e levado este navio a dar à costa com tanta força a ponto de o destruir deste modo deve ter provocado a morte a quem quer que tenha tentado dominá-lo.

Aventurando-se mais perto, os rapazes encontraram pequenos artigos espalhados por perto, atirados entre as rochas junto ao reben-tamento das ondas. Viram louça partida e tábuas, pedaços de lona vermelha rasgada e fragmentos de corda. Pug parou e apanhou uma adaga de aspeto estranho, feita a partir de um material desconhecido. Era de cor cinzenta e baça e mais leve do que o aço, ainda que bastante afiada.

Tomas tentou içar-se até ao gradeamento, mas não encontrou um apoio adequado nas rochas escorregadias. Pug avançou ao longo do casco até ficar em perigo de molhar as botas com a maré; podiam subir ao casco se entrassem na água, embora Pug não estivesse disposto a arruinar as roupas boas que trazia. Regressou ao ponto onde Tomas estava a examinar os destroços.

Tomas apontou para trás de Pug.

— Se trepássemos para aquele rebordo, poderíamos deslizar até ao convés.

Pug viu o rebordo, um único pedaço de pedra saliente que tinha início seis metros atrás deles, à esquerda, estendendo-se para cima e para fora, pairando sobre a proa. Parecia uma escalada fácil, pelo que Pug concordou. Içaram-se e deslocaram-se devagarinho pelo rebordo, com as costas de encontro à base da rocha escarpada. O caminho era estreito, mas se caminhassem cuidadosamente, o risco de cair era diminuto. Chegaram ao ponto sobre o casco; Tomas apontou.

— Olha. Corpos!

No convés, jaziam dois homens, ambos vestidos com uma armadura de um azul vivo que desconheciam. Um deles tinha a cabeça esmagada por uma verga caída, já o outro, de barriga para baixo, não apresentava sinais de ferimentos, para além da imobilidade. Preso às costas do homem via-se um sabre de aspeto invulgar, de gumes estranhamente serrilhados. A cabeça estava coberta por um elmo azul igualmente inusitado, assemelhando-se a um pote, com um rebordo bojudo que sobressaía dos lados e da parte posterior. Tomas subiu o tom de voz para se sobrepor à rebentação:

— Vou deslizar até lá abaixo. Assim que estiver no convés, passa-me a espada e depois desce tu para que eu te possa amparar.

Tomas passou a espada a Pug e virou-se devagar. Ajoelhou-se com o rosto virado para a escarpa. Deslizando para trás, deixou-se cair até ficar quase pendurado. Com um impulso, caiu o metro e vinte que restava, pousando em segurança. Pug virou a espada e passou-a a Tomas, seguindo o exemplo do amigo e pouco depois já estavam ambos no convés. A parte da frente do convés estava assustadoramente inclinada em direção à água e os rapazes sentiam o navio a mover-se debaixo dos pés.

— A maré está a subir — gritou Tomas. — Vai erguer o que resta do navio e esmagá-lo contra as rochas. Vai-se perder tudo.

— Olha em volta — gritou também Pug. — Podemos tentar atirar para o rebordo tudo o que nos pareça que vale a pena resgatar.

Tomas assentiu e os dois começaram a escrutinar o convés. Pug afastou-se o mais possível dos cadáveres quando passou por eles. Em todo o convés, os destroços criavam um espetáculo confuso para a vista. A tentativa de discernir entre o que podia vir a revelar-se valioso e o que não seria era difícil. Na parte de trás do convés encontrava-se um gradeamento partido de ambos os lados de uma escada que levava ao que restava do convés principal mais abaixo; cerca de dois metros de tábuas permaneciam acima da água. Pug estava certo de que somente mais alguns centímetros estariam submersos, caso contrário o navio chegaria muito mais acima nas rochas. A traseira do navio já devia ter sido levada pela maré.

O Escudeiro deitou-se no convés e espreitou pela beira. Viu uma porta à direita da escada. Gritando para que Tomas se juntasse a ele, desceu a escada com cautela. O primeiro convés estava a descair, uma vez que o apoio inferior tinha aluído. Agarrou-se ao corrimão para se apoiar. Pouco depois, Tomas chegava a seu lado; circundou-o e dirigiu-se à porta. Estava entreaberta e o rapaz entrou, com Pug logo atrás. A cabina estava às escuras, pois não tinha mais do que uma vigia na antepara junto à porta. Na escuridão, conseguiram descortinar vários pedaços de tecido com um ar opulento e os resquícios estilhaçados de uma mesa. O que parecia um berço ou uma cama baixa encontrava-se virado ao contrário a um canto. Viam-se vários cofres de pequenas dimensões e os conteúdos estavam espalhados pela divisão como se tivessem sido para ali atirados por uma mão gigante.

Tomas tentou procurar na confusão, mas nada aparentava importância ou valor. Encontrou uma pequena malga de motivos insólitos com figuras de cores vivas dos lados e colocou-a dentro da túnica.

Pug ficou parado, pois algo na cabina lhe chamara a atenção. Uma sensação estranha e premente acometera-o logo que entrara.

O navio oscilou, desequilibrando Tomas. Apoiou-se num baú, deixando a espada cair.

— O navio está a elevar-se. É melhor irmos.

Pug não respondeu, estando concentrado nas inéditas sensações. Tomas agarrou-lhe o braço.

— Anda. O navio vai partir-se não tarda.

Pug abanou o braço para se soltar.

— Um momento. Está ali uma coisa... — A voz perdeu-se. Brus-

camente, atravessou o quarto em desordem e abriu uma das gavetas de uma arca com ferrolho. Estava vazia. Abriu outra com um puxão, depois outra. Nessa encontrava-se o objeto da sua demanda. Tirou um pergaminho enrolado com uma fita negra e onde se via um selo negro e meteu-o dentro da camisa.

— Vamos — gritou ao passar por Tomas. Correram escada acima e precipitaram-se pelo convés. A maré levantara o navio a uma altura que permitiu aos rapazes içarem-se para o rebordo com facilidade e aí ficaram sentados.

O navio boiava ao sabor da maré, a balançar para a frente e para trás, enquanto as ondas borrifavam gotículas no rosto dos rapazes. Viram a proa a deslizar das rochas, as madeiras a cederem com um dilacerante e profundo ruído, como as vascas da morte. A proa soergueu-se a grande altura e os rapazes foram salpicados pelas ondas que batiam no penhasco abaixo do rebordo.

Mar adentro flutuou a carcaça, inclinando-se devagar para bom-bordo, até que a maré ondulante do exterior parou.

Pesadamente, começou a regressar às rochas. Tomas deu um puxão no braço de Pug, indicando para que o seguisse. Levantaram-se e regressaram à praia. Quando chegaram ao ponto onde a rocha pairava sobre a areia, saltaram.

Um ruidoso som de esmagamento fê-los virar para testemunharem o navio a ser atirado contra as rochas. As madeiras quebraram-se, separando-se com um guincho. O casco elevou-se para estibordo e viram-se destroços a cair do convés para o mar.

De repente, Tomas estendeu a mão e agarrou o braço de Pug.

— Olha. — Indicou os destroços que recuavam com a maré.

Pug não conseguiu perceber para onde o amigo apontava.

— O que é?

— Por um momento, pareceu-me que só estava um corpo no convés.

Pug olhou para ele. O rosto de Tomas revelava uma expressão de preocupação. De repente, ficou com um ar enraivecido.

— Maldição!

— O que foi?

— Quando tropecei no camarote, deixei cair a espada. Fannon vai arrancar-me as orelhas.

Ouviu-se um ruído como o estrondo de um trovão que assinalava a destruição final do navio naufragado quando a maré voltou a lançá-lo contra a falésia. Agora, os fragmentos da outrora esplêndida, ainda que desconhecida, embarcação seriam levados pelo mar e arrastados pela



corrente, acabando por dar à costa ao longo de quilómetros para sul no decorrer dos dias seguintes.

Um demorado gemido que terminou num grito estridente levou os rapazes a virarem-se. Atrás deles estava o homem que desaparecera do navio, com o invulgar sabre mal seguro na mão esquerda, arrastando-o pela areia. O braço direito estava junto ao flanco; conseguia ver-se o sangue a escorrer de baixo da couraça azul e de baixo do elmo. Deu um passo cambaleante em frente. Estava pálido e os olhos arregalados de dor e confusão. Gritou palavras incompreensíveis dirigidas aos rapazes. Recuaram devagar, erguendo as mãos lentamente para mostram que estavam desarmados.

Deu outro passo em frente e os joelhos cederam. Cambaleou para se endireitar e fechou os olhos por um instante. Era baixo e entroncado, com braços e pernas bastante musculados. Abaixo da carapaça, vestia uma saia de malho curta em tecido azul. Trazia anteparos nos braços e nas pernas grevas que pareciam ser em pele, por cima de sandálias de tiras. Levou a mão à cara e abanou a cabeça. Abriu os olhos e voltou a contemplar os rapazes. Voltou a falar no seu idioma estrangeiro. Não obtendo resposta dos rapazes, pareceu ficar irritado e gritou outra série de palavras estranhas, perguntas, segundo a entoação.

Pug aferiu a distância de que precisariam para passar a correr pelo homem, que estava a bloquear a estreita faixa de areia. Decidiu que não valia a pena correr o risco de descobrir se o homem estava em condições de usar aquela espada de aspeto malévolo. Como se tivesse entendido os pensamentos do rapaz, o soldado titubeou alguns centímetros para a direita, impedindo qualquer tentativa de fuga. Voltou a fechar os olhos e a pouca cor que ainda tinha no rosto esvaiu-se. O seu olhar começou a desviar-se e a espada escorregou-lhe dos dedos frouxos. Pug começou a avançar para ele uma vez que era óbvio que já não lhes podia fazer mal.

Ao aproximar-se do homem, ouviram-se gritos no cimo da praia. Pug e Tomas viram o Príncipe Arutha a cavalo à frente de um esquadrão de cavalaria. O homem ferido virou a cabeça a custo ao ouvir o som de cavalos a chegar e arregalou os olhos. Um olhar de puro pavor atravessou-lhe o rosto e tentou fugir. Deu três passos cambaleantes em direção à água e caiu de bruços na areia.

**P**ug estava junto à porta da sala do conselho do Duque. A vários metros de distância, um grupo inquietado estava sentado à mesa redonda do conselho do Duque Borric. Para além do Duque e respetivos filhos, o Padre Tully, Kulgan, que regressara havia uma hora, o Mestre

de Armas Fannon e o Estribeiro-Mor Algon estavam reunidos em assembleia. O tom era solene, pois a chegada do navio forasteiro era encarada como uma potencial ameaça ao Reino.

Pug olhou de relance para Tomas que se encontrava do outro lado da porta. Tomas nunca estivera na presença da nobreza, a não ser quando servia no salão de banquetes, pelo que a comparência na sala de conselho do Duque estava a deixá-lo nervoso. O Mestre Fannon falou e Pug voltou a dar atenção à mesa.

— Recapitulando tudo o que sabemos — disse o velho Mestre de Armas —, é óbvio que estas pessoas são completamente desconhecidas para nós. — Pegou na malga que Tomas levava do navio. — Esta malga foi moldada de uma forma que o nosso Mestre Oleiro desconhece completamente. De início, julgou tratar-se apenas de um barro cozido e vidrado, mas ao examiná-la com mais atenção, tal não se confirmou. Foi concebida a partir de um tipo de pele de animal e foram enroladas finas faixas de pergaminho à volta de um molde – talvez madeira –, tendo sido posteriormente laminada com uma espécie de resina. É muito mais resistente do que tudo aquilo que conhecemos.

Para demonstrar, bateu a malga com força na mesa. Invés de se partir, como aconteceria com uma malga de barro, produziu um som abafado.

— Ora, estas armas e armadura ainda são mais desconcertantes. — Indicou a carapaça azul, o elmo, o sabre e a adaga. — Parecem ter sido concebidos de modo semelhante. — Ergueu a adaga e largou-a. O som que produziu foi idêntico ao som da malga. — Apesar da leveza, é quase tão resistente quanto o nosso melhor aço.

Borric acenou com a cabeça.

— Tully, andais por cá há mais tempo do que qualquer um de nós. Alguma vez ouvistes falar de uma embarcação com este tipo de construção?

— Não. — Tully cofiou distraidamente o queixo escanhado. — Jamais ouvi falar de tais navios, fossem eles oriundos do Mar Amaro, do Mar do Reino ou até do Grande Kesh. Posso enviar um recado ao Templo de Ishop em Krondor. Possuem registos muito mais antigos do que os outros. Pode ser que saibam algo sobre este povo.

O Duque anuiu.

— Fazei isso, por favor. Também devemos enviar uma mensagem aos elfos e aos anões. Já povoavam esta terra muitas eras antes de nós, pelo que seria benéfico procurar a sua sapiência.

Tully mostrou concordância.

— A Rainha Aglaranna poderá ter conhecimento deste povo caso

sejam viajantes que venham para lá do Mar Interminável. Quiçá tenham já visitado estas costas.

— Que disparate — resfolegou o Estribeiro-Mor Algon. — Não existem nações para lá do Mar Interminável. Caso contrário, não se chamaria interminável.

Kulgan assumiu uma expressão indulgente.

— Há teorias quanto à existência de outras terras para lá do Mar Interminável. Porém, não possuímos navios que permitam uma viagem tão demorada.

— Teorias — foi tudo o que Algon disse.

— Quem quer que sejam estes estrangeiros — disse Arutha —, será melhor descobirmos tudo o que for possível acerca deles.

Algon e Lyam olharam-no com uma expressão de indagação, enquanto Kulgan e Tully assistiam inexpressivos. Borric e Fannon acenaram a cabeça enquanto Arutha prosseguia:

— Pela descrição dos rapazes, era indiscutivelmente um navio de guerra. A proa compacta com um gurupés é concebida para bater e a coberta superior elevada é o lugar perfeito para arqueiros, tal como o primeiro convés se adequa à abordagem de outras embarcações quando são aferradas. Calculo que o convés à retaguarda também devesse ser elevado. Se o casco não tivesse ficado tão destruído, certamente também teríamos encontrado bancos de remadores.

— Uma galé de guerra? — perguntou Algon.

Fannon pareceu impaciente.

— Claro, grande pateta. — Havia uma rivalidade amigável entre os dois mestres, que por vezes degenerava numa discussão desagradável. — Olha bem para as armas do nosso hóspede. — Indicou o sabre. — Gostarias de cavalgar de encontro a um homem que brandisse tal arma? Esquartejaria o cavalo debaixo de ti. A armadura é leve e elaborada de modo eficiente apesar das cores garridas. Diria que pertence à infantaria. Pujante como é, não duvido que conseguisse correr meio-dia seguido e ainda assim lutar. — Cofiou o bigode com um ar distraído. — Estas pessoas dispõem de alguns guerreiros entre eles.

Algon fez um aceno lento com a cabeça. Arutha recostou-se na cadeira, imitando uma tenda com as mãos e flectindo as pontas dos dedos.

— O que não consigo entender — disse o filho mais novo do Duque — é o que o terá levado a tentar fugir. Não tínhamos armas desembainhadas nem estávamos a investir. Não tinha motivos para fugir.

Borric olhou para o idoso padre.

— Será que alguma vez saberemos?

Tully parecia preocupado, de testa franzida.

— Tinha um pedaço comprido de madeira cravado no flanco direito, sob a couraça, tal como um golpe grave na cabeça. O elmo salvou-lhe o crânio. Tem febre alta e perdeu muito sangue. Poderá não sobreviver. É provável que tenha de recorrer a um toque da mente, caso recupere consciência que permita estabelecer o contacto.

Pug sabia da existência de toques da mente; Tully já lhe explicara. Era um método só permitido a alguns clérigos, extremamente perigoso quer para o sujeito quer para aquele que estabelecia o toque. O padre idoso devia reconhecer a extrema necessidade de obter informações do homem ferido de modo a arriscar fazê-lo.

Borric desviou a atenção para Kulgan:

— E quanto ao pergaminho que os rapazes encontraram?

Kulgan acenou vagamente.

— Fiz uma inspecção preliminar e breve. É óbvio que possui características mágicas. Julgo que foi por isso que Pug sentiu uma espécie de compulsão que o levou a inspecionar o camarote e o baú. Qualquer pessoa com a sensibilidade dele em relação à magia tê-lo-ia sentido. — Olhou directamente para o Duque. — Contudo, estou relutante em quebrar o selo até conseguir submetê-lo a um estudo mais rigoroso e determinar com maior precisão o seu propósito. A quebra de lacres encantados poderá revelar-se perigosa se não for executada com desvelo. Se o laço sofreu alterações, o pergaminho poderá destruir-se, ou pior, destruir quem o tente quebrar. Não seria a primeira armadilha que vi num pergaminho com tão grande poder.

O Duque tamborilou os dedos na mesa por um momento.

— Muito bem. Suspendamos a assembleia. Logo que se descubra alguma novidade, quer relacionada com o pergaminho, quer com o homem ferido, voltaremos aqui. — Virou-se para Tully. — Vede em que estado está o homem e, no caso de despertar, fazei uso da vossa arte para extrair tudo o que consigais. — Levantou-se e os restantes seguiram-no. — Lyam, enviai uma mensagem à Rainha dos Elfos e aos anões da Montanha de Pedra e das Torres Cinzentas contando o que aconteceu. Solicitai-lhes alvitres.

Pug abriu a porta. O Duque passou e os outros seguiram atrás. Pug e Tomas foram os últimos a sair e, enquanto percorriam o corredor, Tomas inclinou-se para Pug.

— Demos início a um grande acontecimento.

Pug abanou a cabeça.

— Calhou sermos os primeiros a encontrar o homem. Se não tivéssemos sido nós, alguém o encontraria.

Tomas parecia aliviado por ter saído da sala do conselho e do olhar atento do Duque.

— Se der para o torto, espero que tenham isso em conta.

Kulgan subiu as escadas para o seu quarto na torre enquanto Tully se pôs a caminho dos seus aposentos, onde o homem ferido estava a ser tratado pelos acólitos do sacerdote. O Duque e os filhos viraram e passaram uma porta que levava aos seus aposentos privados, deixando os rapazes sozinhos no átrio.

Pug e Tomas cortaram caminho por uma despensa e entraram na cozinha. Megar estava a supervisionar os trabalhadores da cozinha e vários acenaram aos rapazes. Quando viu o filho e o filho adoptivo, sorriu e disse:

— Ora, vamos lá a ver em que sarilhos é que se meteram agora?

— Megar era um homem desembaraçado, de cabelo ruivo e semblante sincero. Era parecido a Tomas, tal como um esboço se assemelha a um desenho acabado. Era um homem de boa aparência, de meia-idade, mas carecia dos traços delicados que distinguiam Tomas.

Com um enorme sorriso, Megar disse:

— Ninguém diz nada acerca daquele homem nos aposentos de Tully e os mensageiros correm daqui para ali, de um lado para o outro. Desde a visita do Príncipe de Kronдор há sete anos que não via tanto rebuliço!

Tomas tirou uma maçã de uma travessa e sentou-se na mesa com um salto. Entre dentadas, relatou ao pai o que acontecera.

Pug encostou-se ao balcão enquanto escutava Tomas a contar a história com escassos floreios. Ao terminar, Megar abanou a cabeça.

— Ora, ora. Forasteiros, é isso? Só espero que não sejam piratas saqueadores. Ultimamente temos tido tempos de paz. Passaram dez anos desde que a Irmandade da Senda das Trevas — simulou uma cuspidela — malditas sejam as suas almas assassinas, provocaram aqueles sarilhos com os trasgos. Não posso dizer que acolheria de bom grado esse género de confusão, ter de enviar tantos abastecimentos para as povoações mais afastadas. Ter de cozinhar com base no que se poderá estragar primeiro e no que irá aguentar mais tempo. Não consegui preparar uma refeição decente durante uns bons meses.

Pug sorriu. Megar tinha a capacidade de pegar nas eventualidades mais complexas e torná-las simples: quão inconvenientes poderiam revelar-se para os empregados da copa.

Tomas saltou do balcão.

— É melhor voltar à caserna e esperar pelo Mestre Fannon. Até breve. — Saiu a correr da cozinha.

Megar indagou:

— É grave, Pug?

Pug abanou a cabeça.

— Não sei dizer ao certo. Não sei. Sei que Tully e Kulgan estão preocupados e que o Duque acha o problema importante a ponto de querer falar com os elfos e os anões. Poderá ser grave.

Megar olhou para lá da porta que Tomas atravessara.

— Seria uma altura terrível para guerra e mortes. — Pug conseguia ver a preocupação mal escondida no rosto de Megar e não conseguiu pensar em nada para dizer a um pai de um filho que acabara de se tornar soldado.

O rapaz afastou-se do balcão.

— Também é melhor eu ir, Megar. — Acenou em despedida aos outros que se encontravam na cozinha e saiu para o pátio. Não estava com disposição para estudar, tendo ficado alarmado pelo tom sério da reunião na sala do conselho do Duque. Ninguém que de lá saíra dissera muito, mas era óbvio que estavam a considerar a possibilidade de que o navio estrangeiro fosse a frente de uma frota invasora.

Pug vagueou em redor do torreão e subiu os três degraus até ao pequeno jardim da Princesa. Sentou-se num banco de pedra, as sebes e as fileiras de botões de rosa a ocultarem da vista grande parte do pátio. Conseguia ainda ver o caminho da ronda soerguido, com os guardas a patrulharem os baluartes. Perguntou-se se estaria a imaginar ou pareceriam os guardas mais alertas naquele dia?

O som de um delicado tossir fê-lo virar-se. Do outro lado do jardim estava a Princesa Carline, acompanhada pelo Escudeiro Roland e duas das suas mais jovens aias. As raparigas ocultaram os sorrisos pois Pug ainda era uma espécie de celebridade no castelo. Carline mandou-as calar, dizendo:

— Gostaria de falar em privado com o Escudeiro Pug.

Roland hesitou, para logo fazer uma vénia rígida. Pug ficou irritado com a forma sombria como Roland o olhou ao sair com as duas jovens.

As duas aias olharam por cima do ombro para Pug e Carline, dando risadinhas, o que parecia contribuir ainda mais para a irritação de Roland.

Pug pôs-se de pé quando Carline se aproximou e fez uma vénia desajeitada. Ela disse, com pequenas inflexões:

— Oh, sentai-vos. Esses disparates são cansativos e já me basta o Roland.

Pug sentou-se. A rapariga sentou-se a seu lado e ficaram ambos em silêncio por um instante. Por fim, ela disse:

— Há mais de uma semana que não vos vejo. Tendes andado ocupado?

Pug sentiu-se pouco à vontade, ainda confundido pela rapariga e pelos seus modos imprevisíveis. Só se mostrara cordial com ele desde o dia, três semanas atrás, em que a salvara dos trolls, fomentando uma tempestade de mexericos entre a criadagem do castelo. Porém, não deixara de ser implicante com outros, especialmente com o Escudeiro Roland.

— Tenho estado ocupado com os meus estudos.

— Oh, bah! Passais demasiado tempo naquela torre horrível.

Pug não considerava de todo horrível o quarto da torre – tirando algumas correntes de ar. Era seu e sentia-se bem quando lá estava.

— Podemos ir montar, se Vossa Alteza assim o desejar.

A rapariga sorriu.

— Gostaria muito. Mas temo que a Senhora Marna não permita.

Pug ficou surpreendido. Julgou, depois da forma como protegera a Princesa, que até a mãe substituta da rapariga o considerava um acompanhante adequado.

— Porque não?

Carline suspirou.

— Ela diz que quando éreis plebeu, sabíeis ficar no vosso lugar. Agora que pertenceis à corte, desconfia que tenhais ambições. — Um sorriso tímido dançou-lhe nos lábios.

— Ambições? — perguntou Pug, sem compreender.

Carline disse timidamente:

— Julga que tendes ambições de subir a um posto mais elevado. Julga que procurareis influenciar-me de certas formas.

Pug olhou atónito para Carline. De repente, fez-se luz, pelo que exclamou:

— Oh —, seguido de: — *Oh!* Vossa Alteza. — Levantou-se. — Nunca faria tal. Quer dizer, nunca pensaria em... quer dizer...

Carline levantou-se bruscamente e olhou para Pug com um ar exasperado:

— Rapazes! São todos idiotas. — Levantando a bainha do comprido vestido verde, saiu de rompante.

Pug sentou-se, mais desorientado do que nunca. Era quase como se... deixou o pensamento perder-se. Quanto mais lhe parecia possível que ela gostasse dele, mais essa perspectiva o deixava ansioso. Carline era muito mais do que a Princesa de contos de fada que imaginara até há pouco. Batendo um pezinho, ela podia causar uma tempestade num copo de água, a ponto de fazer o torreão estremecer. A Princesa era



uma rapariga de mente complexa, com uma natureza contraditória à mistura.

A prossecução dos devaneios foi interrompida por Tomas, que passou a correr. Vislumbrando o amigo, saltou os três degraus e parou sem fôlego à frente dele.

— O Duque chama por nós. O homem do navio morreu.

**R**euniram-se à pressa na sala de conselho do Duque, à excepção de Kulgan que não respondera quando o mensageiro batera à sua porta. Estavam em crer que deveria encontrar-se demasiado absorto no problema do pergaminho mágico.

O Padre Tully estava pálido e tinha um ar abatido. Pug ficou chocado com o aspeto do homem. Passara pouco mais de uma hora, porém o velho clérigo parecia ter passado várias noites insones. Os seus olhos estavam orlados a vermelho e encovados em círculos escuros. O seu rosto estava empalidecido e um ligeiro brilho de transpiração percorria-lhe a testa.

Borric serviu um copo de vinho ao sacerdote de um decantador que se encontrava num aparador e ofereceu-lho. Tully hesitou, pois era abstémio, para logo o beber com sofreguidão. Os restantes retomaram as posições anteriores à mesa.

Borric olhou para Tully e limitou-se a dizer:

— E então?

— O soldado da praia recuperou os sentidos por poucos minutos, as últimas melhoras antes do fim. Nesse entretanto, tive oportunidade de estabelecer contacto mental com o homem. Permaneci com ele até ao derradeiro sonho delirante, tentando saber o mais possível acerca dele. Quase não conseguia quebrar o toque mental a tempo.

Pug empalideceu. Durante o toque mental, a mente do sacerdote e do sujeito tornavam-se numa só. Não tivesse quebrado o contacto quando o homem morreu, Tully poderia ter morrido ou enlouquecido, pois ambos partilhavam sentimentos, medos e sensações, bem como pensamentos. Compreendia agora o estado de cansaço de Tully: o idoso padre tinha gasto muita energia a manter a ligação com um sujeito pouco prestável e participara no sofrimento e pavor do moribundo.

Tully bebeu mais um pouco de vinho e prosseguiu:

— Se os sonhos deste homem moribundo não foram produto de delírios febris, receio que o seu surgimento prenuncie uma situação de enorme gravidade. — Tully bebeu outro gole de vinho e afastou o cálice. — Chamava-se Xomich. Era um simples soldado de uma nação, Honshoni, parte de algo denominado Império de Tsuranuanni.



Borric interveio:

— Nunca ouvi falar desta nação nem desse Império.

Tully fez um aceno com a cabeça e disse:

— Ficaria admirado se tivésseis ouvido falar. O navio desse homem não veio de mar algum de Midkemia. — Pug e Tomas entreolharam-se, e Pug sentiu um arrepio tal como Tomas parecia ter sentido, uma vez que empalideceu.

Tully prosseguiu:

— Só nos resta especular quanto à forma como essa façanha foi realizada, mas estou certo de que aquele navio era originário de outro mundo, afastado do nosso tempo e espaço. — Antes de surgirem perguntas, acrescentou: — Deixai-me explicar.

“Este homem estava febril, pelo que a sua mente delirava. — O rosto de Tully tremulou ao recordar-se do sofrimento. — Fazia parte de uma guarda de honra de alguém a quem ele chamava unicamente de “O Grandioso”. Surgiram imagens contraditórias, por isso não tenho a certeza, mas parece que a viagem que empreendiam era considerada invulgar, quer pela presença daquele Grandioso quer pela natureza da missão. O único pensamento palpável que consegui reter foi que este Grandioso não precisava de viajar de barco. Para além disso, restam impressões breves e incoerentes. Surgiu uma cidade a que chamava Yankora, depois seguiu-se uma terrível borrasca e um repentino brilho ofuscante, que pode ter sido um relâmpago a atingir o navio, embora eu esteja certo de que não foi. Pensou no capitão e nos camaradas a serem levados por uma onda. Depois um estrondo nas rochas. — Fez um compasso de espera. — Não sei ao certo se estas imagens estão pela ordem correcta, pois acho mais provável que a tripulação se tenha perdido antes dessa luz ofuscante.

— Porquê? — perguntou Borric.

— Estou a adiantar-me — explicou Tully, — Primeiro, gostaria de explicar o que me leva a pensar que este homem provém de outro mundo.

“Este Xomich fez-se homem numa terra governada por grandes exércitos. É uma raça de guerreiros, cujos navios dominam os mares, Mas que mares? Nunca, que eu saiba, se ouviu falar de algum contacto com este povo. E surgiram outras visões ainda mais convincentes. Grandes cidades, muito maiores do que as que existem no âmago de Kesh, as maiores que conhecemos. Exércitos a desfilar em grandes celebrações, a marchar perante uma bancada que passava revista; guarnições da cidade que superaram o Exército Ocidental do Rei.

Algon interveio:

— Ainda assim, não há nada que indique que não provêm — fez uma pausa, como se esse reconhecimento fosse custoso — do outro lado do Mar Interminável. — Essa possibilidade parecia perturbá-lo menos do que a noção de um lugar que não fizesse parte do seu mundo.

Tully pareceu ter ficado irritado com a interrupção.

— Há mais, muito mais. Segui-o pelos sonhos, muitos na sua pátria. Recordou-se de criaturas que não se assemelham a nenhuma que alguma vez tenha visto ou ouvido falar, coisas com seis pernas que puxam carroças como bois, e outras criaturas, algumas parecidas a insetos ou répteis, mas que falam como os homens. A terra dele era quente e a memória que tinha do Sol era de um maior do que o nosso e de um tom onde predominava o verde. Este homem não pertencia ao nosso mundo. — A última frase foi proferida terminantemente, afastando qualquer dúvida que ainda pudesse permanecer na mente de todos naquela sala. Tully jamais faria tal afirmação se não tivesse a certeza absoluta.

A sala ficou em silêncio enquanto cada pessoa reflectia naquilo que fora dito. Os rapazes observavam e partilharam a sensação. Era como se ninguém estivesse disposto a falar, como se ao fazê-lo, selassem de facto as informações do sacerdote para todo o sempre, enquanto se ficassem mudos talvez tudo passasse como um pesadelo. Borric levantou-se e caminhou até à janela. Dava para uma desinteressante muralha traseira do castelo, mas fitou-a como se nela procurasse algo, algo que facultasse uma resposta para as perguntas que rodopiavam na sua mente. Virou-se de repente e disse:

— Como aqui chegaram, Tully?

O sacerdote encolheu os ombros.

— Talvez Kulgan possa produzir uma teoria em relação aos meios. É assim que imagino que seja a mais provável sucessão de acontecimentos: o navio naufragou na borrasca; o capitão do navio e grande parte da tripulação morreram. Em último recurso, este Grandioso, seja lá quem for, invocou um feitiço para retirar o navio da tempestade ou para melhorar o tempo que fazia ou qualquer outra proeza imponente. Em consequência disso, o navio foi arrancado ao seu próprio mundo e lançado neste, surgindo ao largo da Mágoa de Marinheiro. Como a embarcação se deslocava a grande velocidade no seu próprio mundo, talvez tenha aqui surgido mantendo essa velocidade e, com o vento oeste a soprar em rajadas e pouca ou nenhuma tripulação, o navio foi impelido de encontro às rochas. Ou pode, simplesmente, ter surgido nas rochas, colidindo no instante em que aqui se materializou.

Fannon abanou a cabeça.

— De outro mundo. Como é possível?

O idoso sacerdote elevou as mãos num gesto de mistificação.

— Resta-nos especular. Os ishapianos possuem pergaminhos nos templos. Consta que alguns são cópias de obras antigas, que, por sua vez, são cópias de pergaminhos ainda mais vetustos. Dizem que os originais datam da época das Guerras do Caos, numa linha ininterrupta. Neles fala-se de “outros planos” e “outras dimensões” e de conceitos para nós perdidos. Porém, há algo claro. Falam de terras e de povos desconhecidos e sugerem que outrora a humanidade viajou para outros mundos ou para Midkemia a partir de outros mundos. Estas noções têm estado no centro do debate religioso há séculos e ninguém sabia dizer ao certo qual a verdade aí presente. — Fez uma pausa, para logo dizer: — Até agora. Não tivesse eu visto o que existia na mente de Xomich, não teria aceitado tal teoria para explicar as ocorrências deste dia. Mas agora...

Borric atravessou a sala até à sua cadeira, parando atrás dela, com as mãos pousadas de cada lado das costas.

— Parece impossível.

— Que o navio e o homem aqui estiveram é um facto, meu pai — proferiu Lyam.

Arutha deu continuidade ao comentário do irmão com outro:

— E temos de decidir quais as probabilidades de que esta façanha venha a repetir-se.

Borric dirigiu-se a Tully:

— Tíneis razão quando dissesstes que tudo isto poderia ser o prenúncio de uma situação de grande gravidade. Se algum grandioso Império estiver de olhos postos em Crydee e no Reino...

Tully abanou a cabeça.

— Borric, estais assim há tanto tempo afastado da minha tutela que não compreendestes de todo? — Levantou uma mão ossuda quando o Duque começou a protestar. — Perdoai-me, meu Senhor. Sou velho e cansado e esqueço-me das minhas boas maneiras. Porém, a verdade é a verdade. Sem dúvida que são uma nação poderosa, ou melhor, um império de nações e se têm meios de nos alcançar, tal poderá ser terrível; não obstante, ainda mais importante é a possibilidade deste Grandioso ser um mago ou um sacerdote de grande engenho. Porquanto se não for o único, se existirem mais como ele naquele Império, e se tentaram efectivamente alcançar este mundo por meio de magia, quer dizer que nos aguardam tempos deveras graves.

Quando ninguém na mesa continuava a aparentar não entender ao que Tully se estava a referir, Tully prosseguiu, como um professor

paciente a ensinar um grupo de alunos promissores mas por vezes lentos.

— O surgimento deste navio pode resultar de um acaso e, se assim for, não passa de motivo de curiosidade. Mas se chegou aqui propositalmente, quer dizer que corremos grande perigo pois deslocar um navio para outro mundo é um género de magia que não consigo imaginar. Se este povo, os tsurani como se denominam, souberem da nossa existência, e se possuem os meios para chegarem até nós, então devemos não só temer exércitos que rivalizam com os do Grandioso Kesh no auge do seu poder, quando o seu alcance se espalhou até mesmo a este canto do mundo, como devemos também temer magia muitíssimo superior a qualquer magia por nós conhecida.

Borric acenou com a cabeça, pois a conclusão era óbvia, uma vez salientada.

— Temos de ouvir de imediato o parecer de Kulgan quanto a este assunto.

— Só mais uma coisa, Arutha — interveio Tully. O Príncipe levantou a cabeça, pois estivera perdido nos seus pensamentos. — Sei o que levou Xomich a tentar fugir-vos e aos vossos homens. Julgou que se tratavam de criaturas que conhecia do seu mundo, criaturas parecidas a centauros, chamadas thûn, temidas pelos tsurani.

— Porque teria julgado isso? — perguntou Lyam, com um ar intrigado.

— Nunca antes vira um cavalo ou outra criatura semelhante. Estou em crer que esse povo não os conhece.

O Duque voltou a sentar-se. Tamborilando os dedos na mesa, disse:

— Se o que o Padre Tully afirma for verdade, temos de tomar algumas decisões e sem delongas. Se tudo isto não passar de um incidente que trouxe estas pessoas à nossa costa, pouco haverá a recear. Contudo, se essa chegada fizer parte de um desígnio, temos de contar com uma autêntica e séria ameaça. Aqui temos uma das guarnições mais desprovidas de todo o Reino e seria muito duro se aqui chegassem com todo o seu poderio.

Os restantes murmuram em concordância e o Duque disse:

— Seria vantajoso que compreendêssemos que o que aqui foi dito ainda não passam de especulações, embora esteja inclinado a concordar com Tully em grande parte das questões. Devíamos ouvir o que pensa Kulgan acerca deste povo. — Virou-se para Pug. — Rapaz, vai ver se o teu mestre pode juntar-se a nós.

Pug assentiu e abriu a porta, atravessando o torreão a correr. Correu até às escadas da torre e subiu-as de dois em dois degraus. Levantou-se.

tou a mão para bater à porta e foi invadido por uma estranha sensação, como se estivesse prestes a ser atingido por um relâmpago, ficando com os pelos dos braços e da nuca em pé. Assolou-o uma súbita sensação de estranheza, levando-o a bater com força.

— Kulgan! Kulgan! Estais bem? — gritou, mas não obteve resposta. Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Levou o ombro à porta para forçá-la a abrir, mas manteve-se firme. A sensação de estranheza abandonara-o, mas estava cada vez com mais medo perante o silêncio de Kulgan. Olhou em volta à procura de algum objeto que servisse para abrir a porta à força e, não encontrando nada, correu escada abaixo.

Precipitou-se para o extenso corredor. Ali, encontravam-se guardas de uniforme nos seus postos. Gritou para os dois mais próximos:

— Vocês os dois, venham comigo. O meu mestre está em apuros. — Sem hesitar, seguiram o rapaz pelas escadas, ouvindo-se o estrondo das botas nos degraus de pedra.

Ao chegarem à porta do mago, Pug disse:

— Deitem-na abaixo!

Sem demora, pousaram espadas e escudos e encostaram os ombros à porta. Lançaram-se uma, duas, três vezes e, com um gemido de protesto, a madeira rachou em redor da chapa do ferrolho. Mais um encontrão e a porta abriu-se de par em par. Os guardas conseguiram equilibrar-se e recuaram, com o assombro e a confusão estampados no rosto. Pug abriu caminho entre ambos e olhou para o quarto.

Kulgan jazia no chão, inconsciente. O seu manto azul estava desalinhado e tapava o rosto com um braço, como se estivesse a proteger-se. A meio metro dele, onde devia estar a mesa de estudo, pairava uma abertura reluzente. Pug olhou embasbacado para o ponto no ar. Uma enorme esfera cinzenta mas que não era bem cinzenta, reluzia com traços de um espectro intermitente. Não conseguia ver para lá dela, mas nada tinha de sólido. Via-se um par de braços humanos a sair do espaço acinzentado, a tentar alcançar o mago. Ao tocar o tecido do manto, as mãos pararam e tatearam o tecido. Como se tivesse sido tomada uma decisão, avançaram pelo corpo, até identificarem o braço de Kulgan. Uma mão agarrou-o e tentou levá-lo para o vazio. Pug ficou horrorizado, pois quem quer ou o que quer que estivesse do outro lado da abertura estava a tentar levantar e levar o robusto mago. Surgiu outro par de mãos que pegou no braço do mago junto ao ponto onde o primeiro o estava a segurar e Kulgan começou a ser arrastado para o vazio.

Pug virou-se e agarrou numa das espadas encostadas à parede onde os guardas horrorizados as tinham deixado. Antecipando-se a

alguma reação por parte dos soldados, fez pontaria ao vazio cinzento e lançou.

A espada voou os três metros que os separavam de Kulgan e desapareceu no vazio. Volvido um breve segundo, os braços largaram Kulgan e afastaram-se. De repente, a abertura acinzentada tremeluziu e desapareceu, ouvindo-se um ruído enquanto o ar se precipitava para o preencher. Pug correu até Kulgan, ajoelhando-se ao lado do seu mestre.

O mago respirava, mas o rosto estava lívido e coberto de gotas de suor. A pele estava fria e húmida. Pug correu até à tarimba de Kulgan e tirou um cobertor. Enquanto cobria o mago, gritou para os guardas:

— Vão buscar o Padre Tully.

**P**ug e Tomas ficaram acordados naquela noite, incapazes de dormir. Tully tratara do mago e o prognóstico era favorável. Kulgan estava em estado de choque, mas iria recuperar dentro de um ou dois dias.

O Duque Borric questionara Pug e os guardas quanto ao que tinham testemunhado e agora o castelo estava numa excitação. Todos os guardas tinham sido chamados e as patrulhas às áreas remotas do Ducado tinham sido reforçadas. O Duque ainda não sabia qual seria a ligação entre o aparecimento do navio e a invulgar manifestação nos aposentos do mago, mas não queria correr riscos quanto à protecção do seu reino. Ao longo das muralhas do castelo, foram acesos archotes e tinham sido enviados guardas ao farol de Ponta Longa e ao burgo mais abaixo.

Tomas estava sentado junto de Pug num banco do jardim da Princesa Carline, um dos poucos lugares sossegados no castelo. Tomas olhou com um ar pensativo para Pug.

— Parece-me que este povo tsurani vem aí.

Pug passou uma mão pelo cabelo.

— Não sabemos.

Tomas parecia cansado.

— Tenho um pressentimento.

Pug acenou com a cabeça.

— Amanhã saberemos, quando Kulgan nos conseguir contar o que aconteceu.

Tomas olhou para a muralha.

— Não me lembro de ver este sítio com um ambiente tão estranho. Nem sequer quando a Irmandade das Trevas e os trasgos atacaram quando nós éramos pequenos, lembra-te?

Pug anuiu, calado por um momento, para depois dizer:

— Nessa altura, sabíamos o que estávamos a enfrentar. Volta e

meia, os elfos negros atacavam castelos e isso dá-se desde que há memória. E os trasgos... bom, são trasgos.

Ficaram mudos durante muito tempo; até que o som de botas no pavimento anunciou a chegada de alguém. O Mestre de Armas Fanon, de cota de malha e tabardo, parou perante os dois.

— O quê? Acordados a estas horas? Já deviam estar deitados. — O velho combatente virou-se para inspeccionar as muralhas do castelo. — São muitos os que não conseguem dormir esta noite. — Voltou a centrar a atenção nos rapazes. — Tomas, um soldado tem de aprender a capacidade de dormir sempre que lhe for possível, pois são muitos os dias que se sucedem sem o poder fazer. E o Escudeiro Pug também devia estar a dormir. Vá lá, vão tentar descansar.

Os rapazes anuíram, desejaram uma boa-noite ao Mestre de Armas e foram-se embora. O comandante grisalho da guarda do Duque ficou a vê-los afastarem-se e permaneceu em silêncio no pequeno jardim por algum tempo, sozinho com os seus pensamentos inquietantes.

**P**ug despertou ao som de passos junto à sua porta. Depressa vestiu umas calças e uma túnica e subiu a correr os degraus até ao quarto de Kulgan. Passando a porta que fora apressadamente substituída, deparou com o Duque e o Padre Tully junto à tarimba de Kulgan. Pug ouviu a voz do mestre, muito débil, queixando-se de ser obrigado a ficar na cama.

— Já vos disse, estou bem — insistiu Kulgan. — Deixem-me andar um bocado e regresso ao normal não tarda.

Tully, ainda com um ar abatido, contrapôs:

— Regressais à cama, dizei antes. Sofrestes um golpe perigoso, Kulgan. O que quer que vos deixou inconsciente tinha a mão pesada. Tivestes sorte, podia ter sido muito pior.

Kulgan reparou em Pug, que ficara discretamente à porta, não querendo perturbar ninguém.

— Ah, Pug — disse, com uma voz que parecia recuperar algum do seu habitual timbre. — Entra, entra. Parece que tenho de te agradecer por não ter sido obrigado a empreender uma viagem inesperada com companheiros desconhecidos.

Pug sorriu pois Kulgan parecia ter recuperado a sua maneira jovial, apesar do aspecto macilento.

— Na verdade, não fiz nada, senhor. Só me pareceu que havia algo errado e agi.

— Agiste depressa e bem — disse o Duque, sorrindo. — O rapaz volta a ser responsável pelo bem-estar de um membro da minha casa.



Por este andar, ainda tenho que lhe outorgar o título de Defensor da Casa Ducal.

Pug sorriu, satisfeito com o elogio do Duque. Borric dirigiu-se ao mago.

— Ora bem, como parece que estais cheio de energia, julgo que devemos conversar acerca do dia de ontem. Sentis-vos bem para tal?

A pergunta provocou uma expressão irritada em Kulgan.

— Claro que me sinto bem. É o que vos tento dizer há dez minutos. — Kulgan começou a levantar-se da cama, mas ao ser acometido por tonturas, Tully pousou-lhe uma mão no ombro, orientando-o de volta ao monte de almofadas onde estivera a repousar.

— Podem muito bem conversar aqui, agradecido. Agora, deixai-vos estar deitado.

Kulgan não protestou. Logo, sentindo-se melhor, disse:

— Tudo bem, mas passai-me o meu cachimbo, se faz favor.

Pug foi buscar o cachimbo de Kulgan e a bolsa de tabaco e, enquanto o mago carregava o forninho, acendeu na braseira um pau comprido a arder na ponta e levou-o. Kulgan acendeu o cachimbo e, quando estava a seu contento, recostou-se com um ar de satisfação.

— Ora bem — disse —, por onde começamos?

O Duque apressou-se a pô-lo ao corrente daquilo que Tully revelara, com o sacerdote a acrescentar alguns detalhes que o Duque deixava passar. Ao terminarem, Kulgan acenou com a cabeça.

— A vossa suposição acerca da origem deste povo é plausível. Suspeitei dessa possibilidade quando vi os artefactos trazidos da embarcação e os acontecimentos que se deram ontem neste quarto confirmaram essa hipótese. — Parou por um instante, organizando os pensamentos. — O pergaminho era uma carta pessoal de um mago deste povo, os tsurani, à sua esposa, mas era mais do que isso. O lacre estava provido magicamente de forma a forçar o leitor a recitar um feitiço contido no final da mensagem. É um feitiço notável que permite que qualquer um, saiba ou não ler normalmente, leia o pergaminho.

O Duque disse:

— Mas que estranho.

Tully comentou:

— É surpreendente.

— Desconheço por completo os conceitos que envolve — concordou Kulgan. — De qualquer forma, tinha neutralizado aquele feitiço para poder ler a carta sem receio de ciladas mágicas, habituais nas mensagens pessoais escritas por magos. Obviamente que o idioma era estranho e recorri a um feitiço de outro pergaminho para o traduzir.



Ainda que tenha compreendido o idioma com aquele feitiço, não entendi bem tudo o que ali era discutido.

“Um mago chamado Fanatha estava a viajar de barco até uma cidade no mundo de onde é originário. Após vários dias no mar, foram atingidos por uma borrasca rigorosa. O navio perdeu o mastro e muitos membros da tripulação caíram borda fora, levados pelas ondas. O mago redigiu o pergaminho num instante – estava escrito numa caligrafia apressada – e lançou-lhe os feitiços. Ao que parece, este homem podia ter abandonado o navio quando desejasse e regressado à sua terra ou a qualquer outro lugar seguro, mas foi impedido de o fazer face à preocupação pelo navio e respectiva carga. Não estou certo quanto a este ponto, mas o tom da carta sugere que a opção de arriscar a vida pelos outros no navio seria, de certa forma, invulgar. Outro aspecto intrigante é a referência do seu dever a alguém a quem chamava de “Senhor da Guerra”. Posso estar a tirar conclusões precipitadas, mas o tom leva-me a pensar que era uma questão de honra ou uma promessa, não se tratando de um dever pessoal. Seja como for, redigiu a carta, lacrou-a para depois empreender a mudança do navio por magia.

Tully abanou a cabeça, incrédulo.

— Incrível.

— E, da forma como entendemos a magia, impossível — acrescentou Kulgan com excitação.

Pug reparou que o interesse profissional do mago não era partilhado pelo Duque, que parecia notoriamente inquieto. O rapaz recordou-se do comentário de Tully quanto ao significado de magia daquela dimensão caso aquele povo planeasse invadir o Reino. O mago prosseguiu:

— Estas pessoas possuem poderes quanto aos quais podemos apenas especular. O mago foi bastante claro em relação a várias questões – a capacidade de resumir tantas ideias numa mensagem tão curta revela uma mente invulgarmente organizada.

“Não se poupou a esforços para tranquilizar a esposa que faria tudo ao seu alcance para regressar. Referiu que iria abrir uma brecha para o “novo mundo” pois – e isto eu não compreendo na íntegra – já fora estabelecida uma ponte e o dispositivo que ele possuía não tinha... uma certa capacidade para deslocar o navio no seu próprio mundo. Ao que tudo indica, foi uma jogada desesperada. Lançou um segundo feitiço ao pergaminho – e foi isto que me surpreendeu no final. Julguei que ao neutralizar o primeiro feitiço também teria anulado o segundo, mas estava errado. O segundo feitiço foi concebido para ser desencadeado assim que alguém terminasse de ler o pergaminho em voz alta,

outra amostra inaudita de artes mágicas. O feitiço levou a que outra dessas brechas se abrisse, para fazer chegar a mensagem a um lugar chamado “a Assembleia” e daí à sua esposa. Quase fui apanhado na brecha com a mensagem.

Pug avançou. Sem pensar, deixou escapar:

— Então aquelas mãos podiam ser dos amigos que tentavam encontrá-lo.

Kulgan olhou para o aprendiz e anuiu.

— É uma possibilidade. Seja como for, podemos retirar muito desse episódio. Estes tsurani têm uma capacidade de controlo da magia que podemos somente entrever nas nossas especulações. Sabemos um pouco quanto à ocorrência de brechas, mas nada quanto à sua natureza.

O Duque pareceu surpreendido.

— Podeis explicar, por favor?

Kulgan inspirou profundamente no cachimbo e disse:

— A magia, por natureza, é instável. Às vezes, um feitiço deforma-se – o motivo, não sabemos – a tal ponto que... rompe a estrutura do mundo. Por breves instantes, surge uma brecha e forma-se uma passagem para... algures. Pouco mais se sabe destas ocorrências, exceptuando o facto de que envolvem descargas gigantescas de energia.

Tully interveio:

— Existem teorias, mas ninguém compreende o que leva a que de vez em quando um feitiço ou um expediente mágico, expluda subitamente desta forma e o que leva, de facto, à formação desta instabilidade. Já se deram várias ocorrências deste género, mas dispomos apenas de observações indirectas em que nos podemos basear. Aqueles que testemunharam a criação dessas brechas morreram ou desapareceram.

Kulgan retomou a narrativa:

— Parte-se do axioma de que foram destruídos bem como tudo a vários metros da brecha. — Ficou pensativo por um momento. — Pela lógica, eu devia ter morrido quando aquela brecha surgiu no meu gabinete.

O Duque interrompeu:

— Da vossa descrição, estas brechas, como lhes chamais, são perigosas.

Kulgan confirmou.

— E também imprevisíveis. Constituem uma das mais incontrolláveis forças alguma vez descobertas. Se este povo sabe forjá-las bem como controlá-las, servindo como portão entre mundos, e se estas pessoas conseguem transpô-las em segurança, quer dizer que possuem capacidades de uma espécie muitíssimo poderosa.

— Já antes desconfiávamos da natureza das brechas, mas esta é a primeira vez que temos uma prova irrefutável — disse Tully, levando Kulgan a exclamar:

— Bah! Ao longo dos anos, lá iam surgindo repentinamente pessoas estranhas e objectos desconhecidos, Tully. É certo que tudo isto explicaria a sua origem.

Tully parecia relutante em admitir aquela afirmação.

— Não passa de teoria, Kulgan; não constitui prova. As pessoas já chegaram mortas e os mecanismos... ninguém entende os dois ou três que não ficaram carbonizados e retorcidos ao ponto de ficarem irreconhecíveis.

Kulgan sorriu.

— Deveras? E o que dizeis do homem que apareceu há vinte anos em Salador? — Dirigiu-se ao Duque: — Este homem não falava um idioma conhecido e vestia estranhos trajes.

Tully olhou com certo desagrado para Kulgan.

— Além de que estava completamente louco e nunca conseguiu articular uma palavra compreensível. Os templos investiram bastante tempo nele...

Borric empalideceu.

— Deuses! Uma nação de guerreiros, com exércitos muitas vezes o tamanho do nosso, com acesso livre ao nosso mundo. Esperemos que não tenham dirigido os olhares para o Reino.

Kulgan fez um aceno com a cabeça e deu uma baforada.

— Até agora, não voltámos a ouvir falar de outros surgimentos destas pessoas e podemos até não precisar de os temer, mas tenho um pressentimento... — Por um instante, deixou o pensamento por concluir. Virou-se ligeiramente para o lado, aliviando algum desconforto, e disse: — Pode não ser nada, mas a referência a uma ponte na mensagem inquieta-me. Sugere que já existe uma passagem permanente entre os mundos. Espero estar enganado. — O som de passos pesados nas escadas fê-los virar. Um guarda surgiu a correr e pôs-se em sentido ante o Duque, entregando-lhe um papel.

O Duque mandou o homem embora e abriu o papel dobrado. Leu-o depressa e passou-o a Tully.

— Enviei os cavaleiros mais rápidos aos elfos e aos anões, com pombos que trariam as respostas. A Rainha dos Elfos mandou uma mensagem dizendo que já está a caminho de Crydee e que chegará aqui dentro de dois dias.

Tully abanou a cabeça.

— Em toda a minha vida, não me recordo de ouvir dizer que a

Senhora Aglaranna tivesse saído de Elvandar. Fico gelado até à medula.

Kulgan disse:

— A situação deve estar perto de uma reviravolta grave para que aqui venha. Espero estar enganado, mas julgo não sermos os únicos com notícias destes tsurani.

Apoderou-se um silêncio do quarto e Pug foi assolado por uma sensação de impotência. Afastou-a, mas os seus ecos seguiram-no durante vários dias.